



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA

LITERATURA JUVENIL PREMIADA: DIÁLOGOS ENTRE PESQUISAS
ACADÊMICAS, CRÍTICA ESPECIALIZADA, ESCOLA E
ADOLESCENTES LEITORES

VITÓRIA

2019



Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA

**LITERATURA JUVENIL PREMIADA: DIÁLOGOS ENTRE PESQUISAS
ACADÊMICAS, CRÍTICA ESPECIALIZADA, ESCOLA E ADOLESCENTES
LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de pesquisa: Educação e Linguagens (verbal).

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Amélia Dalvi Salgueiro.

VITÓRIA

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S7191 Souza, Danilo Fernandes Sampaio de, 1991-
Literatura juvenil premiada : diálogos entre pesquisas
acadêmicas, crítica especializada, escola e adolescentes leitores
/ Danilo Fernandes Sampaio de Souza. - 2019.
212 f. : il.

Orientadora: Maria Amélia Dalvi Salgueiro.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Literatura. 2. Educação. 3. Literatura infantojuvenil. 4.
Prêmios literários. I. Salgueiro, Maria Amélia Dalvi. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III.
Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA

LITERATURA JUVENIL PREMIADA: DIÁLOGOS ENTRE
PESQUISAS ACADÊMICAS, CRÍTICA ESPECIALIZADA,
ESCOLA E ADOLESCENTES LEITORES

Dissertação apresentada ao Curso
de Mestrado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Educação.

Aprovada em 19 de agosto de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Amélia Dalvi Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Cleonara Maria Schwartz
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Eudma Poliana Medeiros Elisbon
Governo do Estado do Espírito Santo

Professora Doutora Silvana Augusta Barbosa Carrijo
Universidade Federal de Goiás

Dedico esta dissertação

À minha bisavó Vitalina Maria de Jesus (em memória), com amor, carinho e
saúde.

AGRADECIMENTOS

Àquele que me sustentou e permitiu que mesmo em meio a uma rotina extensa de trabalho e estudo, eu concluísse essa pesquisa com saúde física e emocional.

À minha querida professora e orientadora, Maria Amélia Dalvi, por sua valiosa contribuição nessa etapa muito significativa da minha vida profissional. Com você tive o privilégio de cursar mais da metade das disciplinas realizadas durante o mestrado. É difícil mensurar e descrever com palavras o quanto a sua postura ética, carinhosa e atenta, seu amor pela profissão e sua luta pela educação pública de qualidade para todos me impactaram e foram essenciais em minha formação enquanto professor, pesquisador e, principalmente, sujeito da minha própria história. A você, minha querida prof^a, minha eterna gratidão.

À Valdete da Macena, minha professora na graduação e orientadora na monografia de conclusão de curso. Com você aprendi tantas lições importantes e mesmo depois do término do vínculo acadêmico, o vínculo maior, o afetivo, permanece vivo. Obrigado por sua amizade!

Às mulheres da minha vida – minha bisavó, Vitalina (em memória), minha avó, Áurea, minha mãe, Creuzita, e minha irmã, Driele - que mesmo sem entender direito o que eu estava estudando, me apoiaram e compreenderam as minhas ausências. Um agradecimento especial à minha bisa, que partiu no final desta caminhada, mas deixou importantes lições de vida, nunca a esquecerei!. Amo vocês!

À minha tia Alzira, pela grande contribuição na minha formação enquanto sujeito leitor. Somente durante o processo de escrita me dei conta de sua importância.

Aos meus alunos, pelo entusiasmo com que toparam participar desta pesquisa.

À minha escola do coração, o extinto colégio Wilson Alves de Brito, em Teixeira de Freitas-BA. Lá dei meus primeiros passos no magistério. Aprendi muito, fiz amizades e pude realizar os primeiros projetos de leitura. Saudades daquela época!

À turma 31 do Mestrado em Educação do PPGE, em especial, aos colegas da linha Educação e Linguagens: Bárbara, Débora, Danielle, Filipe, Lívia, Monique, Nayara, Paola e Tiana.

Ao grupo de pesquisa Literatura e Educação, pelo acolhimento, pela força e incentivo. Com vocês eu aprendo a cada dia. Um agradecimento em especial aos amigos: Arnon, Mariana, Lucy, Eudma, Josinea e Patrícia pelas valiosas contribuições.

Às professoras Cleonara Maria Schwartz, Eudma Poliana Elisbon e Silvana Carrijo, pelos apontamentos tão precisos e indispensáveis para o término deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente foram partícipes na realização deste sonho.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (ROSA, 2001, p. 334).

RESUMO

A dissertação ora apresentada vincula-se às investigações da Linha de Pesquisa “Educação e Linguagens” do Programa de Pós-Graduação em Educação e insere-se nos diálogos do Grupo de Pesquisa “Literatura e Educação”, da Universidade Federal do Espírito Santo. De abordagem qualitativa, este estudo, produzido na confluência entre pesquisas acadêmicas, crítica literária, escola e leitor adolescente, investigou, no âmbito de uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio da rede estadual de ensino do Espírito Santo, que diálogos alunos matriculados no 9º ano do ensino fundamental estabelecem com os livros juvenis cancelados pelo “Prêmio Jabuti” da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo prêmio “Orígenes Lessa - O Melhor para o Jovem” outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), contrastando tais impressões com a opinião da crítica literária e da escola. Para tanto, foram selecionadas, pelos adolescentes leitores sujeitos da pesquisa, entre dez obras premiadas pela CBL e FNLIJ nos anos de 2013 a 2017, os livros *Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo (Prêmio Jabuti 2014); *A linha negra*, de Mario Teixeira (Prêmio Jabuti 2015); *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza (Prêmio FNLIJ 2013) e *Um lugar chamado aqui*, de Felipe Machado (Prêmio FNLIJ 2017). De fato, para identificar os diálogos entre a opinião da crítica, da escola e do leitor adolescente, este trabalho alia pesquisa bibliográfica-documental à pesquisa de campo e pauta-se nas orientações teóricas de Mikhail Bakhtin (1981; 1993; 2006; 2011), quanto ao dialogismo e à polifonia; Maria Amélia Dalvi (2012; 2013; 2014), no que se referem às concepções de leitura e literatura; e João Luís Ceccantini (2000; 2004; 2015a; 2015b; 2016; 2017), Alice Áurea Penteado Martha (2011; 2012; 2013; 2014) e Vera Teixeira de Aguiar (2012; 2013; 2015), no que concerne à literatura juvenil brasileira. Dessa forma, este trabalho, na interface entre literatura e educação, soma-se ao cabedal de pesquisas acadêmicas que visam ao reconhecimento da literatura juvenil enquanto objeto estético, sem desconsiderar as relações estabelecidas entre jovens, leitura e escola. Busca, assim, conhecer alternativas para melhorar as práticas de formação do leitor na escola, principalmente nos anos finais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Literatura Juvenil brasileira premiada; Prêmio Jabuti; Prêmio FNLIJ; Formação de leitores.

ABSTRACT

The dissertation presented here is linked to the investigations of the Research Line "Education and Languages" of the Graduate Program in Education, and is part of the dialogues of the Research Group "Literature and Education", of the Federal University of Espírito Santo. From a qualitative approach, this study, produced at the confluence between academic research, literary criticism, school and adolescent reader, investigated, within a public elementary and high school of the state school of Espírito Santo, which dialogues students enrolled in the 9th grade of elementary school establish with the youth books cancelled by the "Jabuti Prize" of the Brazilian Book Chamber (CBL) and the "Orígenes Lessa - Best for the Young" award granted by the National Children's Book Foundation (FNLIJ), contrasting such impressions with the opinion of the literary critic and the school. To this end, the research subjects selected by the adolescent readers, among ten works awarded by the CBL and FNLIJ in the years 2013 to 2017, the books *Fragositas brenhas do matero*, by Ricardo Azevedo (Jabuti Award 2014); *The Black Line*, by Mario Teixeira (Jabuti Award 2015); *At 7 and 40*, by João Anzanello Carrascoza (FNLIJ Award 2013) and *A place called here*, by Felipe Machado (FNLIJ Award 2017). In fact, to identify the dialogues between the opinion of the critic, the school and the adolescent reader, this work combines bibliographic-documentary research with field research and is guided by the theoretical orientations of Mikhail Bakhtin (1981; 1993; 2006; 2011). as for Dialogism and Polyphony; Maria Amélia Dalvi (2012; 2013; 2014), regarding the conceptions of reading and literature; and João Luís Ceccantini (2000; 2004; 2015a; 2015b; 2016; 2017), Alice Áurea Penteado Martha (2011; 2012; 2013; 2014) and Vera Teixeira de Aguiar (2012; 2013; 2015), regarding the youth literature Brazilian. Thus, this work, at the interface between literature and education, adds to the background of academic research aimed at recognizing youth literature as an aesthetic object, without disregarding the relationships established between young people, reading and school. Thus, it seeks to know alternatives to improve reader training practices at school, especially in the final years of elementary school.

Keywords: Awarded Youth Literature; Jabuti Award; FNLIJ Award; Readers training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da Sede da Câmara Brasileira do Livro.....	28
Figura 2 – Foto da estatueta da premiação.....	28
Figura 3 - Foto da Casa da Leitura, atual local de funcionamento da FNLIJ.....	34
Figura 4 – Foto do Palácio Gustavo Capanema, antigo local de funcionamento da FNLIJ.....	34
Figura 5 – Capa do livro <i>Aos 7 e aos 40</i>	109
Figura 6 - Capa do livro <i>Aquela água toda</i>	109
Figura 7 – Capa do livro <i>O labatruz e outras desventuras</i>	110
Figura 8 e 9 – Capa do livro <i>A linha negra</i> e imagem reproduzida da página 176.....	110
Figura 10 e 11 – Capa do livro <i>Fragosas brenhas do mataréu</i> e imagem reproduzida da contracapa do livro.....	111
Figura 12 – Capa do livro <i>Namíbia, não!</i>	111
Figura 13 e 14 – Capa do livro <i>Desequilibristas</i> e imagens reproduzidas das páginas 11 e 12.....	112
Figuras 15 e 16 – Capa do livro <i>Iluminuras</i> e imagens reproduzidas das páginas 7 e 8.....	113
Figuras 17 e 18 – Capa do livro <i>Um lugar chamado aqui</i> e imagem reproduzida da página 26.....	114
Figura 19 – Capa do livro <i>Dentro de mim ninguém entra</i>	115
Figuras 20 e 21 – imagens das páginas 6 e 7; 12 e 13 de <i>Aos 7 e aos 40</i>	137

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos sujeitos da pesquisa.....	79
Gráfico 2 - Pergunta: Você gosta de ler?.....	80
Gráfico 3 – Frequência de leitura nas redes sociais.....	81
Gráfico 4 – Pergunta: Você tem o hábito de ler livros de ficção/literatura?.....	81
Gráfico 5 – Opção mais interessante para a leitura.....	82
Gráfico 6 – Pergunta: Há projetos de leitura na sua escola?.....	82
Gráfico 7 – Quantidade de livros literários lidos por ano.....	84
Gráfico 8 – Acesso ao livro.....	84
Gráfico 9 – Prática de compra e ganho de livros.....	86
Gráfico 10 – Concepções de leitura.....	87
Gráfico 11 – Motivações à leitura.....	88
Gráfico 12 – Pergunta: Quem mais o influencia a ler?.....	90
Gráfico 13 – Escritores mais lido.....	93

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Preferências de leitura.....	91
Tabela 2 – Livros que mais marcaram a vida dos entrevistados.....	94
Tabela 3 – Escritor mais lido.....	95
Tabela 4 – Conhecimento de obras juvenis premiadas pela CBL e FNLIJ.....	97
Tabela 5 – Leitura de obras juvenis premiadas pela CBL e FNLIJ.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras premiadas pela CBL.....	31
Quadro 2 – Obras juvenis premiadas pela FNLIJ.....	36
Quadro 3 – Pesquisas que abordam as especificidades da literatura juvenil brasileira.....	42
Quadro 4 – Trabalhos que abordam o Prêmio Jabuti e o prêmio da FNLIJ.....	43
Quadro 5 – Pesquisas que abordam a literatura infantil e juvenil em diálogo com o contexto escolar.....	44
Quadro 6 – Trabalhos do Grupo de Pesquisa <i>Literatura e Educação</i> do PPGE e PPGL da Ufes.....	44
Quadro 7 – Livros juvenis premiados pela CBL nos últimos cinco anos.....	73
Quadro 8 – Livros juvenis premiados pela FNLIJ na categoria “O Melhor para o Jovem”.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBL – Câmara Brasileira do Livro

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

INAF – Indicador Nacional de Alfabetização Funcional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LIJ – Literatura Infantil e Juvenil

PISA - Programme for International Student Assessment

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

PROALE – Programa de Alfabetização Leitura e Escrita

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

IBBY - International Board on Books for Young People

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
1 PRÊMIOS PARA A LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: O “JABUTI” DA CBL E “O MELHOR PARA O JOVEM” DA FNLIJ EM FOCO	26
1.1 O PRÊMIO JABUTI	28
1.2 O PRÊMIO ORÍGENES LESSA – O MELHOR PARA O JOVEM	34
2 O LUGAR DO ESPECÍFICO JUVENIL NAS PESQUISAS ACADÊMICAS, NA CRÍTICA LITERÁRIA E NA ESCOLA	41
2.1 PESQUISAS QUE VERSAM SOBRE AS ESPECIFICIDADES DOS TEXTOS JUVENIS	45
2.2 TRABALHOS QUE VERSAM SOBRE OS PRÊMIOS JABUTI E FNLIJ	55
2.3 PESQUISAS QUE VERSAM SOBRE A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PREMIADA EM DIÁLOGO COM O CONTEXTO ESCOLAR	57
2.4 TRABALHOS DO GRUPO DE PESQUISA <i>LITERATURA E EDUCAÇÃO</i>	60
3 LEITURA, LITERATURA, DIALOGISMO E POLIFONIA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	64
3.1 CONCEPÇÃO DE LEITURA E LITERATURA.....	64
3.2 DIALOGISMO E POLIFONIA	67
3.3 METODOLOGIA.....	70
4 O ADOLESCENTE E A LEITURA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS POR MEIO DE QUESTIONÁRIOS	78
4.1 O CENÁRIO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	78
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS.....	79
4.3 PRÁTICAS DE LEITURA	80
4.4. CONCEPÇÕES DE LEITURA.....	87
4.5 MOTIVAÇÕES À LEITURA.....	88
4.6 PREFERÊNCIAS DE LEITURA	91
4.7 CONHECIMENTO DE OBRAS PREMIADAS	96
5 NARRATIVAS JUVENIS PREMIADAS: A VOZ DA CRÍTICA, DA ESCOLA E DO LEITOR	100
5.1 PERFIL DOS LIVROS PREMIADOS ENTRE 2013-2017	101
5.2 <i>FRAGOSAS BRENHAS DO MATARÉU</i> , DE RICARDO AZEVEDO (PRÊMIO JABUTI 2014).....	116

5.3 <i>A LINHA NEGRA</i> , DE MARIO TEIXEIRA (PRÊMIO JABUTI 2015)	124
5.4 <i>AOS 7 E AOS 40</i> , DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA (PRÊMIO FNLIJ 2014)	133
5.5 <i>UM LUGAR CHAMADO AQUI</i> , DE FELIPE MACHADO E DANIEL KONDO (PRÊMIO FNLIJ 2017)	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	154
APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR	162
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	163
APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	168
APÊNDICE D – ROTEIRO DE GRUPO FOCAL	172
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO	176
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EM GRUPO	183

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde bem pequeno tive¹ disposição para a leitura. Na infância, apesar dos poucos recursos financeiros, sempre manifestava o desejo e o interesse pela literatura mesmo sem ter referências de leitores na família. Durante minha vida escolar, quando me era oportunizado o acesso aos livros na biblioteca, mergulhava nas histórias lidas e nos encantos da ficção. Nas brincadeiras entre amigos, mostrava o desejo de lecionar.

Durante meu Ensino Médio, o acesso às obras literárias foi dificultado devido ao não funcionamento da biblioteca escolar, único meio de contato com os livros literários. Aos 16 anos de idade, no último ano do Ensino Médio, prestei o vestibular para o curso de Letras Vernáculas ofertado pela Universidade do Estado da Bahia, única universidade pública da região do Extremo Sul da Bahia naquela época.

Mediante a entrada na Universidade, um mundo novo saltava aos meus olhos. A cada semestre me apaixonava mais pelas letras e pela literatura. Durante a graduação, apesar de um leque grande de disciplinas ofertadas, uma em especial me envolveu: *O estético e o lúdico na literatura infanto-juvenil*. Nessa disciplina tive a oportunidade de conhecer obras e autores infantis e juvenis, bem como o processo de formação do leitor, temas que começaram a me interessar.

Comecei a lecionar aos 18 anos, substituindo uma professora. Em seguida, participei de um processo seletivo para professor e iniciei, de fato, como contratado. Durante os primeiros anos do magistério, percebi a dificuldade e a falta de motivação que os alunos possuíam na leitura e interpretação de textos, e eu, um

¹ Utilizo nos primeiros parágrafos a primeira pessoa do singular, motivado pela pesquisadora Denise Najmanovich que, em seu livro *O sujeito encarnado*, subverte a ordem do discurso na modernidade, especificando em seus textos o lugar de onde se fala, sendo, segundo a autora, uma escolha ética, estética e política (NAJMANOVICH, 2001, p. 8). No decorrer do trabalho, adotaremos a terceira pessoa do plural, uma vez que reconhecemos as múltiplas vozes que se inter cruzam e dialogam com a pesquisa.

apaixonado pela literatura, tentava encontrar metodologias e alternativas para incentivar o hábito de leitura junto aos alunos.

Com o desejo cada vez maior em pesquisar a literatura infantil e juvenil e a formação do leitor devido às dificuldades que eu, enquanto professor da educação básica, enfrento em tentar incentivar o interesse e cultivar o gosto pela leitura por parte dos alunos, escolhi pesquisar no meu trabalho de conclusão de curso essa temática. Então, em setembro de 2012 defendi, em parceria com um colega da graduação, a monografia: *É possível formar leitores na escola pública: uma proposta político-social*.

A vontade de pesquisar um pouco mais sobre a leitura e a formação do leitor literário me impulsionou a entrar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, pois, enquanto professor da educação básica, percebo que uma das grandes reclamações que se tem no ambiente escolar e acadêmico diz respeito ao crescente desinteresse dos jovens pela leitura, primordialmente, por aquela oferecida pela escola.

A sensação que tenho é que apesar de nas últimas décadas a ampla discussão sobre o valor da leitura e seu importante papel na sociedade contemporânea ter aumentado por meio dos saberes advindos da Psicologia, Linguística, Pedagogia, História, Estudos Culturais, entre outros, a escola, instituição primeira responsável pela formação do leitor, aparenta estar a anos-luz desses saberes, visto que o termo “crise da leitura” é constantemente invocado por professores e profissionais ligados à educação.

As pesquisadoras Rösing e Zilberman (2016), no livro *Leitura: história e ensino*, afirmam que o avanço tecnológico trouxe uma especulação muito grande sobre o fim do livro e, conseqüentemente, sobre a morte da leitura. Salientam, ainda, que desde

os anos 1980 “crise da leitura” era termo corrente no que se referia à escola e ao ensino de literatura. Para as autoras:

Talvez ele seja alarmista, talvez mereça um reposicionamento; de todo modo, cabe repensar o que queremos dizer, e sobretudo o que podemos fazer, quando falamos de “leitura”, de sua “crise” e das alternativas de sua prática (RÖSING; ZILBERMAN, 2016, p. 8).

Na tentativa de melhorar as práticas de leitura na escola, congressos, seminários, cursos, publicações teóricas, feiras literárias, entre outros, exploram cada vez mais temáticas relacionadas à formação do leitor, no intuito de encontrar meios de estimular a juventude do século XXI a desenvolver práticas e o gosto pela leitura e literatura. Chartier (2016) aponta que “essa grande mobilização a favor da leitura apoia-se em uma longa tradição de valorização do livro, considerado um vetor eficaz para educar os mais jovens” (CHARTIER, 2016, p. 13).

Se buscarmos dados do passado, encontraremos que é, principalmente, por esse viés educacional que os livros literários destinados a crianças e jovens caminharam-se desde sua gênese. Autores como Charles Perrault, compilador de contos conhecidos como *A bela adormecida*, *Cinderela* e *O gato de botas*, e anos depois os Irmãos Grimm se dedicaram à compilação de contos populares e os adaptaram ao universo infantil. No entanto, em grande parte desses textos compilados, a lição de moral estava subjacente, manifestando a estreita ligação com a ideologia dominante.

Segundo Luft (2010a), é apenas no início do século XX que, no Brasil, a produção literária infantil e juvenil se solidifica, porém, ainda marcadamente vinculada a um viés pedagógico e moralizante, uma vez que os textos eram “representantes de um projeto educacional e ideológico que via na escola e nos textos destinados a crianças e jovens aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos” (LUFT, 2010, p.60-61).

Somente na década de 1970, comumente conhecida como a época em que ocorreu o *boom* da literatura infantil, as publicações destinadas a esse público começaram a romper de forma mais intensa com uma perspectiva utilitarista. Os estudos realizados a partir desse momento foram essenciais para a afirmação da existência de um *subsistema literário infantil* (CECCANTINI, 2004) e para se compreender a necessidade de estabelecer também a rubrica juvenil, uma vez que não era possível identificar em muitas obras características da literatura destinada às crianças e nem da voltada aos adultos.

Desta forma, estudiosos, editoras, autores e instituições literárias, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e a Câmara Brasileira do Livro (CBL), passaram a voltar seus olhares para esse público, concedendo prêmios específicos. Obras que anteriormente eram denominadas genericamente pelo termo “infantojuvenil” passam a ser consideradas especificamente infantis, de um lado, e juvenis, de outro, conforme apresentam características, temáticas, projeto gráfico-editorial e linguagem se diferenciando umas das outras, tendo em vista as diferenças entre os sujeitos crianças e adolescentes, vislumbrados como alvo de potencial recepção leitora. (SOUZA; CARRIJO, 2015).

Atualmente, consoante Ceccantini (2000) e Martha (2011), uma parte do acervo da literatura juvenil brasileira tem se mostrado de alta qualidade, discutindo temas de interesse do jovem no mundo contemporâneo, imerso em dúvidas, sentimentos e questões existenciais e sociais, mas que pode encontrar na literatura um caminho para a compreensão de seus problemas e conflitos, pois, como afirma Todorov (2010):

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver (TODOROV, 2010, p. 76).

É nesse cenário dúbio e paradoxal constituído, de um lado, pelo crescimento numérico da literatura juvenil brasileira de qualidade e, de outro, pela crise do ensino de literatura na escola e dificuldades na formação do leitor, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, que a presente pesquisa, aliada à literatura e ao ensino, tem como **objetivo geral** investigar quais os diálogos que os adolescentes de uma escola pública estabelecem em relação aos livros juvenis cancelados pelo “Prêmio Jabuti” da CBL e pelo prêmio “Orígenes Lessa - O Melhor para o Jovem” outorgado pela FNLIJ. Em outras palavras, tentaremos responder às seguintes questões: a literatura juvenil premiada é conhecida e lida pelos adolescentes matriculados em uma escola pública dos anos finais do ensino fundamental? Ela agrada aos leitores juvenis?

Enfatizamos, na pesquisa, o trabalho com a literatura juvenil que, segundo Dalvi (2014): “Seria um ramo da literatura assim consignado por se dedicar a produzir obras tendo em vista um leitor mais ou menos idealizado, no caso, aquele situado na transição entre infância e juventude” (DALVI, 2014, p. 90).

Em relação à faixa etária, Dalvi (2014) ainda acrescenta:

Entendendo-se por “juvenil” o leitor que se situa, mais ou menos, em relação à faixa etária e à expectativa social quanto à maturidade, entre os 10 ou 11 anos e os 14 ou 15 anos – o que, evidentemente, é suscetível de variações (DALVI, 2014, p. 90).

Julgamos que a narrativa juvenil brasileira pode ser uma das mediadoras da leitura na escola e um diferencial na formação do leitor, uma vez que esta formação deve ser o principal objetivo da literatura em contexto escolar:

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à

leitura, do que advém a validade dessa. (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 22-23).

Ainda de acordo com Zilberman e Silva (2008), o texto literário é uma experiência rica e indispensável na formação do leitor, é uma atividade completa, estimuladora do diálogo, alargadora do conhecimento e que induz às práticas socializantes. Todavia, infelizmente, como apontam os autores, “raramente a escola se preocupa com a formação do leitor” (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 52).

É nesse contexto que justificamos a importância desta pesquisa, uma vez que não se sabe com muita nitidez se as narrativas juvenis premiadas possuem um público leitor na escola e muito menos a opinião sobre essas narrativas pelo público para o qual, em tese, se destinam. Assim, realizamos uma pesquisa de campo na qual investigamos os diálogos que os estudantes adolescentes matriculados no 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual localizada na Grande Vitória estabeleceram, por meio da leitura, com narrativas premiadas por instituições especializadas.² Desse modo, como **objetivo específico**, almejamos contribuir para com o conhecimento das relações entre jovens e a leitura e levantar alternativas para melhorar as práticas de formação do leitor na escola, principalmente nos anos finais do ensino fundamental.

Pretendemos cooperar com os estudos da literatura juvenil, tendo em vista a carência de pesquisas na área constatada a partir da busca de dissertações e teses que se dedicaram ao tema no Catálogo de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao pesquisar a expressão “Literatura Juvenil”, foram encontrados 104 trabalhos defendidos entre 1990 e 2017, sendo 75 dissertações e 29 teses, quantidade ainda tímida se comparadas às pesquisas que se dedicaram à Literatura Infantil (1.000 trabalhos) e à Literatura Brasileira (4.625 trabalhos).

² O nome da escola e o município de realização da pesquisa serão resguardados, consoante orientações dadas pelo Comitê de Ética na Pesquisa.

Corroborando com os dados apontados, Ceccantini (2004) assinala as extensas lacunas de pesquisas acadêmicas nessa área:

Em um país em que sequer a produção contemporânea da ‘outra literatura’ consegue ser razoavelmente assimilada e deglutida pelo meio acadêmico, o que tem sido feito em termos de pesquisa voltada para os enormes números, dígitos e cifras que envolvem o universo da literatura infanto-juvenil contemporânea deixa ainda muito a desejar. Faltam: obras de referência de toda sorte – biografias, dicionários, antologias, entre outros; estudos monográficos sobre um determinado autor ou uma determinada obra, dos mais simples, aos mais complexos, que procurem integrar ambos os aspectos na análise; pesquisas mais generalistas, que deem conta de questões teóricas representativas para a literatura infanto-juvenil brasileira; estudos panorâmicos, considerando conjuntos de autores e obras, empenhados em apontar tendências estéticas, ideológicas etc.; estudos voltados para a recepção da literatura infanto-juvenil em contexto escolar; isto, para citar de modo genérico algumas entre outras lacunas (CECCANTINI, 2004, p. 32).

Em consonância, Martha (2012) salienta que há uma enorme demanda de investigação por se realizar no que se refere ao “específico juvenil”, a fim de mapear as especificidades dessa literatura e asseverar seu valor estético e cultural:

No que concerne à produção para crianças, podemos afirmar que quarenta anos de reflexão contínua contribuíram para o estabelecimento de um cânone diferenciado, com autores e obras que compõem, inclusive, uma história da literatura infantil e contam com crítica altamente especializada, cujos resultados podem ser avaliados em publicações de valor indiscutível. Esses estudos mostraram-se importantes não só para a configuração do estatuto da literatura infantil, mas, sobretudo, para a compreensão do vazio que se abre em relação ao reconhecimento de um “específico juvenil”, cujos produtos se apresentam nos espaços entre aquela produção e a literatura para adultos (MARTHA, 2012, p. 161).

Nesse sentido, investigar as tendências da literatura juvenil, os diálogos estabelecidos com o leitor adolescente e, conseqüentemente, as inter-relações com a escola é urgente e necessário.

Dessarte, inserindo-se nas discussões do Grupo de Pesquisa *Literatura e Educação*, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) que desde 2011 vem se dedicando ao estudo das relações entre livros, leitura, leitores e literatura, faremos, no primeiro

capítulo intitulado *Prêmios para a Literatura Juvenil Brasileira: O “Jabuti” da CBL e “O melhor para o jovem” da FNLIJ em foco*, uma breve apresentação da história das premiações em questão, as curiosidades e críticas aos prêmios.

No segundo capítulo, *O lugar do “específico juvenil” nas pesquisas acadêmicas, na crítica literária e na escola*, apresentaremos as várias vozes e opiniões de pesquisadores e críticos literários no que se refere à literatura destinada a adolescentes e jovens, bem como as contribuições das pesquisas acadêmicas realizadas nos últimos dez anos para nosso objeto de estudo.

No terceiro capítulo, intitulado *Leitura, literatura, dialogismo e polifonia: contribuições teórico-metodológicas*, discutiremos as concepções de leitura e literatura, bem como as noções conceituais de dialogismo e polifonia, que subjazem à nossa investigação.

No quarto capítulo, *O adolescente e a leitura literária: uma análise dos dados produzidos por meio de questionários*, discorreremos sobre o contexto da pesquisa de campo, caracterização da escola investigada e dos sujeitos. Analisaremos também os dados produzidos por meio de questionários aplicados aos estudantes do 9º ano do ensino fundamental.

No quinto capítulo, intitulado *Narrativas juvenis premiadas: a voz da crítica, da escola e do leitor*, serão analisadas as obras juvenis premiadas escolhidas pelos estudantes à luz do referencial teórico, tentando fazer dialogar as diferentes vozes e opiniões sobre as narrativas: a voz das instâncias premiadoras, representada pelos comentários do júri especializado; a voz dos adolescentes, por meio de comentários dos livros lidos e a voz da escola, subjacente ao discurso dos adolescentes e da crítica.

1 PRÊMIOS PARA A LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: O “JABUTI” DA CBL E “O MELHOR PARA O JOVEM” DA FNLIJ EM FOCO

Atribuir um diferencial ou um “selo de qualidade” a uma obra literária se torna indispensável em um mercado editorial cada vez mais competitivo e dinâmico. Nesse viés, obras que são laureadas se favorecem da visibilidade alcançada, “atingindo cada vez mais consumidores de idiomas vários, em traduções cuidadas, projetos gráficos primorosos e amplas edições, na língua original e em tantas outras” (AGUIAR, TURCHI e MARTHA, 2013, p. 39). Dessa forma, a constituição de prêmios é relevante para a literatura em geral.

No que concerne à importância dos prêmios para a literatura destinada a crianças e jovens, Ceccantini (2015a), em artigo intitulado “A hora e a vez da literatura juvenil”, destaca que

[...] os prêmios desempenham papel essencialmente importante na difusão de novos autores e obras e na consolidação do próprio sistema ou de seus subsistemas (como é o caso da literatura infantil e juvenil), construindo pouco a pouco cânones (CECCANTINI, 2015a, p. 90).

É importante salientar que tais premiações destinadas a obras infantis e juvenis só venham a ocorrer em meados do século XX, depois do reconhecimento artístico da literatura de Monteiro Lobato, como atestam Ceccantini e Valente (2013):

É significativo que prêmios para obras da literatura infantil e juvenil brasileira só venham a ser concedidos com regularidade a partir do final dos anos 1950, uma vez que, no caso brasileiro, só é possível pensar a literatura infantil e juvenil como um subsistema literário efetivamente estabelecido com o advento do ‘furacão’ Monteiro Lobato (1882-1948) e a publicação de sua obra para crianças e jovens, que vai do início dos anos 1920 ao final dos anos 1940. Nos anos 1950, como apontam com muita pertinência Zilberman e Lajolo (1986: 9-10): ‘o gênero infantil, consolidado, reflete a modernização social do País e a fidelidade de um público já bastante expressivo.’ É então que se verificam as condições propícias para que venham a nascer prêmios literários voltados à produção de livros infantis e juvenis (CECCANTINI; VALENTE, 2013, p. 261).

No entanto, sabemos que conferir valor a tais premiações, não as isentam de equívocos e interesses que vão além da qualidade estética das obras premiadas. As relações entre literatura e mercado são evidentes e, muitas vezes, os aspectos mercadológicos podem ser preponderantes nos critérios de seleção. Nesse sentido, os pesquisadores salientam:

[...], ainda que não possamos creditar ao mercado, inocentemente, as melhores das intenções, temos de observar que os espaços de premiação colocam lado a lado figurações do capital, da crítica, da arte e da leitura em um espaço simbólico propício a discussões de maior envergadura. Das convergências e divergências possíveis desse encontro esperam-se, como muitas vezes têm sido implementadas, ações criativas e eficazes que consigam, de uma forma ou de outra, colocar os melhores livros nas mãos de crianças e jovens em vias de se tornarem nossos leitores do futuro e, principalmente, do presente (CECCANTINI; VALENTE, 2013, p. 275).

Dessa forma, apesar das múltiplas intenções de diversas instâncias, os prêmios literários, muitas vezes, evidenciam o valor estético da obra literária, ressaltando as que possuem qualidade literária. Por isso escolhemos, em nossa pesquisa, trabalhar com a literatura juvenil premiada.

No intuito de evidenciar a importância dos prêmios literários e suas instituições proponentes que aqui formam o suporte para definição do *corpus* de análise, cientes do jogo de interesses que tais premiações trazem em seu bojo, apresentaremos, a seguir, algumas informações relevantes, objetivos e curiosidades de duas instituições importantes que selecionam obras significativas da literatura juvenil a cada ano: a CBL, que outorga o “Prêmio Jabuti”, e, a FNLIJ, que concede o prêmio “Orígenes Lessa - O Melhor Para o Jovem”. A nossa escolha por essas duas premiações se deve ao fato de que elas são as que mais frequentemente têm realizado a concessão de prêmios distintos para as categorias infantil e juvenil, demonstrando certo reconhecimento da autonomia dos subsistemas.

1.1 O PRÊMIO JABUTI

A Câmara Brasileira do Livro, que há 60 anos outorga o Prêmio Jabuti, é uma entidade nacional, sem fins lucrativos, com sede em São Paulo e que foi criada em 1946. A entidade tem como objetivo “defender e difundir o livro” (Estatuto da CBL, 2019), e, como missão “Atender aos objetivos maiores de seus associados e ampliar o mercado editorial por meio da democratização do acesso ao livro e da promoção de ações para difundir e estimular a leitura.” (Site da CBL, 2019). Atualmente, a CBL conta com mais de 400 associados em todo o Brasil (Site da CBL, 2019).

Figura 1: Foto da Sede da Câmara Brasileira do Livro



Fonte: Blog do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6)

Figura 2: Foto da Estatueta da premiação



Fonte: Site metropoles.com

Para Furtado (2011), há um paradoxo muito grande entre mercado editorial e interesses artísticos nas premiações concedidas, uma vez que não há menção nos objetivos, nem na missão da CBL, à valorização estética das obras premiadas, “o que não quer dizer que não o façam, mas também não definem claramente em seu objetivo” (FURTADO, 2011, p.63).

A história do Prêmio Jabuti, outorgado pela CBL, tem início em 1958, quando se iniciam discussões sobre o interesse em premiar autores, ilustradores, gráficos, livreiros e editores que se destacavam a cada ano. Tais debates foram fomentados,

principalmente, por Edgar Cavalheiro e Mario da Silva Brito, estudiosos da literatura brasileira da época, além de, respectivamente, presidente e secretário da instituição.

Em 1959 ocorre a primeira edição do Prêmio Jabuti. O nome do prêmio tem ligação estreita com o ambiente cultural e político da época, influenciado pelo modernismo e nacionalismo e a necessidade de valorização da cultura popular. O jabuti, personagem criado por Monteiro Lobato em *Reinações de Narizinho*, ganhou a simpatia dos dirigentes da CBL por ser obstinado, esperto e tenaz para vencer obstáculos. Naquele ano, foram premiadas sete categorias: Literatura; Capa; Ilustração; Editor do Ano; Gráfico do Ano; Livreiro do Ano e Personalidade Literária.

Com o passar dos anos, muitas categorias foram criadas para a premiação, como por exemplo, em 2017, 29 categorias foram contempladas: Adaptação; Arquitetura, Urbanismo, Artes e Fotografia; Biografia; Capa; Ciências da Natureza, Meio Ambiente e Matemática; Ciências da Saúde; Ciências Humanas; Comunicação; Contos e Crônicas; Didático e Paradidático; Direito; Economia, Administração, Negócios, Turismo, Hotelaria e Lazer; Educação e Pedagogia; Engenharias, Tecnologias e Informática; Gastronomia; História em Quadrinhos; Ilustração; Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil; Infantil; Infantil Digital; Juvenil; Livro Brasileiro Publicado no Exterior; Poesia; Projeto Gráfico; Psicologia, Psicanálise e Comportamento; Reportagem e Documentário; Romance; Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas; Tradução. Além dessas categorias, foram premiados ainda O Melhor Livro do Ano - Ficção e O Melhor Livro do Ano – Não Ficção.

Já em 2018, em sua 60ª edição, uma reformulação foi realizada, sendo as categorias reduzidas a 18, divididas em 4 eixos: **Eixo Literatura** (Conto, Crônica, Histórias em Quadrinhos, Infantil e Juvenil, Poesia, Romance, Tradução); **Eixo Ensaio** (Artes, Biografia, Ciências, Economia Criativa, Humanidades); **Eixo Livro** (Capa, Ilustração, Impressão, Projeto Gráfico); **Eixo Inovação** (Formação de Novos Leitores, Livro Brasileiro Publicado no Exterior).

Tal reformulação na premiação foi alvo de críticas de autores e estudiosos, principalmente da área da literatura infantil e juvenil³, que enxergaram na exclusão da categoria *Ilustração de Livro Infantil e Juvenil* e na junção das categorias *Infantil/Juvenil*, um retrocesso e desvalorização no que se referem às especificidades do leitor criança e adolescente. No entanto, não é a primeira vez que as categorias são aglutinadas em uma só ou a categoria juvenil é excluída da premiação. Em levantamento realizado por Ceccantini (2000), na década de 2000, a premiação de Melhor Livro Juvenil em categoria exclusiva não foi realizada com total regularidade:

No que diz respeito às categorias em que o prêmio é oferecido, é possível notar que a CBL introduz o prêmio já levando em conta o específico *juvenil*. O Jabuti voltado à *melhor obra juvenil* é concedido em 1959 e depois com intervalos de tempo que variam de um a oito anos – há obras premiadas em 1962, 1968, 1969, 1972 e 1980. A partir daí é um prêmio regularmente concedido todos os anos (CECCANTINI, 2000, p. 49).⁴

Posteriormente, de 2000 a 2004, Infantil e Juvenil são aglutinadas novamente em uma única categoria, voltando a pertencer a categorias distintas de 2005 a 2017, sendo novamente fundidas, como já dissemos, em 2018. Sobre essa questão de nomenclatura, Ceccantini (2000) expõe:

Quanto à questão da *categoria* 'juvenil', é interessante observar que, no curso do tempo, a variação do nome dado às categorias de premiação corresponde à própria ambiguidade que tem caracterizado o gênero e a resistência em aceitar seu estatuto [...] (CECCANTINI, 2000, p. 50-51).

Transcrevemos a seguir, baseando-nos no cotejamento realizado por Ceccantini (2000) em sua tese e em pesquisas realizadas no site da instituição, a listagem das

³ A junção das categorias Infantil e Juvenil e a exclusão da categoria de Melhor Ilustração de livro infantil e juvenil gerou uma carta-manifesto assinada por mais de 300 profissionais da área. Nomes já contemplados com o prêmio, a exemplo de Ziraldo, Roger Melo e João Anzanello Carrascoza assinaram o manifesto (PUBLISHNEWS, 2019).

⁴ Entre 1993 e 2004 deixam de existir as categorias *Infantil* e *Juvenil*, sendo aglutinadas em uma única categoria denominada *Infantil ou Juvenil*.

obras premiadas em 1º lugar⁵ pela CBL, entre 1959 e 2018, na categoria juvenil ou infanto-juvenil.

Quadro 1: obras premiadas pela CBL

(continua)

ANO	CATEGORIA	OBRA	AUTOR
1959	Juvenil	<i>Glorinha</i>	Isa Silveira Leal
1962	Juvenil	<i>Único amor de Ana Maria</i>	Isa Silveira Leal
1968	Juvenil	<i>Xisto no espaço</i>	Lúcia Machado de Almeida
1969	Juvenil	<i>O menino dos Palmares</i>	Isa Silveira Leal
1972	Juvenil	<i>Uma rua como aquela</i>	Lucília Junqueira A. Prado
1980	Juvenil	<i>O misterioso rapto da Flor-de-Sereno</i>	Haroldo Bruno
1981	Juvenil	<i>A vingança do Timão</i>	Carlos Moraes
1982	Juvenil	<i>Sangue fresco</i>	João Carlos Marinho
1983	Juvenil	<i>Ciganos</i>	Bartolomeu Campos Queiroz
1984	Juvenil	<i>A cor do Azul</i>	Jane Titikian
1985	Juvenil	<i>Awankana</i>	Giselda Laporta Nicolelis/ Ganymedes José
1986	Juvenil	<i>A morte na selva</i>	Mustafa Yazbek
1988	Infantil ⁶	<i>Aos trancos e relâmpagos</i>	Vilma Arcas
1989	Juvenil	<i>O mundo é pra ser voado</i>	Viviana de Assis Viana
1990	Juvenil	<i>A menina que fez a América</i>	Ilka Brunhilde Laurito
1991	Juvenil	<i>Maria Gomes</i>	Ricardo Azevedo
1992	Juvenil	<i>Acordar ou morrer</i>	Stella Carr
1993 ⁷	Infanto-juvenil	<i>Caixa Postal 1989</i>	Ângela Carneiro
		<i>Entre a Espada e a Rosa</i>	Marina Colasanti
		<i>Fazendo Ana Paz</i>	Lygia Bojunga Nunes
		<i>O Velho da Montanha</i>	Ângela Carneiro
1994	Infanto-juvenil	<i>Ana Z, aonde vai Você?</i>	Marina Colasanti
		<i>Confidências de um Pai Pedindo Arrego</i>	Luiz Antonio Aguiar
		<i>Te Dou a Lua Amanhã</i>	Jorge Miguel Marinho
1995	Infanto-juvenil	<i>A Bela e a Fera</i>	Rui de Oliveira
		<i>A Bruxa Zelda e os Oitenta Docinhos</i>	Eva Furnari
		<i>Cena de Rua</i>	Ângela Lago
1996	Infanto-juvenil	<i>A Cristaleira</i>	Graziela Bozano Hetzel

⁵ A partir do ano de 1993 a CBL começa a premiar os três primeiros lugares de cada categoria. A exceção se dá em 2003, ano em que é premiado o vencedor mais duas menções honrosas.

⁶ Segundo Ceccantini: "... no ano de 1988 é informado que *Aos trancos e relâmpagos*, de Vilma Arcas, recebeu prêmio de melhor livro infantil, quando, na verdade, o prêmio recebido teria sido de melhor livro juvenil, como consta em edições recentes da própria obra". (CECCANTINI, 2000, p. 41).

⁷ Entre 1993 e 1997 não há menção da classificação das obras, portanto, decidimos transcrever todas as obras premiadas. O mesmo ocorre entre 2000 e 2003.

Quadro 1: obras premiadas pela CBL

(conclusão)

ANO	CATEGORIA	OBRA	AUTOR
		<i>Goeldi</i>	Alberto Martins
		<i>Noções de Coisas</i>	Darcy Ribeiro
1997	Infanto-juvenil	<i>Esta Força Estranha</i>	Ana Maria Machado
		<i>Seis Vezes Lucas</i>	Lygia Bojunga Nunes
		<i>Um Passarinho me Contou</i>	José Paulo Paes
1998	Infanto-juvenil	<i>As Fatias do Mundo</i>	Nilma Lacerda
1999	Infanto-juvenil	<i>A Outra Enciclopédia Canina</i>	Ricardo Azevedo
2000	Infanto-juvenil	<i>A Revolta das Palavras</i>	José Paulo Paes
		<i>ABC Doido</i>	Ângela Lago
		<i>Fiz voar o meu chapéu</i>	Ana Maria Machado
2001	Infanto-juvenil	<i>Chica e João</i>	Nelson Cruz
		<i>De Cabeça pra Baixo</i>	Ricardo da Cunha Lima
		<i>Indo não sei aonde</i>	Ângela Lago
2002	Infanto-juvenil	<i>O Tamanho da Felicidade</i>	Angélica Bevilacqua
		<i>O Fazedor de Amanhecer</i>	Manoel de Barros
		<i>Meninos do Manguê</i>	Roger Mello
2003	Infanto-juvenil	<i>Vizinho, Vizinha</i>	Mariana Massarani, Graça Lima
		<i>Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem</i>	Rui de Oliveira
		<i>Como as Histórias se espalham pelo Mundo do Livro</i>	Graça Lima
2004	Infanto-juvenil	<i>Com a pulga atrás da orelha</i>	Ivan Zigg
2005	Juvenil	<i>O Duelo do Batman Contra a MTV</i>	Sérgio Capparell
2006	Juvenil	<i>Lis no Peito – Um Livro Que Pede Perdão</i>	Jorge Miguel Marinho
2007	Juvenil	<i>Adeus Conto de Fadas</i>	Leonardo Brasiliense
2008	Juvenil	<i>O Barbeiro e o judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta</i>	Joel Rufino dos Santos
2009	Juvenil	<i>O fazedor de velhos</i>	Rodrigo Lacerda
2010	Juvenil	<i>AvóDezanove E O Segredo Do Soviético</i>	Ondjaki
2011	Juvenil	<i>Antes de virar gigante e outras histórias</i>	Marina Colasanti
2012	Juvenil	<i>A mocinha do Mercado Central</i>	Stella Maris Rezende
2013	Juvenil	<i>Namíbia, Não!</i>	Aldri Anunciação
2014	Juvenil	<i>Fragosas Brenhas do Mataréu</i>	Ricardo Azevedo
2015	Juvenil	<i>A Linha Negra</i>	Mario Teixeira
2016	Juvenil	<i>O Labatruz e Outras Desventuras</i>	Judith Nogueira
2017	Juvenil	<i>Dentro de Mim Ninguém Entra</i>	José Castello
2018	Infantil e juvenil	<i>O Brasil dos dinossauros</i>	Luiz Eduardo Anelli, Rodolfo Nogueira

Fonte: Ceccantini (2000); Site do Prêmio Jabuti (2019).

Outro fato que nos chama atenção, além das mudanças relacionadas à nomenclatura da categoria da premiação, está relacionado aos autores contemplados. Por meio da lista transcrita anteriormente, é possível observar a multiplicidade de escritores premiados ao longo dos anos. Poucos foram agraciados mais de uma vez. São eles: Isa Silveira Leal (1959, 1962, 1969); Angela Lago (1995, 2000, 2001); Ricardo Azevedo (1991, 1999, 2014) e Marina Colasanti (1993, 1994, 2011), premiados três vezes. Lygia Bojunga Nunes (1993, 1997), Jorge Miguel Marinho (1994, 2006), Ana Maria Machado (1997, 2000) e José Paulo Paes (1997, 2000), premiados duas vezes. Ângela Carneiro (1993) e Graça Lima (2003) também foram contempladas duas vezes no mesmo ano, mas com obras diferentes. Alguns desses escritores, a exemplo de Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Jorge Miguel Marinho e Marina Colasanti podem ser considerados cânones da literatura para crianças e jovens e ainda estão em ativa produção.

Um episódio marcante para a literatura juvenil e que, portanto, merece destaque, está no prêmio concedido em 2012, no qual o livro juvenil *A mocinha do Mercado Central*, de Stella Maris Rezende, além de vencer como melhor livro juvenil, conquistou também o almejado galardão de Melhor livro do Ano – Ficção. Foi a primeira vez que um livro juvenil ganha o maior prêmio da cerimônia, geralmente destinado ao vencedor na categoria *Romance*. Livros infantis já haviam recebido a premiação em outras quatro edições: *Um passarinho me contou*, de José Paulo Paes, em 1997; *O Fazedor de Amanhecer*, de Manoel de Barros, em 2002; *O menino que vendia palavras*, de Ignácio de Loyola Brandão, em 2008, e, por fim, *Breve História de um pequeno amor*, de Marina Colasanti, em 2014. Esses fatos, a despeito de interesses de mercado, mostram o reconhecimento da crítica literária para com as obras da chamada Literatura Infantil e Juvenil (LIJ). Nessa lógica, concordamos com Souza (2015) quando afirma que

Nenhum prêmio é garantia de aumento significativo de vendas ou permanência no sistema, mas com certeza não é um aval desprezível. Tanto é assim, que os catálogos das editoras estão recheados de referências a indicações e prêmios recebidos (SOUZA, 2015, p. 58).

Discorreremos, a seguir, sobre outra importante instituição literária que, diferentemente da CBL, dedica-se exclusivamente à literatura para crianças e jovens: a FNLIJ. Tentaremos elucidar questões concernentes à diferenciação de tais instituições e características das premiações.

1.2 O PRÊMIO ORÍGENES LESSA – O MELHOR PARA O JOVEM

Outro importante prêmio, também *corpus* de análise deste trabalho, é o Prêmio *Orígenes Lessa – O Melhor para o Jovem*, outorgado pela FNLIJ. Essa instituição, voltada exclusivamente para a criança e o adolescente e sem fins lucrativos, foi criada em 1968 e possui sede no Rio de Janeiro. A FNLIJ é uma seção da associação internacional denominada *International Board on Books for Young People – IBBY* existente em mais de 70 países.

Figura 3 – Foto da Casa da Leitura, atual local de funcionamento da FNLIJ



Fonte: Site da Biblioteca Nacional

Figura 4 – Foto do Palácio Gustavo Capanema, antigo local de funcionamento FNLIJ



Fonte: Site do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil

Diferentemente da CBL, que não explicita em seu objetivo a preocupação com a qualidade estética das obras, a FNLIJ já o faz por meio da sua missão: “Promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias” (Site da FNLIJ, 2019). Nos valores da instituição, a qualidade estética das obras também é enfatizada:

Valorizar a leitura e o livro de qualidade; - Divulgar a produção brasileira de livros de qualidade para crianças e jovens e, em particular, os livros de literatura e informativos; - Contribuir para a formação leitora dos educadores, sejam professores, bibliotecários ou pais, quanto ao conhecimento das teorias e experiências sobre temas afins, tais como leitura, literatura e formação de bibliotecas; - Promover a tolerância, a solidariedade e a paz por meio da leitura partilhada; - Valorizar a biblioteca da escola e a pública como o lócus para o processo democrático à cultura escrita e mantenedora da prática da leitura (Site da FNLIJ, 2019).

A FNLIJ começou sua premiação anual em 1975 (produção 1974) contemplando apenas uma categoria: *O melhor para Criança*. A categoria de melhor livro para o jovem só foi inserida em 1979 (produção de 1978) premiando *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes.

Mais uma vez, a FNLIJ difere-se da premiação concedida pela CBL por estabelecer regularidade à premiação destinada ao melhor livro para o jovem, uma vez que desde a sua criação, em 1979, a categoria nunca foi excluída, pelo contrário, foi acrescentada mais uma categoria em 1996 (produção de 1995), *O Melhor para o Jovem – Hors concours* no intuito de premiar novos autores. Ela ocorre quando o premiado na categoria já recebeu ao menos três vezes o prêmio *O Melhor para o Jovem*.

Atualmente, o Prêmio FNLIJ possui, além do *Hors Concours*, 17 categorias: Criança; Jovem; Imagem; Informativo; Poesia; Livro Brinquedo; Teatro; Teórico; Reconto; Literatura em Língua Portuguesa; Tradução/Adaptação Criança; Tradução/Adaptação Jovem; Tradução/Adaptação Informativo; Tradução/Adaptação; Reconto; Revelação Escritor; Melhor Ilustração e Projeto Editorial.

A seguir, assim como fizemos com os premiados pela CBL, trazemos a lista de títulos e autores vencedores do prêmio *O Melhor para o Jovem*, na tentativa de destacar aqueles que, de modo geral, têm merecido atenção no histórico da premiação.

Quadro 2 – Obras juvenis premiadas pela FNLIJ

(continua)

ANO	CATEGORIA	OBRA	AUTOR
1979	O Melhor para o Jovem	<i>A casa da Madrinha</i>	Lygia Bojunga Nunes
1980	O Melhor para o Jovem	<i>Uma ideia toda azul</i>	Marina Colasanti
1981	O Melhor para o Jovem	<i>O sofá estampado</i>	Lygia Bojunga Nunes
1982	O Melhor para o Jovem	<i>De olho nas penas</i>	Ana Maria Machado
1983	O Melhor para o Jovem	<i>Bisa Bia, Bisa Bel</i>	Ana Maria Machado
1984	O Melhor para o Jovem	<i>Vida e paixão de Pandomar, o cruel</i>	João Ubaldo Ribeiro
1985	O Melhor para o Jovem	<i>O outro lado do tabuleiro</i>	Eliane Ganem
1986	O Melhor para o Jovem	<i>Tchau</i>	Lygia Bojunga Nunes
1987	O Melhor para o Jovem	<i>Fruta no ponto</i>	Roseana Murray
1988	O Melhor para o Jovem	<i>A visitação do amor</i>	Jorge Miguel Marinho
1989	O Melhor para o Jovem	<i>Indez</i>	Bartolomeu Campos Queirós
1990	O Melhor para o Jovem	<i>O assassinato do conto policial</i>	Paulo Rangel
1991	O Melhor para o Jovem	<i>Em busca de mim</i>	Isabel Vieira
1992	O Melhor para o Jovem	<i>Minerações</i>	Bartolomeu Campos Queirós
1993	O Melhor para o Jovem	<i>Entre a espada e a rosa</i>	Marina Colasanti
1994	O Melhor para o Jovem	<i>Ana Z, aonde vai você?</i>	Marina Colasanti
	O Melhor para o Jovem	<i>Te dou a lua amanhã... biofantasia de Mário de Andrade</i>	Jorge Miguel Marinho
1995	O Melhor para o Jovem	<i>Atentado</i>	Sonia Rodrigues Mota
1996	O Melhor para o Jovem	<i>Chifre em cabeça de cavalo</i>	Luiz Raul Machado
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>Por parte de pai</i>	Bartolomeu Campos Queirós
1997	O Melhor para o Jovem	<i>Contos contidos</i>	Maria Lúcia Simões
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>Ler, escrever e fazer conta de cabeça</i>	Bartolomeu Campos Queirós
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>O abraço</i>	Lygia Bojunga Nunes
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>Seis vezes Lucas</i>	Lygia Bojunga Nunes
1998	O Melhor para o Jovem	<i>As fatias do mundo</i>	Nilma Gonçalves Lacerda
1999	O Melhor para o Jovem	<i>A odalisca e o elefante</i>	Pauline Alphen
2000	O Melhor para o Jovem	<i>A alma do urso</i>	Gustavo Bernardo
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>A cama</i>	Lygia Bojunga Nunes
2001	O Melhor para o Jovem	<i>Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson</i>	Joel Rufino dos Santos

Quadro 2 – Obras juvenis premiadas pela FNLIJ

(continuação)

ANO	CATEGORIA	OBRA	AUTOR
2002	O Melhor para o Jovem	<i>O Mário que não é de Andrade</i>	Luciana Sandroni
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>Penélope manda lembranças</i>	Marina Colasanti
2003	O Melhor para o Jovem	<i>Luna Clara e Apolo Onze</i>	Adriana Falcão
	O Melhor para o Jovem	<i>Mohamed: um menino afegão</i>	Fernando Vaz
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>A casa das palavras e outras crônicas</i>	Marina Colasanti
2004	O Melhor para o Jovem	<i>Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai</i>	Maria Filomena Bouissou Lepecki
2005	O Melhor para o Jovem	<i>Crônicas de São Paulo: um olhar indígena</i>	Daniel Munduruku
	O Melhor para o Jovem – <i>Hors Concours</i>	<i>O olho de vidro do meu avó</i>	Bartolomeu Camos Queirós
2006	O Melhor para o Jovem	<i>Lis no peito: um livro que pede perdão</i>	Jorge Miguel Marinho
2007	O Melhor para o Jovem	<i>O rapaz que não era de Liverpool</i>	Caio Riter
2008	O Melhor para o Jovem	<i>Era no tempo do rei: um romance da chegada da corte</i>	Ruy Castro
2009	O Melhor para o Jovem	<i>O fazedor de velhos.</i>	Rodrigo Lacerda
2010	O Melhor para o Jovem	<i>A espada e o novelo</i>	Dionisio Jacob
	O Melhor para o Jovem	<i>Uma ilha chamada livro: contos mínimos sobre ler, escrever e contar</i>	Heloísa Seixas
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>Com certeza tenho amor</i>	Marina Colasanti
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>Marginal à esquerda</i>	Angela Lago
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>Querida</i>	Lygia Bojunga Nunes
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>Tempo do voo</i>	Bartolomeu Campos de Queirós
2011	O Melhor para o Jovem	<i>Mururu no Amazonas</i>	Flávia Lins e Silva
2012	O Melhor para o Jovem	<i>A morena da estação</i>	Ignácio de Loyola Brandão
2013	O Melhor para o Jovem	<i>Aquela água toda</i>	João Anzanello Carrascoza
2014	O Melhor para o Jovem	<i>Aos 7 e aos 40</i>	João Anzanello Carrascoza
2015	O Melhor para o Jovem	<i>Desequilibristas</i>	Manu Maltez
2016	O Melhor para o Jovem	<i>Iluminuras: uma incrível viagem ao passado</i>	Rosana Rios

Quadro 2 – Obras juvenis premiadas pela FNLIJ

(conclusão)

ANO	CATEGORIA	OBRA	AUTOR
2017	O Melhor para o Jovem	<i>Um lugar chamado aqui</i>	Felipe Machado
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>Intramuros</i>	Lygia Bojunga Nunes
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>Marina Colasanti</i>	Seleção e prefácio Marisa Lajolo
	O Melhor para o Jovem- <i>Hors Concours</i>	<i>A gravidade das coisas miúdas</i>	Jorge Miguel Marinho
2018	O Melhor para o Jovem	<i>Catálogo de perdas</i>	João Anzanello Carrascoza

Fonte: Ceccantini (2000); Site da FNLIJ (2019).

Considerando o conjunto de autores premiados ao longo dos anos na categoria, é evidente a recorrência maior nesta premiação. As recordistas, premiadas sete vezes, são: Lygia Bojunga Nunes (1979, 1981, 1986, 1997⁸, 2010 e 2017) e Marina Colasanti (1980, 1993, 1994, 2002, 2003, 2010 e 2017); em seguida, premiado seis vezes, temos: Bartolomeu Campos Queirós (1989, 1992, 1996, 1997, 2005 e 2010); quatro vezes Jorge Miguel Marinho (1988, 1994, 2006 e 2017) e três vezes João Anzanello Carrascoza (2013, 2014 e 2018).

No cotejamento das duas listas, é perceptível uma maior diversidade de autores premiados pela CBL. Na FNLIJ, há a recorrência grande de certos nomes já consagrados. Diante disso, é evidente a adoção de critérios diferenciados pelas duas instituições ao concederem suas premiações as quais abordaremos com maior detalhe no último capítulo desta dissertação.

Outro ponto importante nas duas listas é o fato de seis obras receberem láureas das duas instituições simultaneamente no ano em que concorreram. Em 1994: *Ana Z. aonde vai você?*, de Marina Colasanti e *Te dou a lua amanhã*, de Jorge Miguel Marinho; em 1997: *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga Nunes; em 1998: *As fatias do mundo*, de Nilma Gonçalves Lacerda; em 2006: *Lis no Peito – Um Livro Que*

⁸ Em 1997 a autora foi premiada duas vezes na mesma categoria.

Pede Perdão, de Jorge Miguel Marinho e, por fim, em 2009: *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda.

Em relação aos dois prêmios, é perceptível a irregularidade nas nomenclaturas das categorias, principalmente, no Prêmio Jabuti que ora premia uma categoria chamada “infanto-juvenil”, ora concede prêmios a categorias distintas. Sobre esse aspecto, Souza (2015) alerta que:

Tantas mudanças demonstram a oscilação do próprio sistema literário no processo de autonomização do campo juvenil. Como a FNLIJ é uma instituição de fomento específica do campo, vislumbrou e bancou desde cedo a emergência do novo subsistema literário. No caso do Prêmio Jabuti, que não é específico do campo, as flutuações até a recente consolidação da separação da categoria revelam todo o movimento de disputa e negociação entre o subsistema juvenil e o sistema literário brasileiro (SOUZA, 2015, p. 59).

Por esse viés, amparados nas contribuições de Ceccantini (2000), Martha (2011) e Aguiar (2012), usaremos as nomenclaturas “Literatura infantil” e “Literatura juvenil” à medida que reconhecemos a autonomia do campo juvenil, bem como as particularidades que a literatura para jovens possui em relação às destinadas ao público infantil.

Embora saibamos que os prêmios citados estejam marcados por suas diferenças, particularidades e valores do mercado, é inegável que ambas as premiações proporcionam à literatura para crianças e jovens um reconhecimento necessário:

Com a concessão desses prêmios literários, a Literatura Infantil e Juvenil no País atinge uma projeção artística não visualizada até o momento em diversas frentes - incentivo ao desenvolvimento de uma literatura de cunho estético; projeção e ingresso de escritores específicos nesse âmbito; fortalecimento de acervo literário de referência etc. Tais fatores incidem no papel decisivo das premiações literárias como uma instância que contribui para a canonização de obras e de escritores, já que, diferentemente da literatura para adultos, a literatura para crianças e jovens não conta com uma tradição de legitimação artística, sobretudo no âmbito acadêmico. (SILVA, 2016, p. 61).

Assim, uma literatura que por muitos anos esteve à margem dos estudos e do prestígio da crítica literária precisa de tal visibilidade para que haja a circulação de editoras, autores, leitores e, principalmente, reconhecimento da literatura infantil e juvenil enquanto objeto estético e cultural.

2 O LUGAR DO ESPECÍFICO JUVENIL NAS PESQUISAS ACADÊMICAS, NA CRÍTICA LITERÁRIA E NA ESCOLA

Segundo Alves (1992), a produção do conhecimento não é realizada isoladamente, pelo contrário, “[...] é uma construção coletiva da comunidade científica, um processo contínuo de busca na qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema”(ALVES, 1992, p. 54). Dessa forma, a revisão crítica das pesquisas no processo de aquisição de novos conhecimentos está longe de ser apenas um aspecto formal e burocrático da academia, pois é

[...] Um aspecto essencial à construção do objeto de pesquisa e como tal deve ser tratado, se quisermos produzir conhecimentos capazes de contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico na área e para mudanças de práticas que já se evidenciaram inadequadas ao trato dos problemas com que se defronta a educação brasileira. (ALVES, 1992, p. 58).

Nesse sentido, no intuito de evidenciar a pertinência desta pesquisa, bem como os avanços que as investigações relacionadas ao específico juvenil na literatura tiveram nos últimos anos, apresentaremos algumas pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação de Letras e Educação de diversas instituições que se debruçaram sobre a literatura juvenil e/ou formação de leitores adolescentes, pois sabemos que

Certamente, a crítica é responsável por promover a valorização da literatura infantil e juvenil como instituição literária, sobretudo a acadêmica, realizada na pós-graduação, que tem o papel de atribuir ao segmento a condição de instituição literária (AGUIAR, TURCHI e MARTHA, 2013, p. 47).

Nossas buscas foram realizadas nas plataformas oficiais, a exemplo do Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, cientes das limitações e fragilidades que tais plataformas possuem, como nos alerta Dalvi (2013b; 2015).

Buscando-se pela expressão “literatura juvenil premiada” não foram encontradas ocorrências. Preferimos, então, realizar buscas por dissertações e teses a partir das expressões: “literatura juvenil”, “Prêmio Jabuti” e “FNLIJ” e que foram realizadas nos

últimos dez anos⁹. É válido destacar que localizamos algumas pesquisas que versam sobre a literatura juvenil, outras pesquisas que enfatizam os prêmios literários na literatura destinada a crianças e jovens e, ainda, aquelas que fazem dialogar a literatura infantil e juvenil com o contexto escolar.

Entre os trabalhos encontrados, salientamos aqueles que consideramos essenciais à nossa pesquisa, organizando-os da seguinte forma: pesquisas que versam sobre as especificidades da literatura juvenil (5 trabalhos); trabalhos que versam sobre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ (3 trabalhos); pesquisas que versam sobre a literatura premiada e o contexto escolar (2 trabalhos) e, por último, traremos investigações inseridas no Grupo de Pesquisa *Literatura e Educação* do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFES (3 trabalhos) que dialogam com nossa pesquisa.

Optamos pela elaboração de quadros para uma melhor visualização dos trabalhos aqui analisados e, posteriormente, comentaremos cada pesquisa a partir da afinidade temática pela qual foram agrupados.

Quadro 3 – Pesquisas que abordam as especificidades da literatura juvenil brasileira
(continua)

TÍTULO	AUTOR/ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO/ ANO DE DEFESA
Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero (Tese)	Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel Orientadora: Dra. Maria Zaira Turchi	Universidade Federal de Goiás (2009)
Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI (Dissertação)	Gabriela Fernanda Cé Luft Orientadora: Dra. Regina Zilberman	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010)
Heróis em trânsito: narrativa juvenil brasileira contemporânea e construção de identidades (Dissertação)	Nathalia Costa Esteves Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha	Universidade Estadual de Maringá (2011)

⁹ Anterior ao recorte temporal que escolhemos (2007-2017) é importante mencionar o trabalho de grande envergadura do professor João Luís Cardoso Tápias Ceccantini intitulado *Uma estética de formação: vinte anos da literatura juvenil premiada (1978-1997)*. Publicado na década de 2000, esse trabalho será acionado em outros momentos da presente pesquisa.

Quadro 3 – Pesquisas que abordam as especificidades da literatura juvenil brasileira
(conclusão)

TÍTULO	AUTOR/ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO/ ANO DE DEFESA
A literatura juvenil no Brasil e na Galícia (Tese)	Vanessa Regina Ferreira da Silva Orientadores: Blanca-Ana Roig Rechou e João Luís Ceccantini	Universidade de Santiago de Compostela (2016)
A narrativa juvenil brasileira: entre temas e formas, o fantástico (Tese)	Kátia Caroline de Matia Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha	Universidade Estadual de Maringá (2017)

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Quadro 4 – Trabalhos que abordam o Prêmio Jabuti e o prêmio da FNLIJ

TÍTULO	AUTOR/ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO/ ANO DE DEFESA
Poesia premiada: a produção contemporânea para crianças e jovens no Brasil (2000 a 2009) (Dissertação)	João Carlos Dias Furtado Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha	Universidade Estadual de Maringá (2011)
E o prêmio vai para...os estereótipos dos livros infantis premiados na última década (Dissertação)	Andressa Botton Orientadora: Dra. Marlene Neves Strey	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2011)
Literatura infantil no Brasil: a voz da FNLIJ nas premiações de 2012 e 2013 (Tese)	Juliana Valéria de Abreu Orientadoras: Dra. Célia Abicalil Belmiro e Dra. Aracy Alves Martins	Universidade Federal de Minas Gerais (2015)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Quadro 5 – Pesquisas que abordam a literatura infantil e juvenil premiada em diálogo com o contexto escolar

TÍTULO	AUTOR/ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO/ ANO DE DEFESA
Literatura premiada entra na escola? A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da rede municipal de Belo Horizonte (Dissertação)	Cristiane Dias Martins da Costa Orientadora: Dra. Maria Aparecida Paiva S dos Santos	Universidade Federal de Minas Gerais (2009)
A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor (Tese)	Raquel Cristina de Souza e Souza Orientadora: Rosa Maria de Carvalho Gens	Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Quadro 6 – Trabalhos do Grupo de Pesquisa *Literatura e Educação* do PPGE e PPGL da Ufes

TÍTULO	AUTOR/ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO/ ANO DE DEFESA
Protocolos de leitura em obras de Maria José Dupré na Série Vagalume: livros, leitura e literatura para jovens leitores no século XX (Dissertação)	Josineia Sousa da Silva Orientadora: Dra. Maria Amélia Dalvi	Universidade Federal do Espírito Santo (2017)
O leitor e a literatura juvenil: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (Dissertação)	Mariana Passos Ramallete Orientadora: Dra. Maria Amélia Dalvi	Universidade Federal do Espírito Santo (2015)
Contra tudo e todos: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra (Dissertação)	Lucecléia Francisco da Silva Orientadora: Dra. Maria Amélia Dalvi	Universidade Federal do Espírito Santo (2017)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

2.1 PESQUISAS QUE VERSAM SOBRE AS ESPECIFICIDADES DOS TEXTOS JUVENIS

A tese de doutorado de Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, *Narrativas Juvenis Brasileiras: em busca da especificidade do gênero*, foi defendida em 2009 na Universidade Federal de Goiás. No trabalho, de cunho bibliográfico-documental, a autora investigou as especificidades dos textos juvenis contemporâneos, subsidiada na hipótese de que, nos textos voltados para esse público, há uma preocupação de evidenciar uma educação que transcende o aprendizado escolar – a educação para a vida. Nos romances que centralizam essa questão, também chamados de romances de formação, o protagonista da narrativa enfrenta vários conflitos e obstáculos que o fazem amadurecer como indivíduo. Para Cruvinel:

Se em seus primórdios a literatura juvenil buscava apresentar uma visão pedagógica, os ideais educativos vão sendo gradualmente repensados. O moralismo e o didatismo cedem espaço para a tematização dos conteúdos ligados à realidade do adolescente. Os temas de todos os tempos, como a morte, o amor, a perda, são abordados a partir de um olhar do jovem (CRUVINEL, 2009, p. 25).

Na tentativa de confirmar sua hipótese, a pesquisadora realiza análises de várias obras da série “Vaga-Lume”, publicadas desde a década de 1970 até os anos 2000 e, posteriormente, de narrativas juvenis contemporâneas finalistas do Prêmio Jabuti de 2007 até 2009, no intuito de evidenciar as características e os temas mais recorrentes das narrativas, além da relevância que os autores dão para o tema da educação para a vida nas obras analisadas. A autora entende que:

A análise das obras da Série Vaga-Lume e as finalistas do prêmio Jabuti revela que há uma preocupação com o amadurecimento pessoal da personagem e uma ideia de formação presente nas narrativas direcionadas para o jovem leitor. A aprendizagem está predominantemente centrada sobre a busca de si mesmo, revelando uma viagem sobre os meandros da vida íntima e a descoberta interior da personagem. Mesmo nas narrativas da Série Vaga-Lume, em que há uma preocupação mais acentuada com a aventura e com a ação, as provas enfrentadas pela personagem e o confronto entre o eu e o mundo levam a uma formação do jovem protagonista e o começo de uma fase mais positiva na maior parte das obras analisadas (CRUVINEL, 2009, p. 152).

A autora finaliza sua tese dividindo as obras analisadas em dois grupos: “narrativas juvenis ao lado da modernidade”, composta por obras que, apesar de serem escritas no século XX, apresentam muitas características dos romances do século XIX e as “obras imersas na modernidade” (majoritariamente obras finalistas do Prêmio Jabuti) que rompem com as características dos romances tradicionais e incorporam aspectos da modernidade.

O trabalho *Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI*, defendido em 2010 por Gabriela Luft na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta um estudo das tendências das narrativas juvenis brasileiras no início do século XXI, subsidiado teoricamente pelas pesquisas de Teresa Colomer. Como *corpus* de análise, Luft (2010) escolheu obras premiadas pela FNLIJ e pelo Prêmio Jabuti, outorgado pela CBL.

Amparada pelos estudos de Regina Zilberman e Marisa Lajolo em *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (1984), *Um Brasil para crianças* (1986) e *Como e por que ler a literatura infantil brasileira* (2005), de Regina Zilberman, Luft (2010), faz um breve estudo historiográfico dos autores, obras e temas predominantes da literatura infantil e juvenil desde 1890 a 1980. Ressalta, também, as linhas temáticas predominantes nesse período, a do nacionalismo e do folclore (1921-1944), e, a partir de 1970 e 80, narrativas mais questionadoras, que traziam à tona temas mais ligados a injustiças sociais e preconceitos, ficção científica e suspense, além da reinvenção do fantástico.

Logo após a apresentação desse panorama inicial da literatura infantil e juvenil brasileira, a pesquisadora toma como objeto de análise os livros premiados pela FNLIJ e pelo Jabuti entre 2001 e 2009 na tentativa de identificar o que mudou na literatura juvenil nas décadas de 1970 até o início do século XXI, quais tendências que se consolidaram, bem como aquelas que caíram por terra ou que foram reinventadas. Ela nos alerta que

Historicamente, quase quarenta anos pode não ser tempo suficiente para diagnosticar e precisar as transformações desse período, mas é possível demarcar as trajetórias e, em uma perspectiva crítica literária, estabelecer as tendências da literatura juvenil produzida atualmente no Brasil. (LUFT, 2010, p. 17).

Após o enquadramento temático das obras, seguindo os pressupostos de Colomer (2003), Luft (2010) observa o predomínio das seguintes linhas ou tendências no *corpus* constituinte por 26 obras juvenis premiadas neste século: linha de introspecção psicológica; linha de denúncia social; linha da fantasia; linha das relações amorosas; linha das narrativas investigativas; linha de terror e de suspense; linha da revalorização da cultura popular; linha do romance histórico; linha da intertextualidade. A autora destaca ainda que

A tendência predominante nas narrativas juvenis brasileiras contemporâneas explora, de uma maneira geral, temáticas acerca do amadurecimento e da aprendizagem humana de jovens protagonistas que buscam o conhecimento de si mesmos e dos outros. Questões comportamentais e familiares são também abordados com frequência, por meio de enredos que cedem espaço para assuntos polêmicos, como o preconceito, a adoção e a morte (LUFT, 2010, p. 29).

Nos capítulos seguintes da sua dissertação, a pesquisadora aprofunda a análise das narrativas juvenis brasileiras por meio de três obras representativas das principais linhas e tendências: *Luna Clara & Apolo Onze*, de Adriana Falcão, representando a linha fantástica, *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro, representando a linha intimista e *O fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, obra representativa da linha da intertextualidade.

Luft (2010) conclui seu trabalho afirmando que as narrativas juvenis contemporâneas apresentam uma renovação dos padrões literários existentes, exigindo do leitor um maior grau de participação na interpretação. Observa ainda “[...] uma fase de amadurecimento dessa literatura, dado ao surgimento de um bom número de autores e da diversidade de temáticas trabalhadas” (LUFT, 2010, p. 174). Enquanto que em momentos anteriores as narrativas dirigidas a crianças e jovens se apresentavam de maneira protetiva, escamoteando temas para não chocar o jovem leitor, hoje a narrativa juvenil se apresenta de forma inovadora e mais ousada, quebrando certos preconceitos e barreiras estéticas e se consolidando como literatura de qualidade, uma vez que “um número significativo de autores experientes e premiados, com reconhecimento do público e da crítica, garantem, ao lado de novos autores, uma produção constante e de reconhecida qualidade estética” (LUFT, 2010, p. 175).

De cunho dissertativo, o trabalho intitulado *Heróis em trânsito: narrativa juvenil brasileira contemporânea e construção de identidades*, defendida em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, por Nathalia Costa Esteves, analisou, sob uma perspectiva multidisciplinar, como se dá a construção da identidade na literatura destinada aos jovens, por meio de um *corpus* composto por treze narrativas juvenis de diferentes autores brasileiros.

A autora fundamentou sua pesquisa nos estudos de Antonio Candido (1962, 1970, 1975), Hans Robert Jauss (1967) e Wolfgang Iser (1976), no que concerne à teoria da Literatura, Teoria da Recepção e Teoria do Efeito Estético, respectivamente. Para problematizar o conceito de juventude, utiliza-se de considerações advindas de outras áreas do conhecimento, principalmente da Sociologia e da Psicologia.

Nas treze obras que compõem o *corpus* de sua pesquisa, Esteves (2011) analisou o trabalho gráfico, as temáticas abordadas em cada obra, a ambientação, a linguagem, o papel do narrador e, principalmente, a trajetória dos protagonistas em busca de sua identidade e chegou à conclusão de que:

Os textos apresentam o cotidiano de jovens que convivem com as exigências do mundo pós-moderno (a ditadura da magreza, a separação dos pais, o consumismo), além de questões que acompanham essa fase da vida desde seu surgimento há séculos atrás (como necessidade da burguesia), como as incertezas e dúvidas em relação ao primeiro amor, a descoberta do sexo, a difícil relação com os pais. As treze narrativas refletem com muita sensibilidade as alegrias e tristezas que fazem parte dessa fase da vida. Para tanto, a linguagem utilizada acompanha o universo juvenil; o narrador procura evitar qualquer tipo de julgamento ou moralismo; o projeto gráfico instiga a leitura e atrai a atenção do jovem leitor. Todas essas características justificam a atenção que o gênero juvenil vem recebendo por parte de pesquisadores, editores e escritores (ESTEVES, 2011, p. 142).

Esteves (2011) chama atenção ainda para a qualidade estética das obras analisadas que, além do cuidado para com o tratamento literário dado aos textos, refletem as angústias próprias da adolescência. Ressalta que

Quem tem a ganhar com isso são os jovens leitores, que encontram a seu dispor textos que refletem suas vidas, suas dúvidas e seus anseios e, desse modo, os fazem amadurecer e encontrar na literatura grande aliada nesse processo (ESTEVES, 2011, p. 142).

Pelo fato de proporcionar um momento de reflexão tão necessária ao jovem que vive em um mundo contemporâneo, marcado pela velocidade e rapidez das informações, acreditamos que a narrativa juvenil pode ser uma grande aliada não só na formação literária desse jovem, mas também na formação como cidadão. Nesse sentido, concordamos com a pesquisadora sobre a necessidade e importância de estudos que, de alguma forma, dialoguem literatura e juventude, posto que

Pesquisas que envolvam a literatura destinada à juventude poderão contribuir com o desenvolvimento do país, uma vez que, por meio da leitura, podemos transformar a realidade social (ESTEVES, 2011, p. 143).

A autora finalizou seu trabalho ressaltando a relevância de estudos sobre a literatura destinada à juventude para todos os profissionais que trabalham com a educação:

Conhecer o percurso do gênero e entender sua importância na formação de leitores e cidadãos é válido para todo profissional que pretende trabalhar com a educação. A riqueza linguística e estética dos livros analisados apresenta aos jovens leitores novas perspectivas, diferentes realidades. Conhecer a literatura – seja ela infantojuvenil ou adulta, clássica ou contemporânea – é um direito de todos, uma vez que enriquece a vida e proporciona novas experiências. Assim, o hábito da leitura na infância pode tornar-se o hábito da leitura na maturidade e em todas as fases da vida, o que seria um passo importante para uma transformação social, para uma sociedade mais pensante e crítica, capaz de mudar a realidade em que vive e diminuir as desigualdades (ESTEVES, 2011, p. 143).

Outro trabalho de grande contribuição para esta pesquisa, pelo fato de apresentar, entre outras questões, um panorama da literatura juvenil brasileira, foi a tese de doutorado *A literatura Juvenil no Brasil e na Galícia*, defendida na Universidade de Santiago de Compostela, em 2016, por Vanessa Regina Ferreira da Silva. Utilizando-se de pressupostos teóricos e metodológicos do campo da Literatura Comparada, a autora realizou um estudo comparativo entre a Literatura Juvenil brasileira e a galega¹⁰.

Na introdução do trabalho a autora salienta, respaldada por Peter Hunt (2010), que “o público é critério fundamental para conceituar e intervir no desenvolvimento da Literatura Infantil e Juvenil, aceitando, inclusive, a vulnerabilidade do conceito que a define” (SILVA, 2016, p. 26). Nesse sentido, é possível afirmar que no caso do

¹⁰ Restringimos-nos a abordar somente os aspectos relacionados à literatura juvenil brasileira levantados pela autora, já que a literatura galega não é foco da nossa pesquisa.

específico juvenil, apesar da instabilidade do conceito de juventude, entender e investigar as características do sujeito leitor para o qual essa literatura se destina é essencial.

Silva (2016) levanta uma questão que ainda não é consenso entre os estudiosos: “Em qual campo de estudos essa recente literatura foi integrada?” (SILVA, 2016, p. 28). Apresentando múltiplas vozes e opiniões sobre a questão, ela adverte que: “A delimitação da procedência de uma literatura destinada ao público juvenil está inserida em uma querela genealógica que envolve desde a sua total autonomia até sua inclusão na Literatura Infantil e Juvenil” (SILVA, 2016, p. 28).

Apointa, ainda, que há aqueles que defendem, a exemplo de Jaime García Padrino, que a literatura juvenil é autônoma em relação à literatura infantil, sendo, portanto, um subgênero dentro da literatura institucionalizada. Outros teóricos, como Roig Rechou e Teixeira da Silva, consideram que a literatura juvenil é uma produção que está inserida no sistema da Literatura Infantil e Juvenil, sendo, nesse sentido, um subsistema dessa produção. Apresentadas as visões divergentes sobre um mesmo objeto, Silva (2016) expõe qual posição subsidiará sua pesquisa:

Com fundamento nas reflexões expostas anteriormente, sobretudo, com base nas considerações de Blanca-Ana Roig Rechou, neste trabalho, aceitamos que a Literatura Juvenil é uma das produções do sistema literário infantil e juvenil e sua especificidade etária é importante para sua delimitação. A opção por esse critério, além de dominar grande parte dos estudos atinentes sobre o tema, coloca em evidência a valorização do leitor implícito, nesse caso um representante da faixa etária jovem, no momento de definir essa produção (Hunt, 1991). Por último, cabe destacar que, ao se atrelar a um receptor que se encontra em um período de formação, a produção para a juventude, assim como ocorre com a infantil, estará vinculada à instituição escolar (SILVA, 2016, p. 31).

Assim como a pesquisadora, entendemos que a literatura juvenil é um subsistema dentro da produção destinada a crianças e jovens, uma vez que há um sistema de produção, circulação e consumo dessa literatura, além das especificidades do leitor juvenil que se diferenciam das do leitor infantil e adulto.

Ao longo de suas 467 páginas, essa tese constrói-se como uma rica sistematização da produção literária para jovens, especialmente, da produzida no Brasil, sendo um dos poucos trabalhos da área que se dedicaram a esse levantamento. Segundo a

autora, foi no período entre 1960 e 1978 que as primeiras obras ficcionais destinadas ao público juvenil surgiram, impulsionadas pela criação de duas coleções destinadas a esse leitor, a coleção Jovens do Mundo todo e a Série Vaga-Lume, da editora Brasiliense e editora Ática, respectivamente. Mas, se por um lado essas coleções receberam boa recepção por parte do público jovem e, sobretudo, no ambiente escolar, por outro lado, “a escolarização desses projetos repercutiu na desvalorização literária de ambas por parte da crítica literária.” (SILVA, 2016, p. 97).

Entre 1978 e 2000 “observa-se uma mudança de paradigma bastante significativa no que se refere à produção literária para jovens no Brasil, tanto no viés avaliativo quanto no produtivo” (SILVA, 2016, p. 98). É no ano de 1978 que a Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e a FNLIJ reconhecem a escrita ficcional destinada a leitores juvenis por meio da inclusão de uma categoria destinada à literatura juvenil em suas premiações. Os estudos acadêmicos da área, a exemplo da tese de doutorado do professor João Luís Ceccantini, sinalizam para uma produção de qualidade estética nesse período.

Ainda segundo Silva (2016), a partir dos anos 2000, “a Literatura Juvenil no Brasil já se apresenta como uma produção estável, sendo, assim, reconhecida como uma produção distinta da literatura infantil” (SILVA, 2016, p. 98). Os vários eventos literários e acadêmicos realizados nos últimos anos corroboram para a afirmação do específico juvenil na literatura e, que, portanto, “no presente século já não é coerente questionar a existência de uma Literatura Juvenil brasileira, haja vista a movimentação produtiva sob essa rubrica” (SILVA, 2016, p. 99).

Após esse percurso panorâmico da literatura no Brasil destinada aos jovens, a pesquisadora chama a atenção para a existência de duas tendências desse subsistema:

Por um lado, uma preocupação voltada ao abastecimento do mercado consumidor, sobretudo o circuito de adesão escolar. Nesse viés, englobam-se, geralmente, obras com um teor bastante pedagógico e, conseqüentemente, desvalorizadas pela crítica literária. Por outro lado, nota-se também a preocupação em oferecer um acervo literário de qualidade a esses leitores em formação. Tal iniciativa é visualizada pelo incentivo de premiações específicas nesse ramo e pelo ingresso de

escritores que se pautam pela edificação de um projeto estético (SILVA, 2016, p. 99).

Em seguida, a autora apresenta um breve panorama da Literatura Juvenil galega, e logo depois, seleciona um *corpus* de 20 obras juvenis premiadas (dez obras premiadas no Brasil e 10 obras premiadas na Galícia) para realizar suas análises. Ela analisa aspectos como temática central, caracterização das personagens, foco narrativo, gênero da narrativa, linguagem, entre outros aspectos. Empreendidas as análises, como ponto de contato entre as duas literaturas, Silva (2016) observou que:

- a narrativa de formação apresenta-se como gênero central;
- o protagonista é representado por um personagem situado na faixa etária da adolescência ou da juventude;
- as temáticas retratadas têm como fio condutor um período de conturbação psicológica do protagonista;
- o desenvolvimento da ação transcorre no espaço urbano;
- o âmbito educacional apresenta-se como o principal espaço de socialização dos personagens;
- a instituição familiar está presente na trama. (SILVA, 2016, p. 413).

No que se referem às particularidades de cada literatura, as conclusões foram as seguintes:

- A dessemelhança da quantidade numérica de páginas e da inserção de ilustrações. Na avaliação desses dados, conferimos destaque à produção galega pela projeção de uma obra juvenil que exige um fôlego de leitura maior, em relação à brasileira;
- No quesito da representatividade de gênero, encontramos um desequilíbrio em ambas. No caso brasileiro, esse dado foi visualizado pelo predomínio de protagonistas do sexo masculino; já no galego, constatou-se que grande parte das obras que receberam prêmios nacionais no território espanhol é de autoria de escritores;
- Outra particularidade observada foi a retratação e valorização de elementos identitários do território nacional na narrativa juvenil galega, fator não visualizado na brasileira (SILVA, 2016, p. 425).

A autora finaliza sua tese evidenciando o fato de que, assim como aconteceu com a literatura infantil brasileira, a juvenil também é pautada por dois paradigmas evidentes: “uma produção que busca atender o mercado consumidor escolar e outra que se pauta pelo estabelecimento de uma literatura de qualidade estética, aqui sem pensar somente em obras premiadas.” (SILVA, 2016, p. 421). Alerta também para a carência de um estudo historiográfico de fôlego que caracterize a Literatura Juvenil no Brasil desde a sua origem até a contemporaneidade.

Defendida em 2017, a tese de doutorado de Kátia Caroline de Matia, intitulada *A narrativa juvenil brasileira: entre temas e formas, o fantástico*, buscou mostrar como o fantástico se manifesta nos livros juvenis brasileiros. A autora selecionou como *corpus* de sua pesquisa dez narrativas juvenis publicadas desde a década de 1970 até a atualidade na tentativa de verificar como esse gênero tem sido apresentado aos leitores jovens.

No primeiro capítulo, amparada teoricamente pelos estudos de Lajolo e Zilberman (1984), Eric Hobsbawm (1995), Groppo (2000) e Obiols (2002), a autora discute o conceito de juventude e aponta a necessidade de não desconsiderar o adjetivo “juvenil” no que se refere ao estudo da literatura destinada aos adolescentes e jovens:

Compreender a “juventude” é fundamental para o entendimento da literatura destinada especificamente a ela, uma vez que está fortemente vinculada aos fatores relacionados ao mundo pós-moderno (MATIA, 2017, p. 21).

No que tange à literatura juvenil produzida no Brasil, a pesquisadora enfatiza:

Considerando o conjunto de autores de obras destinadas aos jovens a partir da década de 1970, no Brasil, é possível afirmar que esse campo autônomo garante aqui sua tradição, com autores que mesmo ainda não consagrados no cenário da literatura, apresentam uma produção de grande qualidade estética (MATIA, 2017, p. 29).

Em relação ao elemento fantástico, a autora salienta:

É válido destacar que o fantástico sempre esteve atrelado e referenciado com parâmetro na literatura adulta e no seu cânone estrangeiro, embora desde o início da produção literária juvenil no Brasil essa modalidade de narrar tenha existido e tenha atraído muitos leitores. Além disso, pelo fato de os motivos fantásticos estarem atrelados à indústria cultural, tais produções têm sido associadas como algo menor e estado na “periferia” da crítica literária (MATIA, 2017, p. 29).

Partindo desse pressuposto, a investigadora debruça-se sobre dez narrativas juvenis, escritas por autores já consagrados e premiados pela crítica, como Stela Car, Lygia Bojunga Nunes, Jorge Miguel Marinho e Marina Colasanti, ao lado de autores contemporâneos que possuem obras de qualidade estética como Laura Bergalo, Luís Dill, Gustavo Bernardo e Heloísa Pietro.

A pesquisadora considerou, em um primeiro momento, as recorrentes temáticas da narrativa juvenil e classificou as obras analisadas em três linhas: *histórica e social*; linha *intimista e psicológica* e linha de *terror e mistério* para, em um segundo momento, analisar a temática, a ambientação, a configuração dos personagens, a voz narrativa, a trama e a linguagem das narrativas selecionadas pelo viés do fantástico. Feito isso, ela chegou à seguinte conclusão:

[...] é possível afirmarmos que a modalidade do fantástico na narrativa juvenil brasileira, longe de se restringir a uma estratégia para atrair o leitor literário em formação ou de se destacar como formas de apelo ao mercado, com exceções observadas nas análises, permite que a narrativa se adeque aos jovens leitores pela qualidade da escrita criativa empreendida pelos autores tanto no nível temático e discursivo quanto estrutural, e por colocar em cena os problemas sociais, históricos, psicológicos e os medos que perpassam a vida dos jovens [...] (MATIA, 2017, p. 161).

A partir da revisão desses trabalhos que tratam das especificidades dos textos direcionados aos adolescentes e jovens, ficou evidente a carência de pesquisadores, principalmente brasileiros, que privilegiem a temática em seus estudos. As pesquisadoras, autoras das dissertações e teses analisadas, por vezes salientaram a necessidade de estudos de fôlego e historiográficos sobre o específico juvenil.

Observamos, também, a partir do cabedal de pesquisas analisadas, o crescimento da Literatura Juvenil Brasileira de excelente qualidade estética, com uma gama diversificada de autores e obras e desvinculada de preocupações pedagógicas evidentes, mesmo compreendendo que o movimento mercadológico não se pauta somente pelo crivo literário.

Nosso trabalho se distancia das pesquisas apresentadas, além da abordagem teórica, (no nosso caso, vincada pela Filosofia Enunciativa-Discursiva do Círculo de Bakhtin) pelo fato de não termos como objetivo principal caracterizar a literatura juvenil brasileira e suas especificidades, mas sim, investigar os diálogos que leitores adolescentes matriculados em uma escola da rede pública de educação do Espírito Santo estabelecem com a Literatura Juvenil premiada pelo Jabuti e pela FNLIJ.

2.2 TRABALHOS QUE VERSAM SOBRE OS PRÊMIOS JABUTI E FNLIJ

Defendida por João Carlos Dias Furtado em 2011, a dissertação *Poesia premiada: a produção contemporânea para crianças e jovens no Brasil (2000 a 2009)* procurou analisar a poesia brasileira destinada a crianças e jovens, bem como caracterizar, entre outras questões, os prêmios que envolvem essa produção.

Nas primeiras linhas de sua pesquisa, Furtado (2011) faz uma crítica àqueles que consideram ainda hoje a literatura infantil e juvenil como gêneros menores:

Não se pode aceitar hoje que a literatura infantil e juvenil seja classificada como algo menor. Valores, ideais, aspirações culturais, transformações sociais e toda a fundamentação da estrutura e estética literária deve ser proporcionada à literatura adulta como à infantil e juvenil (FURTADO, 2011, p. 29).

Em relação aos prêmios Jabuti e FNLIJ, o trabalho de Furtado (2011) interessa-nos pelo fato de considerar os documentos que fundamentam cada instituição premiadora. Ao analisar os objetivos e a missão da Câmara Brasileira do Livro, que outorga o Prêmio Jabuti, o autor constatou que os interesses primeiros da instituição são valorizar e fortalecer o mercado editorial e os interesses artísticos, bem como ressaltar “o associado e o mercado editorial e não a arte literária” (FURTADO, 2011, p. 63).

Sobre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o pesquisador, ao analisar o objetivo da instituição, observa que o discurso é de valorização da leitura e da arte literária de qualidade: “Definição que deixa clara a preocupação com a qualidade dos livros e da leitura, mostrando aspectos favoráveis à literatura, bem diferente da definição genérica da CBL” (FURTADO, 2011, p. 63). Todavia, percebeu que as empresas que mantêm a fundação são editoras que possuem estreita ligação com o mercado editorial:

O que não é nenhuma novidade na indústria cultural moderna, mas que pode levantar algumas reflexões sobre o choque de interesses mercadológicos e artísticos e como isso pode se reverter positivamente para o estímulo à leitura e à produção cultural (FURTADO, 2011, p. 63).

O autor verifica essas conexões, uma vez que

A indústria cultural está promovendo os autores e obras, valorizando a imagem deles por meio de palestras, sites e, principalmente, dos prêmios que são ofertados por instituições patrocinadas e/ou financiadas pelas mesmas editoras que promovem a produção, no caso dessa pesquisa a CBL e a FNLIJ. Assim, controlam direta ou indiretamente a produção, distribuição, venda e premiação dos livros literários. (FURTADO, 2011, p. 67).

A pesquisa de Andressa Botton “*E o prêmio vai para...*”: *os estereótipos dos livros infantis premiados na última década*, defendida em 2011, analisa, sob o viés da Análise do Discurso e da Semiótica, os livros infantis premiados pela FNLIJ, tentando entender como as questões de gênero são representadas nas dez obras analisadas.

A autora notou que as obras ainda apresentam modelos tradicionais de representar o masculino e o feminino, associando as mulheres à maternidade, ao casamento e ao lar, já a figura masculina é associada à valentia, à coragem e à virilidade. Segundo a pesquisadora, são poucos os discursos nos livros premiados que infringem os estereótipos do masculino e do feminino e que demonstram avanços em relação às desigualdades de gênero.

Com o foco de análise nos livros premiados pela mesma instituição, a tese de Juliana Valéria de Abreu *Literatura infantil no Brasil: a voz da FNLIJ nas premiações de 2012 e 2013* buscou explicitar o que é qualidade na literatura infantil a partir das justificativas dadas pelos leitores-votantes dos livros premiados em 2012 e 2013 nas categorias: O Melhor Livro para Criança, O melhor Livro-brinquedo, A melhor Tradução/Adaptação Criança.

Utilizando-se de contribuições da Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso, entre outras fontes teóricas, Abreu (2015) avalia quais os argumentos utilizados pelos jurados para justificar o mérito das obras premiadas. Essa tese muito agregou à nossa pesquisa, visto que também analisaremos a justificativa da FNLIJ para as obras premiadas que, em nosso caso, são da categoria “O Melhor para o Jovem”. Nas análises, Abreu (2015) constatou que:

Quando a FNLIJ, no processo de comprovar, através das justificativas, a qualidade das obras premiadas, agrupa e organiza o discurso dos leitores-votantes, abre espaço para uma diversidade de vozes que agregam valor à

premiação e, ao mesmo tempo, contribui para emergir uma diversidade de olhares voltados para as obras literárias para crianças. A sobreposição de sentidos acerca das leituras realizadas pelos leitores-votantes corrobora com a avaliação do discurso literário: nos argumentos, é possível observar uma gama variada de elementos e aspectos que os leitores-votantes consideram diferenciados, que merecem ser evidenciados para os leitores da justificativa, os intérpretes do seu discurso (ABREU, 2015, p. 168.).

A pesquisadora pontuou ainda que, para os leitores-votantes, além dos aspectos relacionados ao texto verbal e visual e ao projeto gráfico, aspectos imateriais são levados em consideração para atribuir qualidade às obras premiadas:

Os leitores-votantes mostraram, nos seus argumentos, que a qualidade se constrói na maneira como a criança leitora é mobilizada para ampliação de sentidos e significados; na forma como a obra favorece o conhecimento de si e do outro; nas contribuições da literatura para a ampliação do conhecimento de mundo do leitor; nas linguagens diferenciadas que constroem elementos que funcionam como um convite à leitura e apreciação da obra literária; na maneira como a criança é levada a refletir, inclusive, sobre questões e situações que extrapolam os elementos materializados; e acerca da maneira como os leitores são sensibilizados durante a leitura. (ABREU, 2015, p. 168).

As pesquisas apresentadas neste tópico foram precípuas para compreendermos como as instituições analisadas, bem como os prêmios e membros dos júris representados por elas, concebem e avaliam a questão da qualidade na literatura destinada a crianças e jovens. Nosso trabalho avançará, à medida que confrontará, no último capítulo, as avaliações realizadas pelo júri especializado com a dos leitores reais das narrativas juvenis.

2.3 PESQUISAS QUE VERSAM SOBRE A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PREMIADA EM DIÁLOGO COM O CONTEXTO ESCOLAR

A dissertação *Literatura premiada entra na escola? A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte*, de Cristiane Dias Martins da Costa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais em 2009, possui um ponto de contato com o nosso trabalho, pois a autora mapeou a presença dos livros premiados na categoria “criança” (analisaremos os livros premiados na categoria “O melhor para o jovem”) pela FNLIJ durante os anos de 1974 a 2006,

através da aplicação de um questionário aos profissionais responsáveis pelas bibliotecas da rede municipal de Belo Horizonte.

A pesquisa revelou que, dos 41% dos entrevistados que disseram conhecer a FNLIJ, apenas 3% utilizam desse critério para a aquisição do acervo para a biblioteca. O trabalho constatou, ainda, que havia uma disparidade muito grande em relação à presença dos 49 títulos pesquisados nas bibliotecas escolares. Enquanto algumas escolas possuíam 30, dos 49 livros, outras, por sua vez, detinham somente um exemplar.

Defendida em 2015, a tese de doutorado de Raquel Cristina de Souza e Souza, intitulada *A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor* traz uma importante contribuição para os estudos da narrativa juvenil, uma vez que delineou os fatores extraliterários que contribuíram para a formação de um subsistema literário juvenil autônomo em nosso país. A investigação foi desenvolvida na confluência de vozes da crítica, do mercado e dos leitores juvenis e subsidiada teoricamente pelos conceitos de *sistema literário*, de Antonio Candido e Zohar Shavit, e *campo literário*, de Pierre Bourdieu.

Inicialmente a autora reflete, por meio de vozes dissonantes, a respeito de um mote ainda polêmico nos estudos literários: a questão da existência ou não de uma literatura juvenil, uma vez que o “comprometimento da literatura juvenil com o mercado (e com a pedagogia) é o responsável por vários desencontros na tentativa de conferir-lhe legitimação literária” (SOUZA, 2015, p. 18). No entanto, após análise de várias pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil nos últimos anos, a autora entende

[...] que a especificidade da literatura juvenil está no seu destinatário, mas não na qualidade da criação literária em si, o que significa dizer que o critério utilizado para distinguir obras adultas de qualidade de subliteratura é o mesmo para as obras juvenis: o rendimento estético. Dessa forma, é possível dizer que há de fato uma identidade particular nas criações destinadas ao adolescente, relacionada principalmente à questão do destinatário, que pode comparecer à obra à revelia do autor. Os traços característicos dessa identidade, no entanto, não devem necessariamente ser vistos como empecilhos para o trabalho estético (SOUZA, 2015, p. 25).

Assim, concordamos com a autora e entendemos que o adjetivo ‘juvenil’ não confere menoridade ao texto ou é sinônimo de empobrecimento literário, pois é justamente na especificidade do destinatário que vários autores utilizam de formas inovadoras e complexas de narrar a fim de atrair o público juvenil.

Metodologicamente, foi realizada, em um primeiro momento, a análise de comentários espontâneos sobre leitura literária postados no Facebook, de estudantes do Ensino Fundamental de uma instituição federal localizada no Rio de Janeiro e, posteriormente, a autora analisou as resenhas feitas por estudantes da mesma instituição de obras de dois autores de literatura, a saber, Jorge Miguel Marinho, autor mais confortável com o rótulo de escritor de literatura juvenil, e Gustavo Bernardo, autor que apresenta resistência ao rótulo. Para as interpretações das resenhas, foram utilizados os preceitos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, e Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser.

No quinto capítulo da tese, a pesquisadora analisa os dados produzidos por meio das resenhas e contrasta a sua própria leitura crítica das obras com a dos estudantes de seis narrativas, a saber, *Na teia do morcego* (2012), *A maldição no olhar* (2008) e *Lis no peito: um livro que pede perdão* (2005), de Jorge Miguel Marinho, e *O gosto do apfelstrudel* (2010), *Monte Verità* (2009) e *O mágico de verdade* (2006), de Gustavo Bernardo. Percebeu-se, a partir das análises, que alguns alunos eram apenas leitores semânticos, já outros, conseguiam dar voos mais altos e faziam uma leitura estética das obras.

A pesquisadora conclui seu texto defendendo que é necessária uma pluralidade de textos literários na sala de aula, inclusive do polo comercial. Mas adverte que é *sine qua non* a inserção de obras juvenis de qualidade na sala de aula, pois:

O adolescente de hoje pode ser desejante, pensante e “sentinte”, como diria Drummond. E a literatura juvenil, aquela se que faz no polo oposto ao da literatura estritamente comercial, pode ser uma grande aliada no lento processo de amadurecimento do indivíduo. Basta que ela encontre um caminho alternativo até o jovem quando as vitrines e prateleiras das livrarias não lhe derem passagem (SOUZA, 2015, p. 383).

A nossa pesquisa se aproxima da realizada por Souza (2015) porquanto abre espaço e dá voz aos leitores empíricos dos textos literários e não somente ao leitor modelo perseguido pelos escritores, pela crítica e pelos avaliadores dos prêmios. Entretanto, difere-se no público-alvo da investigação (a pesquisa de Souza (2015) privilegia o início da segunda etapa do ensino fundamental, já a nossa enfatiza o término do mesmo nível de ensino) e nos objetivos, uma vez que em nossa pesquisa não intencionamos analisar ou fazer distinções de universos ficcionais de diferentes autores, mas sim investigar os diálogos estabelecidos pelos adolescentes com obras que receberam reconhecimento estético por meio das premiações.

2.4 TRABALHOS DO GRUPO DE PESQUISA *LITERATURA E EDUCAÇÃO*

Em relação às pesquisas realizadas na UFES e inseridas nos diálogos do Grupo de Pesquisa *Literatura e Educação*, a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pertencente à linha de pesquisa “Educação e Linguagens”, nomeada *o Leitor e a Literatura Juvenil: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola*, defendida em 2015, de Mariana Passos Ramalhete, é um trabalho que apresenta temática muito semelhante à nossa, todavia, se diferencia nos objetivos pretendidos e nas escolhas teórico-metodológicas.

A autora, em seu trabalho, debruça-se sobre as obras premiadas pelo Prêmio Jabuti e FNLIJ ao longo de 10 anos e que foram contemplados no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Após essa análise, e por meio de uma pesquisa quanti-qualitativa, de cunho bibliográfico-documental, Ramalhete (2015) chegou ao encontro de dois títulos para *corpus* de sua investigação: *Lis no peito: o livro que pede perdão*, de Jorge Miguel Marinho (2005), e *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda (2009). Nessa pesquisa, há a finalidade de se entender qual é o perfil de leitor que está subjacente às estâncias premiadoras e ao PNBE.

Pautada nas noções conceituais de *sistema literário*, de Antonio Candido, *comunidade de leitores*, utilizada por Roger Chartier, e *campo literário*, de Pierre Bourdieu, a autora analisa o *corpus* da sua pesquisa e constata uma recorrência muito grande das mesmas editoras vencedoras dos prêmios e do PNBE, atentando-

se para o fato de que muitas dessas editoras pertencem à região Sudeste. Verificou, ainda, que os prêmios literários em questão são subsidiados por muitas editoras que recebem lucro e visibilidade com a existência dessas premiações.

Ramalhete (2015) conclui sua investigação afirmando que o modelo de leitor desejado nas obras juvenis analisadas é um modelo burguês e, revela, ainda, a escassez de obras premiadas ou selecionadas para o PNBE voltadas a temáticas mais sociais e fora do Sudeste brasileiro. Nossa pesquisa pretende dar continuidade ao trabalho de Ramalhete (2015), ampliando-o, à medida que analisaremos livros premiados pelas mesmas instâncias e os diálogos que os estudantes estabelecem com as obras analisadas.

A pesquisa de Lucecléia Francisco da Silva, *Contra tudo e todos: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra*, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Educação, analisou como se dá a formação do leitor adolescente oriundo de contextos desfavoráveis, sejam econômicos, familiares, escolares ou culturais. A autora, por meio de uma abordagem qualitativa, realiza um estudo de caso com sujeitos matriculados no 9º ano do ensino fundamental de uma escola periférica localizada no município da Serra (ES).

Em sua dissertação, Silva L. (2017) reflete sobre os problemas e dificuldades que a escola atual possui em formar leitores, uma vez que o cenário encontrado é desanimador: “os estudantes mergulhados no mundo virtual, professores que não sabem como fazer a mediação literária, a falta de investimento na formação inicial e continuada dos docentes, entre outras dificuldades.” (SILVA L., 2017, p. 33).

Nesse contexto, amparada pelas formulações de Michèle Petit (2009 e 2013), Silva L. (2017) aponta como os sujeitos da pesquisa realizam a leitura literária, suas práticas, preferências e hábitos de leitura. A autora, ao término da sua pesquisa, assinala que em muitos casos não há um trabalho efetivo de mediação da leitura na escola e que, na maioria das vezes, são sujeitos e instituições externos à escola que mais incentivam e fazem esse trabalho, deixando os estudantes à mercê da indústria cultural e da educação religiosa.

Defendida também em 2017, a dissertação de Josinea Sousa da Silva, *Protocolos de leitura em obras de Maria José Dupré na Série Vaga-Lume: livros, leitura e literatura para jovens leitores no século XX*, analisa diferentes edições das obras *Éramos seis* e *a Ilha Perdida*, ambas de Maria José Dupré, pertencentes ao acervo da Coleção Vaga-Lume, com vistas a compreender protocolos de leitura de textos literários e representações de jovens leitores do século XX.

A autora realizou um estudo de caráter bibliográfico-documental, de matriz histórico-cultural e embasada teoricamente pelos estudos advindos da História Cultural, principalmente pelo pensamento de Roger Chartier. A pesquisadora demonstra como os elementos pré-textuais e os paratextos que se modificaram ao longo dos anos nas várias edições dos livros analisados interferem na leitura e, por vezes, são utilizados como estratégias da indústria cultural para atrair e chamar a atenção do jovem leitor.

Os trabalhos expostos tanto neste tópico, quanto nos anteriores, constituem uma parcela da abordagem que os estudos da literatura juvenil e da formação do leitor vêm tomando nos últimos anos. As várias investigações foram significativas no processo de elaboração deste trabalho, uma vez que ofereceram inúmeras contribuições, quer seja de ordem teórica e conceitual, quer seja de ordem metodológica. Em nossa pesquisa, optamos por não restringir nosso enfoque unicamente ao estudo de questões estéticas e mercadológicas da literatura juvenil ou exclusivamente de seus usos na escola, desconsiderando as particularidades e características do subsistema.

Nesse sentido, ao observar que quem chancela o que é bom ou não é o leitor adulto, nossa pesquisa avançara em relação às demais por estabelecer um diálogo e dar voz ao leitor adolescente.

Dito isso, nossa pesquisa procurou interseções e confluências entre as duas áreas do conhecimento: Literatura e Educação e tentou focalizar, dando-lhe vez e voz, o leitor real de literatura juvenil dos anos finais do ensino fundamental, razão pela qual as noções de diálogo e polifonia são estruturantes no desenvolvimento da pesquisa.

Por isso mesmo, optamos por trabalhar com o pensamento do Círculo de Mikhail Bakhtin, que nos pareceu mais coerente com a pesquisa pretendida.

3 LEITURA, LITERATURA, DIALOGISMO E POLIFONIA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A fim de analisar os dados produzidos com a aplicação de questionários e nas entrevistas realizadas com os estudantes de uma escola pública estadual, discorreremos, neste capítulo, sobre alguns conceitos essenciais à nossa investigação, à luz do pensamento bakhtiniano. Optamos por discorrer cada conceito separadamente, levando em consideração, sempre, nosso objeto de estudo, para que, nos capítulos seguintes, seja realizado o entrelaçamento das múltiplas vozes que contribuíram para com o entendimento do nosso problema de pesquisa.

3.1 CONCEPÇÃO DE LEITURA E LITERATURA

A leitura, como prática social, está presente rotineiramente na vida dos seres humanos. Nas diversas situações, das mais simples às mais complexas, a leitura é indispensável. Por muito tempo, a leitura foi atrelada simplesmente ao processo de decodificação das letras e fonemas, no entanto, sabemos que a leitura ultrapassa sensivelmente à visão de decodificação.

Quanto a isso, Dalvi (2012) alerta para a necessidade de rompermos com a visão tradicional do significado de leitura. A ideia do texto como decodificação não se justifica mais na sociedade atual a qual o texto está relacionado com a produção de sentidos numa abordagem interacionista e dialética. Para a autora, o conceito tradicional, atrelado à decodificação, precisa ser repensando, pois

Quando alguém lê, não realiza apenas uma decodificação ou tradução do que o autor do texto quis dizer/significar. Os sentidos são construídos, e não dados, no processo de interação (processo que é histórico, social e culturalmente situado). Quando construímos uma leitura, estamos deixando vir à tona quem somos, o que pensamos, o que sabemos, o que ignoramos – e que às vezes nem sabemos que ignoramos. Nossas leituras (de textos, de mundo) estão continuamente sujeitas à revisão (DALVI, 2012, p. 22).

Por isso, é importante lembrar que “ler, antes de tudo, é compreender” (SILVA, 2011, p. 49), pois à medida que o indivíduo passa a compreender aquilo que está lendo, acaba executando o mais inteligente dos conteúdos: a compreensão do mundo.

É nesse sentido que compreendemos a leitura, uma vez que ela não é via de mão única e vai muito além de ser mera atividade superficial ou mecânica, é uma atividade crítica, uma vez que o leitor, diante do contato com o texto, vai produzindo sentidos através de sua leitura, transformando-se, ao discordar, ao concordar, ao colocar suas próprias experiências e impressões diante do texto lido, tornando, dessa forma, conhecedor do mundo e de sua realidade. É nessa lógica que nos apoiamos, mais uma vez, nos argumentos de Dalvi (2012):

Ler é produzir sentidos em um contexto concreto, a partir do material que é fornecido (pelo autor, pela edição, pelo suporte etc.). As leituras não são uniformes, homogêneas, perenes. Ler é ativar a possibilidade de ação sobre os textos do mundo e, portanto, sobre o próprio mundo. As leituras que construímos dão a ver nosso modo de ser, sentir, pensar e estar no mundo (DALVI, 2012, p. 22).

Tal perspectiva de leitura está em diálogo com a concepção bakhtiniana de linguagem, uma vez que o autor entende a linguagem como interação verbal. No momento da leitura, o sujeito faz conexões com sua realidade, com o mundo e com as pessoas que o cercam. Dessa forma, a língua está intrinsecamente ligada às relações sociais:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006, p. 125).

O filósofo ainda faz importantes proposições no que se refere à Interação Verbal:

1 - A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.

2 - A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.

3 - As leis da evolução linguística não são as da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. São leis essencialmente sociológicas.

4 - A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam.

5 - A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual é uma contradição in adjecto (BAKHTIN, 2006, p. 130).

Quando Bakhtin assinala suas colocações sobre a linguagem, ressaltando seu caráter social, podemos fazer conexões com os sentidos que a leitura, em especial a leitura literária, tem em nosso trabalho:

A Literatura é uma prática social tanto para quem a escreve quanto para quem a lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem com o mundo, os modos de ser do homem no mundo (MALARD, 1985, p. 10).

Assim, pensamos que a leitura não é algo efêmero ou improdutivo, os significados atribuídos ao texto lido podem se perpetuar por muito tempo e, muitas vezes, transformam a relação do indivíduo leitor com sua sociedade. Inconscientemente o leitor vai armazenando conhecimentos, os quais o prepara para novas leituras e para as práticas sociais diversas:

Leitura não é uma experiência solitária, mas solidária. Ler é inserir-se no caudaloso rio da múltipla e instável experiência humana, humanizando-se: toda palavra exige contrapalavras. Desse modo, não existe a figura do leitor isento, alienado do mundo, que se “esconde atrás dos livros”: ler (o que lemos, como lemos e o que fazemos com o que lemos) é uma ação política (DALVI, 2012, p. 22).

É na perspectiva de ação política e de opção de vida que pensamos o texto literário. Afugentamos aqui a ideia romantizada de que literatura é apenas imaginação, sonho, delírio. Acreditamos, na perspectiva de Dalvi (2012), ao afirmar que:

Quem lê literatura sabe que o mundo pode se abrir debaixo de seus pés a qualquer momento (inclusive porque conhece ficção científica), quem lê acredita que tudo (mesmo as ações mais bárbaras, vis, desleais) é possível, porque é humano. E se prepara para isso. Não com medo do mundo, mas de peito – e livro – aberto. Nos livros aprendemos como as pessoas antes de nós pensaram, sentiram, reagiram ao mundo: e os desdobramentos e as consequências que experimentaram, em razão das escolhas que fizeram ou da falta de escolha com que lidaram. (DALVI, 2012, p. 24).

Sobre esse aspecto, Brait (1994), ao estudar o pensamento Bahktiniano, afirma que o filósofo concebia “[...] a literatura como um tipo especial de linguagem que permite ver as coisas que estão obscurecidas em outros tipos de discurso [...]” (BRAIT, 1994, p. 22). Nessa mesma vertente, Dalvi (2012) alerta que a leitura literária nos permite ter contato com o mundo no qual estamos inseridos e possibilita interpretá-lo, tornando-nos menos vulneráveis a discursos falaciosos e enganadores:

Quando lemos, estamos mais aptos a discernir entre os diferentes tipos de ação, de narrador, de motivação, de trama. Antecipamo-nos aos conflitos narrativos, às peripécias, às trapaças discursivas: e conseguimos enxergar com maior clareza o real, com suas sutilezas e artimanhas. Por isso, ler é uma forma de ação ética: não porque os textos nos moralizem e doutrinem, mas porque a experiência de leitura nos ensina a desconfiar de tudo e de todos – e a confiar em tudo e em todos, como parte de um pacto ficcional, já que nenhuma palavra ou ação aparece à toa numa boa história (DALVI, 2012, p. 26).

Dessa maneira, o leitor, ao aceitar o pacto ficcional, desvendará novos caminhos, estará aberto ao novo e sairá transformado da leitura conflituosa estabelecida com o texto literário e suas experiências pessoais. Contudo, é importante saber que

Não é que a literatura vá nos tornar mais “bonzinhos”, nem que ela nos fará escolher o “bem”: ela nos mostrará os mecanismos – e consequências – da banalização do mal e da unilaterização do pensamento e da ação. Não nos tornaremos seres mais elevados, mas menos “rasos”. Não seremos mais ou menos evoluídos, seremos desconfiados de uma perspectiva linear e progressista de humanidade e de mundo (DALVI, 2012, p. 27).

Por isso, defendemos que a literatura deve ser o cerne do trabalho com a leitura na escola, pois ela permite, para além de saberes pedagógicos, “[...] entender que a experiência humana não se faz de absolutos, de invariantes” (DALVI, 2012, p. 27). Tudo é variável e suscetível a transformações.

Assim, após explanarmos os pressupostos teóricos do conceito de leitura que subjazem nossa pesquisa, abordaremos as noções conceituais de dialogismo e polifonia que fundamentaram nossas análises, especialmente do último capítulo.

3.2 DIALOGISMO E POLIFONIA

Na pretensão de tecer olhares sobre a leitura de estudantes do ensino fundamental II a respeito de obras premiadas da literatura juvenil, estabelecendo um diálogo entre crítica literária e escola, apoiamo-nos teoricamente nos conceitos de dialogismo e polifonia, propostos pelo Círculo de Mikhail Bakhtin.

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é viva e fruto da interação social, das condições materiais e históricas de cada tempo, sendo o fato de ser dialógica a propriedade mais marcante da discursividade. Para Bakhtin:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1993, p. 88).

Na proposta bakhtiniana, não se pode analisar o discurso individual sem dialogá-lo com o social uma vez que “a estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social” (BAKHTIN, 2016, p. 126). Portanto, ao investigar as práticas de leitura e os diálogos estabelecidos com o texto literário entre os adolescentes do 9º ano do ensino fundamental, não poderemos deixar de perceber que, muitas vezes, a escolha e a valoração de uma obra literária reflete e refrata o discurso da escola, da mídia e da comunidade de leitores à qual o sujeito se vincula, pois:

Todos os enunciados no processo de comunicação, independente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre os dois enunciados (FIORIN, 2016, p. 21-22).

Isso não significa dizer que o sujeito, em nosso caso, o adolescente, é assujeitado e submisso às malhas do poder, mas também não podemos afirmar que ele possui uma subjetividade livre e independente em relação à sociedade, pois, na esteira do pensamento bakhtiniano, toda palavra possui um conteúdo ideológico, que está ligado às condições sociais e históricas vivenciadas pelos indivíduos. A apreensão que ele tem do mundo está intimamente ligada com a relação que ele tem com o outro. “O sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-

relações dialógicas” (FIORIN, 2016, p. 61). Em face da realidade multifacetada, é indispensável nos atentarmos para a diversidade de vozes que são absorvidas pelo sujeito em sua relação com o outro. Logo, seu mundo interior é construído dialeticamente e “não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser, porque o conteúdo discursivo da consciência vai alterando-se” (FIORIN, 2016, p. 61). Nas nossas análises, não poderemos desconsiderar que

Os enunciados, construídos pelo sujeito, são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas. Por isso, eles nunca são expressão de uma consciência individual, descolada da realidade social, uma vez que ela é formada pela incorporação das vozes sociais em circulação na sociedade. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito não é completamente assujeitado, pois ele participa do diálogo de vozes de uma forma particular, porque a história da constituição de sua consciência é singular. O sujeito é integralmente social e integralmente singular. Ele é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único (FIORIN, 2016, p. 64).

Por esta senda, a palavra diálogo, tão comumente utilizada em situações em que se objetiva o acordo e o consenso, não está na vertente de pensamento do filósofo russo. Pelo contrário, o autor entende que a linguagem está inserida em “uma arena de luta de classes”, uma vez que “classes sociais diferentes, servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditório. O signo se torna arena onde se desenvolve a luta de classes”. (BAKHTIN, 2006, p. 47). Logo, diálogo é divergência, espaço de tensão, arena de disputa e embate.

Ligado ao conceito de dialogismo, mas diferente dele está a noção conceitual de *polifonia*, outro termo caro em nossa investigação, principalmente nas análises das relações tecidas entre escola, crítica literária e leitores adolescentes sobre uma mesma obra literária. Enquanto o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, a polifonia, desenvolvida em *Problemas da poética de Dostoiévski*, refere-se à “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes” (BAKHTIN, 1981, p. 4).

Bakhtin (1981), ao estudar a poética de Dostoiévski, constatou que as personagens nos romances do escritor russo não se subordinam ao domínio do autor, pelo contrário, elas são equipotentes, mantêm pé de igualdade com seu criador. O

universo artístico de Dostoiévski é múltiplo, as personagens se caracterizam pela pluralidade de consciências que interagem entre si preenchendo as lacunas deixadas pelos seus interlocutores (BEZERRA, 2010).

Outro ponto que chamou a atenção de Bakhtin no universo literário dostoievskiano foi o fato de não haver uma superação dos conflitos advindos das múltiplas vozes existentes. As contradições e os problemas não são superados dialeticamente, ficam inconclusos. Bezerra (2013, p. 191), ao dissertar sobre o conceito bakhtiniano, salienta que o romance polifônico associa-se ao não acabamento, à inconclusividade, à polifonia, ao dialogismo. Isso significa dizer que a polifonia é a forma mais suprema do dialogismo (BEZERRA, 2013).

Barros (1994), ao diferenciar o dialogismo da polifonia, assevera que

Emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e do discurso (BARROS, 1994, p. 5-6).

A autora, ainda, reitera que os textos são dialógicos porque são resultados de muitas vozes que se contrapõem. A polifonia é produzida quando “essas vozes ou algumas delas se deixam escutar” (BARROS, 1994, p. 6).

Ao analisar os diálogos que os adolescentes estabeleceram com as narrativas juvenis premiadas, destacamos as vozes que estão subjacentes ao discurso e opinião dos adolescentes entrevistados, na tentativa de fazê-las dialogar, ou seja, confrontá-las, desvelando suas contradições, posições e valores.

3.3 METODOLOGIA

Quanto aos instrumentos metodológicos que nos auxiliaram na realização da pesquisa, nos fundamentamos na abordagem qualitativa norteada pela perspectiva histórico-cultural (FREITAS, 2002; 2003). Nessa perspectiva, os sujeitos da pesquisa não são tidos como meros objetos, pelo contrário, são compreendidos como sujeitos únicos dentro de um contexto cultural e histórico singular.

A perspectiva histórico-cultural compreende a pesquisa “[...] como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador e pesquisado são partes integrantes do processo investigativo e nele se resignificam” (FREITAS, 2003, p. 6), ou seja, está também coerente com a concepção de linguagem de Bakhtin. Ainda segundo Freitas (2003):

Ao assumir o caráter histórico-cultural do objeto de estudo e do próprio conhecimento como uma construção que se realiza entre sujeitos, essa abordagem consegue opor aos limites estreitos entre sujeitos da objetividade, uma visão humana da construção do conhecimento (FREITAS, 2003a, p. 6).

Nosso direcionamento está pautado na linha metodológica descrita por Bakhtin no texto *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas* (1997). Nesse texto, Bakhtin orienta que a pesquisa realizada nas ciências humanas não deve seguir os mesmos caminhos trilhados pelas pesquisas realizadas nas ciências exatas, uma vez que nas ciências humanas o trabalho está centrado no homem e este não pode ser estudado como objeto ou coisa. O pesquisador deve estabelecer com seu objeto de estudo uma relação dialógica visto que pesquisador e sujeito da pesquisa estarão em interação.

Nesse contexto, os instrumentos metodológicos deverão estar coerentes com essa forma de produção do conhecimento. Sendo assim, aliamos na nossa investigação a pesquisa de campo com a análise bibliográfico-documental, objetivando uma leitura aprofundada da situação com os adolescentes inseridos em uma das maiores responsáveis pela (não) formação do leitor literário: a escola.

Apesar de a escola ser espaço de inúmeras pesquisas acadêmicas, compreendemos que o enfoque dado à investigação científica será bastante relevante para o contexto. De acordo com Duarte (2002), a pesquisa é:

Sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais (DUARTE, 2002, p. 140).

Partindo dessa premissa, entendemos que a pesquisa de campo seria a maneira mais adequada para conhecermos o posicionamento discursivo dos adolescentes sobre as obras premiadas, haja vista que é na exploração, descrição e investigação em campo que se espera encontrar/produzir dados mais consistentes para se analisar e refletir sobre o fenômeno pesquisado, trazendo expressivas contribuições tanto de caráter teórico como de prática educacional.

Acreditamos que é no espaço escolar que a aprendizagem da leitura e o contato com os textos juvenis premiados se dará (ou não) com maior intensidade. Nesse sentido, nossa investigação aconteceu com estudantes matriculados no 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada na Grande Vitória e se apoiou fundamentalmente em dois momentos.

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de questionários, contendo perguntas fechadas e abertas com os estudantes das três turmas de 9º ano da escola (cerca de 86 alunos), visando a conhecer um perfil dos sujeitos, quais são os livros ficcionais lidos, as temáticas preferidas, o conhecimento de obras juvenis premiadas, entre outras questões. Escolhemos trabalhar com o questionário neste momento da investigação, pois segundo Moreira & Calefe (2008) esse instrumento permite o uso eficiente do tempo, anonimato dos respondentes, uma vez que o questionário não será nominal, possibilidade de uma alta taxa de retorno e a confecção de perguntas padronizadas.

No segundo momento, elegemos um grupo focal voluntário de 9 estudantes que se dispuseram a fazer a leitura de obras juvenis premiadas pelas duas instituições já citadas (CBL E FNLIJ). Na tentativa de se desvencilhar essa experiência de tarefa escolar obrigatória, as entrevistas foram realizadas em uma biblioteca municipal, localizada ao lado da escola a qual os estudantes frequentam, em turno oposto aos horários de aula e nas férias escolares.

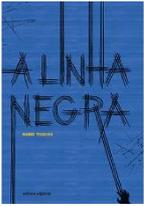
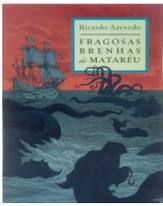
Nessa fase da pesquisa, formamos uma espécie de “clube da leitura” com os estudantes voluntários e nos reunimos duas vezes ao mês para análise e escolha das obras lidas. Toda a atividade realizada nesse momento foi gravada em vídeo

para posterior transcrição das falas. A identidade dos participantes foi preservada, como prevê procedimentos éticos.

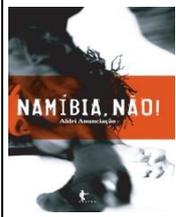
No primeiro encontro, o pesquisador apresentou aos estudantes dez obras premiadas. Os cinco últimos livros vencedores na categoria Jovem do Prêmio Jabuti e os cinco últimos vencedores na categoria Jovem da FNLIJ elencados a seguir:

Quadro 7: Livros juvenis premiados pela CBL nos últimos cinco anos

(continua)

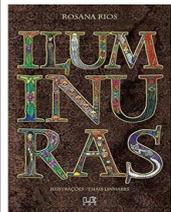
Livros laureados pelo “Prêmio Jabuti” na categoria Juvenil nos últimos cinco anos					
ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORIA	
2017	DENTRO DE MIM NINGUÉM ENTRA	JOSÉ CASTELLO		BERLENDIS & VERTECHIA	
2016	O LABATRUZ E OUTRAS DESVENTURAS	JUDITH NOGUEIRA		QUATRO CANTOS	
2015	A LINHA NEGRA	MARIO TEIXEIRA	ALLAN ALEX	SCIPIONE	
2014	FRAGOSAS BRENHAS DO MATARÉU	RICARDO AZEVEDO		ÁTICA	

Quadro 7: Livros juvenis premiados pela CBL nos últimos cinco anos
(conclusão)

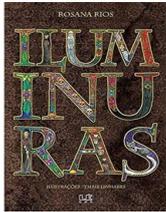
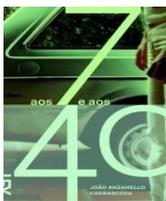
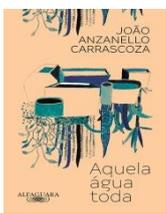
Livros laureados pelo “Prêmio Jabuti” na categoria Juvenil nos últimos cinco anos					
ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORA	
2013	NAMÍBIA, NÃO!	ALDRI ANUNCIÇÃO		EDITORA DA UFBA	

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Quadro 8: Livros juvenis premiados pela FNLIJ na categoria “O Melhor para o Jovem”
(continua)

Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa – O Melhor para o Jovem					
ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORA	CAPA
2017	UM LUGAR CHAMADO AQUI	FELIPE MACHADO	DANIEL KONDO	SESI- SP	
2016	ILUMINURAS	ROSANA RIOS	THAIS LINHARES	LÊ	
2015	DESEQUILIBRISTAS	MANU MALTEZ	MANU MALTEZ	PEIRÓPOLIS	

Quadro 8: Livros juvenis premiados pela FNLIJ na categoria “O Melhor para o Jovem” (conclusão)

Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa – O Melhor para o Jovem					
ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORA	CAPA
2017	UM LUGAR CHAMADO AQUI	FELIPE MACHADO	DANIEL KONDO	SESI- SP	
2016	ILUMINURAS	ROSANA RIOS	THAIS LINHARES	LÊ	
2015	DESEQUILIBRISTAS	MANU MALTEZ	MANU MALTEZ	PEIRÓPOLIS	
2014	AOS 7 E AOS 40	JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA		COSAC NAIFY	
2013	AQUELA ÁGUA TODA	JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA		COSAC NAIFY	

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Depois da breve explanação das obras e leitura da sinopse, os estudantes, em consenso, escolheram 4 obras para serem lidas durante o processo da pesquisa. 2 obras premiadas pela FNLIJ e 2 obras premiadas pela CBL. O pesquisador forneceu

as obras escolhidas aos estudantes. Em seguida, o investigador e os estudantes estabeleceram um prazo e cronograma de leitura e a melhor data para a realização das sessões de grupos focais. As entrevistas realizadas nesses encontros foram as principais fontes de produção e compreensão das análises dos dados nessa fase da investigação, que será descrita no capítulo cinco.

A escolha da entrevista como instrumento de produção e compreensão dos dados se deu pelo fato do gênero permitir maior liberdade dos sujeitos da pesquisa, além da verificação da compreensão geral da narrativa e a opinião das obras pelos leitores reais de literatura juvenil e não somente pelo júri especializado. Para Ludke e André (2001):

Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (LUDKE; ANDRÉ, 2001, p. 34).

Para realizarmos a investigação de forma sistemática, tendo em vista não perdermos o foco central de estudo, utilizamos, apoiados em Trivinõs (1987), a entrevista semiestruturada por entender que ela nos ofereceria maior flexibilidade e liberdade nas respostas dos entrevistados. De acordo com esse autor, a entrevista semiestruturada é um importante meio que o investigador tem para realizar sua produção de dados, além de valorizar a presença do investigado e oferecer espontaneidade e liberdade por parte do informante, enriquecendo a investigação.

Para finalizarmos, complementando a metodologia pautada em Trivinõs (1987), adotamos, respaldados em Zago (2011), a perspectiva compreensiva de entrevista, que segundo a autora, não segue “uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação” (ZAGO, 2011, p. 295).

Temos ciência de que, apesar de ser uma atividade livre de avaliação, o fato de ser proposta pelo professor, fez com que certos comentários dos adolescentes contivessem traços da escolarização literária e da necessidade de não expor

aspectos negativos dos livros lidos. Todavia, esses riscos são inerentes ao fazer pedagógico do professor e à natureza da pesquisa qualitativa em educação.

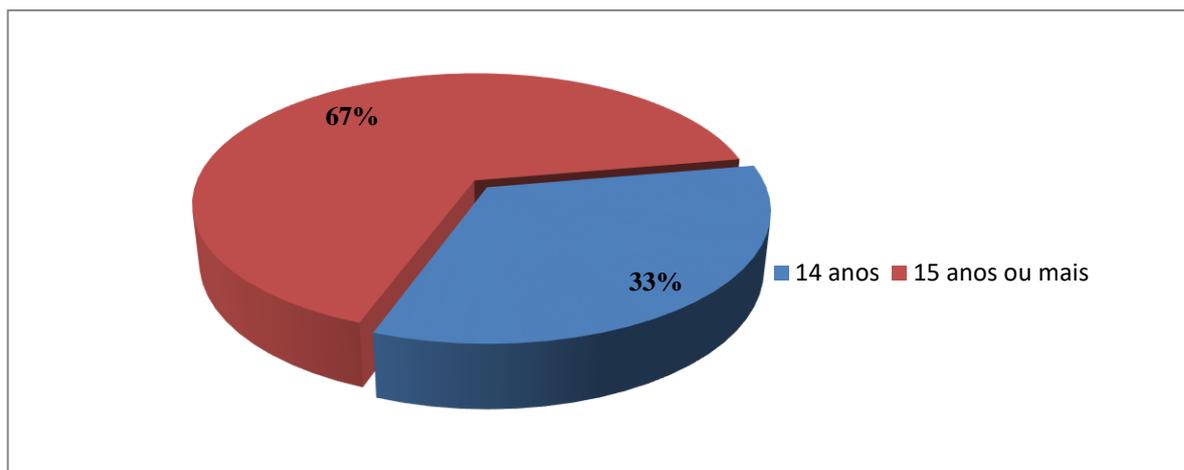
4 O ADOLESCENTE E A LEITURA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS POR MEIO DE QUESTIONÁRIOS

4.1 O CENÁRIO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Com o objetivo de refletir sobre a prática de leitura literária na escola, os dados a seguir foram produzidos a partir de questionários aplicados a três turmas de nono ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual localizada na Grande Vitória (ES).

A escolha de dada escola se deu pelo fato de o pesquisador pertencer ao corpo docente, e, por isso, obteve maior facilidade de inserção no campo da pesquisa. A instituição, localizada na zona urbana, possuía, em 2018, 830 alunos matriculados, sendo 300 nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental (matutino), 440 nas Séries Finais do Ensino Fundamental (vespertino) e 90 no Ensino Médio – Educação de Jovens e Adultos (noturno). Preferimos, como recorte, o último ano do ensino fundamental, por entendermos que os alunos pertencentes a essa etapa de ensino já trazem consigo, em tese, alguma bagagem de leitura literária das séries anteriores, uma vez que a escola realiza projetos de leitura desenvolvidos pelos professores de língua portuguesa.

Ao todo, dos 86 alunos matriculados e frequentes nas três turmas de 9º ano da escola, 84 alunos responderam ao questionário disponível em uma plataforma online, 45 estudantes pertencentes ao gênero feminino e 39 ao gênero masculino. A idade desses alunos, representada no gráfico abaixo, mostra que uma pequena parte deles (33%) está dentro da faixa etária recomendada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/1996 para concluir o Ensino Fundamental. 56 estudantes entrevistados, o que equivale a 67%, estão fora dessa faixa etária. Supomos que esse fato pode ter ocorrido, entre outros fatores, por reprovação em séries escolares anteriores, evasão ou atraso para iniciar a vida escolar.

Gráfico 1 – Idade dos sujeitos da pesquisa

Fonte: elaborado pelo autor

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Já de posse dos dados produzidos, pudemos inferir quais as concepções os respondentes ao questionário têm em relação à leitura e sua importância, como ela é trabalhada na escola, se existe motivação ou não para ler, quais razões impedem a leitura de textos literários, as temáticas e obras ficcionais receptivas ou não pelo aluno, bem como a existência ou não de projetos de leitura, entre outras questões.

Nossa discussão, neste capítulo, está pautada nas respostas desse questionário, na tentativa de examinar a relação dos adolescentes que participaram da pesquisa com a leitura e, principalmente, com a leitura literária. É óbvio que não queremos aqui ser positivistas, nem pretensiosos ao ponto de darmos respostas, mas, acreditamos que diante dos dados obtidos é possível fazer inferências e interpretações.

Depois da organização dos dados, leituras, releituras, reflexões e interpretações das respostas obtidas, focados nos objetivos da pesquisa com o inter cruzamento de algumas evidências, adotamos como metodologia de análise de dados qualitativos, a categorização, por entender que as categorias “nos ajudam a organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas pelos nossos instrumentos de coleta de dados” (BARTELMÉBS, 2019, p. 03). Todavia, estamos cientes que a categorização por si não dará conta de responder às questões levantadas na

pesquisa, é necessário fazer uma leitura para além dos dados obtidos, pois, como alertam Ludke e André (2001):

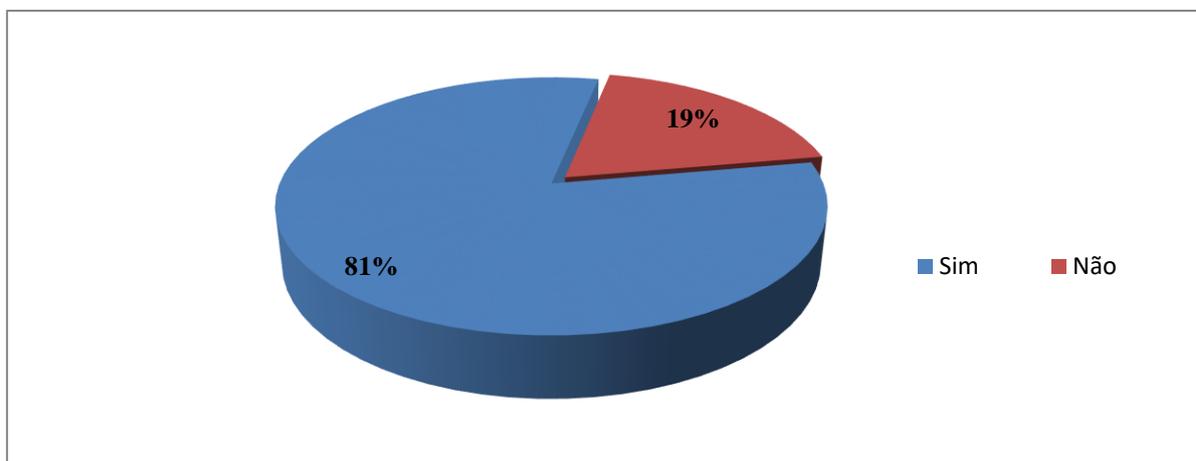
A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações (LUDKE; ANDRÉ, 2001, p.49).

As categorias que elaboramos para melhor compreensão desses dados foram: práticas de leitura, motivações à leitura, concepções de leitura, preferências de leitura e conhecimento de obras juvenis premiadas.

4.3 PRÁTICAS DE LEITURA

Uma das perguntas que fizemos aos entrevistados está relacionada ao gosto da leitura, 68 estudantes (81%) responderam positivamente à questão e 16 estudantes (19%) afirmaram não gostar de ler.

Gráfico 2 – Pergunta: Você gosta de ler?

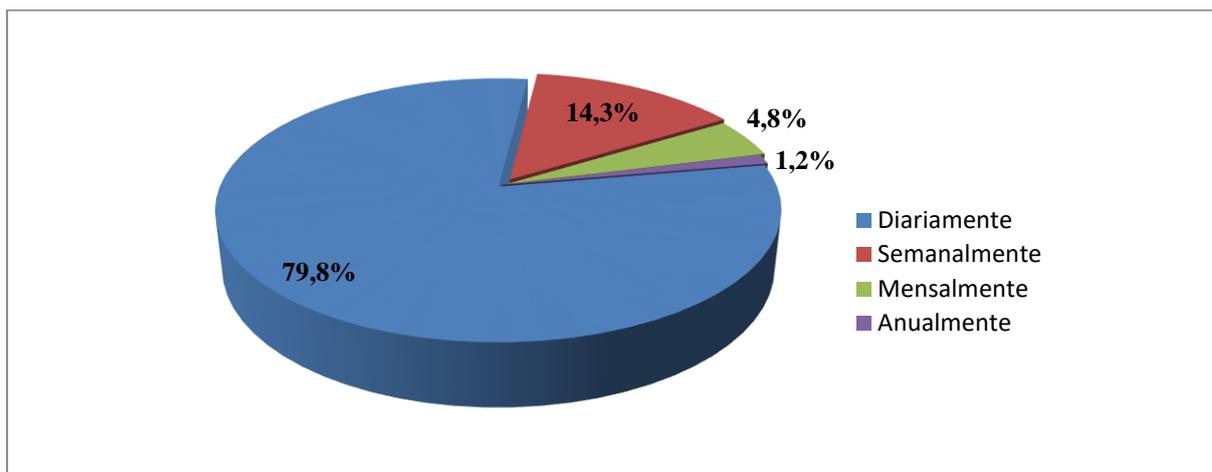


Fonte: elaborado pelo autor

É importante destacar que esta foi uma pergunta genérica, sem a intenção de especificar o tipo de leitura realizada, seja de textos informativos ou literários. Em se tratando de adolescentes que, em tese, possuem muito contato com o ambiente virtual e tecnológico, supomos que o gosto da leitura expresso na questão anterior está muito mais relacionado à leitura nas redes sociais e no meio virtual do que ao

gosto pelos textos literários ou/e ficcionais. Essa afirmação não constitui mera conjectura, mas está amparada em evidências produzidas por outras perguntas ao longo do questionário. Isso porque, ao serem indagados sobre a frequência com que leem nas redes sociais, as respostas foram as seguintes:

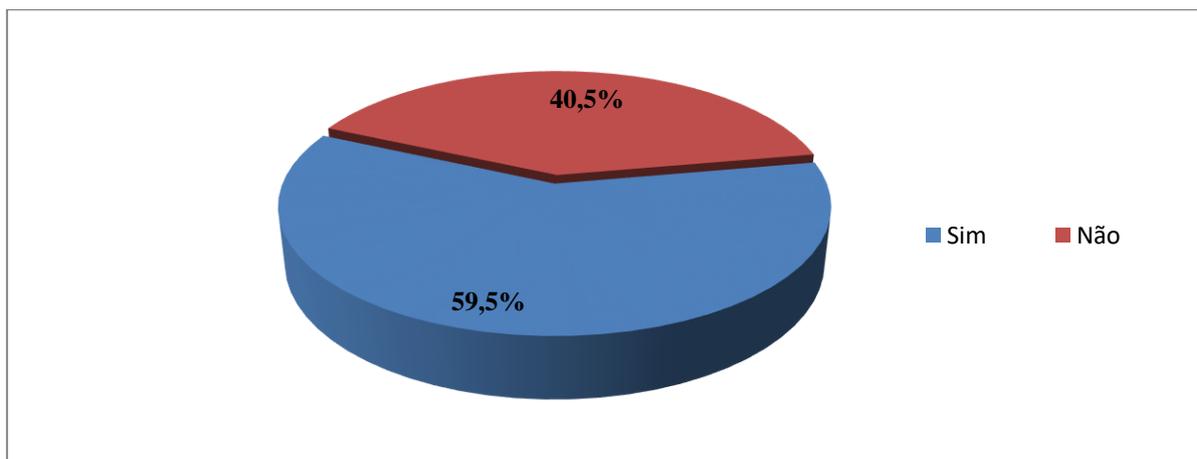
Gráfico 3 – Frequência da leitura nas redes sociais



Fonte: elaborado pelo autor

Outro indício de que o gosto da leitura se refere à realizada nas redes sociais está atrelada à queda significativa de respostas assertivas na questão que buscava conhecer o hábito da leitura de textos ficcionais de tais estudantes:

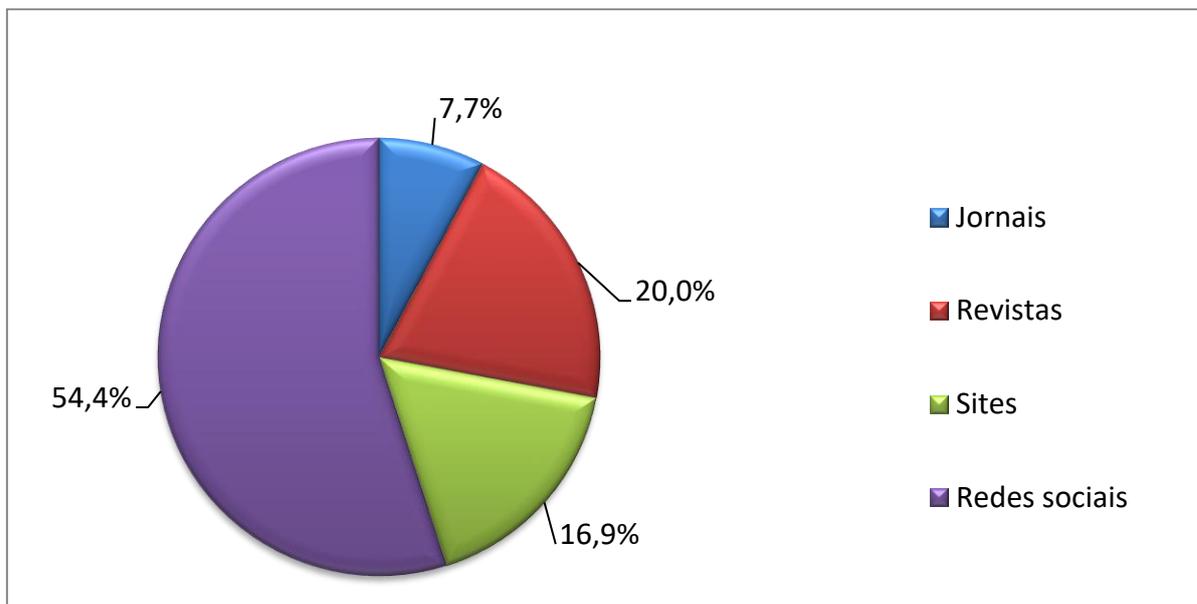
Gráfico 4 – Pergunta: Você tem o hábito de ler livros de ficção/literatura?



Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se, com essa questão, que um quantitativo considerável (34 estudantes), não possui o hábito de ler livros literários/ficcionais. Em nossa pesquisa, ao serem perguntados sobre as opções de leitura que pareciam interessantes, os alunos que disseram não ter o hábito de ler livros literários afirmaram preferir a leitura nas redes sociais:

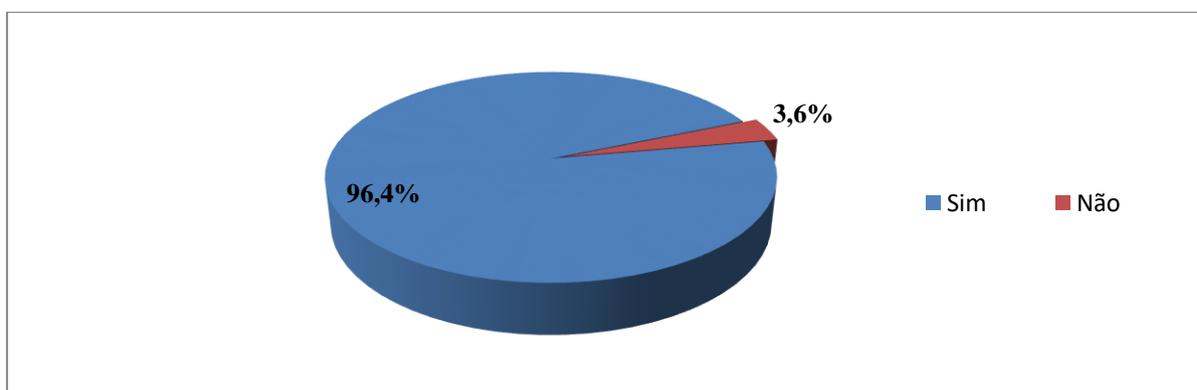
Gráfico 5 – Opção mais interessante para a leitura



Fonte: elaborado pelo autor

No entanto, ao serem questionados se a escola promovia projetos que incentivavam a leitura de textos literários, 96,4% dos entrevistados reconheceu a existência de tais atividades.

Gráfico 6 – Pergunta: Há projeto de leitura na sua escola?



Fonte: elaborado pelo autor

Apesar de quase todos os alunos (81 estudantes) reconhecerem os esforços da instituição escolar em promover atividades que incentivem a leitura em todas as etapas de ensino, tais projetos ainda têm se mostrado frágeis na tarefa de cativar os alunos. Logo, tal situação não é exclusividade da escola investigada, mas é percebida em outros contextos por meio das diferentes pesquisas realizadas nos últimos anos em todo território nacional.

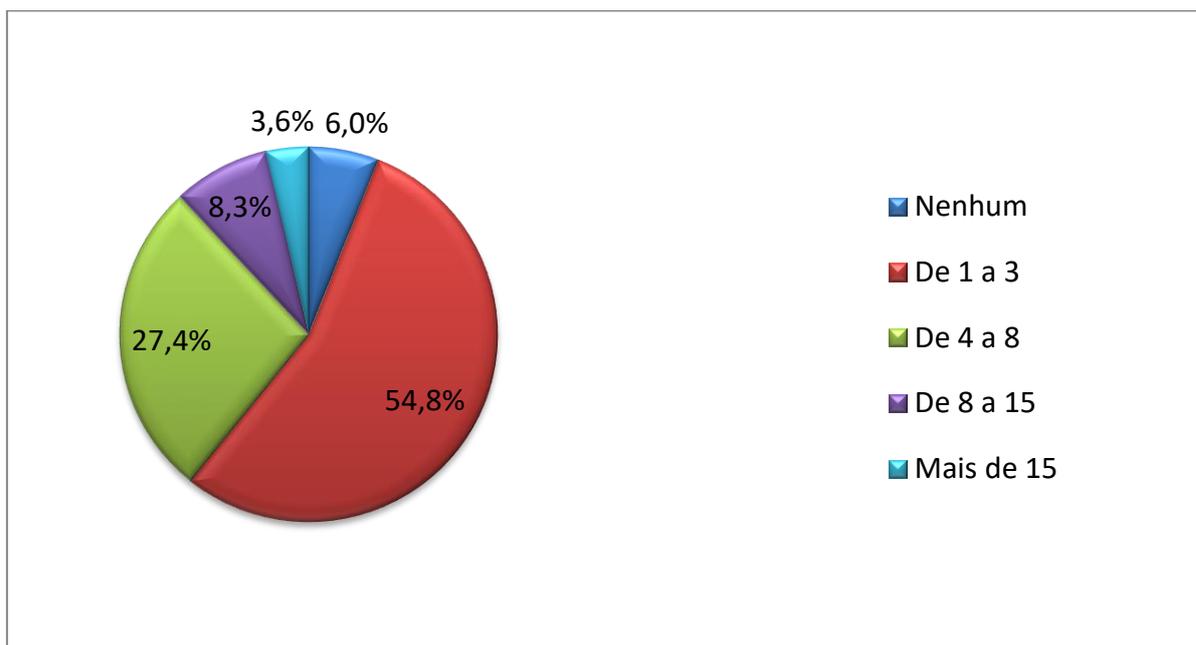
A 4ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, divulgada em 2016, corrobora os dados expostos acima, ao mostrar que somente 56% da população brasileira são considerados leitores¹¹. A pesquisa revela, ainda, que a média de leitura entre os brasileiros é de 4,64 livros lidos e que desses, apenas 1,91 são lidos integralmente (PRÓ-LIVRO, 2017).

Dados do Indicador Nacional de Alfabetização Funcional – INAF 2018 mostram que apenas 32% dos jovens entre 15 e 24 anos dominam plenamente a leitura e a escrita (Site do Instituto Paulo Montenegro, 2019). Ainda que receba inúmeras críticas, principalmente, no que se refere ao critério de avaliação do programa, nos dados do último Programme for International Student Assessment - PISA, disponíveis no Portal G1, o Brasil ocupou a posição 59º em um ranking de 70 países no quesito leitura. 50,99% dos estudantes brasileiros ficaram no nível 2 de proficiência em uma escala que vai de 1 a 6.

Apesar das críticas que podem ser feitas a essas avaliações e pesquisas, é inevitável não atentarmos para os baixíssimos índices de leitura que os estudantes brasileiros vêm apresentando nas diferentes amostras, dados que nos alertam para a persistência do desafio emergente da escola brasileira: formar leitores.

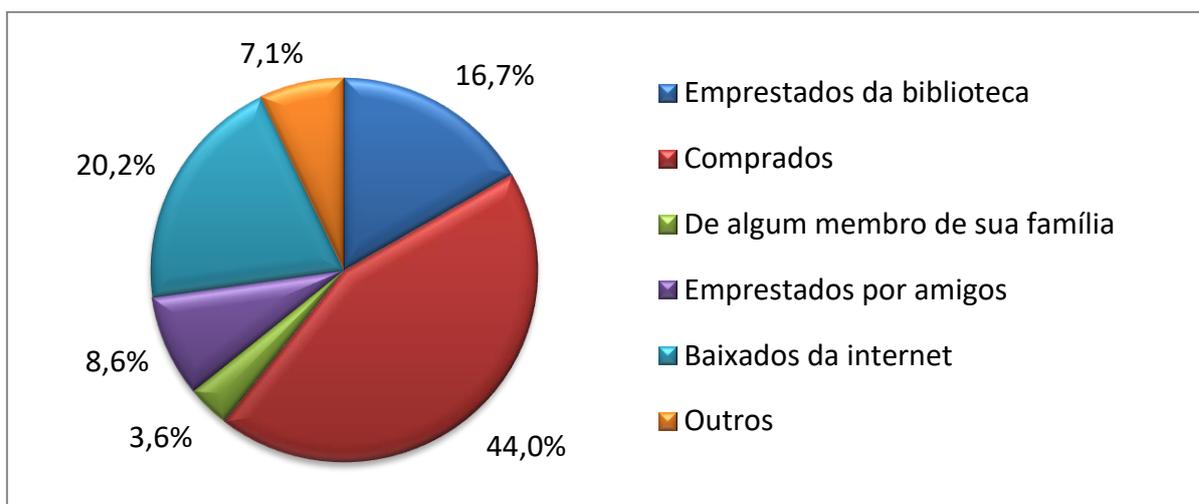
Em relação à quantidade de livros literários lidos por ano, os estudantes em nossa pesquisa responderam:

¹¹ A pesquisa considera leitor aquele que leu pelo menos um livro nos três últimos meses que antecederam à pesquisa.

Gráfico 7 – Quantidade de livros literários lidos por ano

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados do gráfico anterior revelam que a leitura de livros literários não é um hábito entre os alunos pesquisados, uma vez que mais da metade dos estudantes (54,8%) leem apenas de 1 a 3 livros por ano. Um fator que pode contribuir para o pouco hábito de leitura entre esses adolescentes está no acesso ao livro na escola. Ao serem questionados sobre a origem dos livros lidos, eles responderam:

Gráfico 8 – Acesso ao livro (Os livros que você lê são...)

Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico acima nos traz algumas constatações interessantes. Primeiramente, o crescente aumento da leitura realizada em suporte tecnológico, uma vez que 20,2% dos sujeitos responderam ler livros baixados da internet. O segundo ponto refere-se ao pouco acesso à biblioteca escolar, pois apenas 16,7% dos sujeitos afirmaram ler livros emprestados da biblioteca, sendo a aquisição (44% dos livros são comprados) o principal meio de acesso aos livros. Tal fato evidencia que há um imenso desafio a ser superado nas escolas e nas políticas públicas para o livro e a leitura: o fato de a biblioteca escolar não ser um meio de acesso aos livros e à leitura. Na escola em questão, não existe uma biblioteca, mas uma sala de livros. Não há uma organização e muito menos um funcionário responsável. Todo o trabalho de empréstimo (quando há) fica a cargo do professor.

Nesse sentido, podemos dizer que uma das dificuldades de se formar um leitor na escola pública está no acesso aos livros. Faltam bibliotecas públicas, livrarias e preços mais acessíveis à população em geral. A biblioteca escolar, há muitos anos, convive com várias dificuldades e problemas a serem superados. Entre eles estão a falta de iniciativa das escolas e do governo na implantação e suprimento de bibliotecas escolares, o pouco reconhecimento da biblioteca como disseminadora de leitura e a não valorização de bibliotecários formados no espaço escolar (MOLLO, 2007).

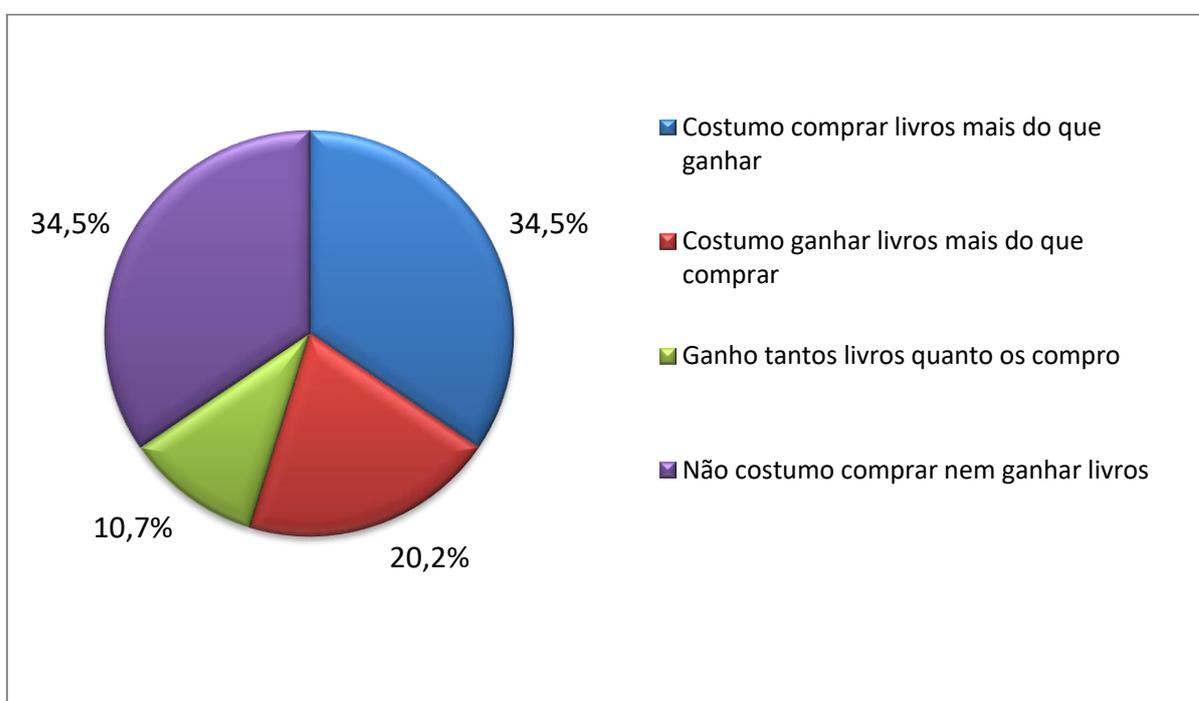
A biblioteca escolar necessitaria constituir-se como um lugar fundamental na escola, uma vez que é nesse espaço que deveria estar a grande aliada na formação de leitores, facilitando o acesso dos alunos aos livros. Todavia, conforme aponta Klebis (2008), a realidade encontrada em muitas escolas é a de livros encaixotados e empoeirados, à mercê da chuva, do vento e do sol, não chegando às mãos de quem deveria chegar: a dos professores e alunos. Para ele “o verdadeiro drama vivido pelas bibliotecas escolares de muitas escolas estaduais, em especial as das zonas mais carentes e periféricas, é o sucateamento” (KLEBIS, 2008, p. 41).

Nesse sentido, a biblioteca tem desempenhado efeito nulo, não contribuindo para a formação de leitores. Ainda segundo Klebis (2008):

Enquanto as bibliotecas escolares não dispõem de alguém que possa receber os alunos, ajudando-os a navegarem por entre suas estantes, tornando seus acervos acessíveis e circulantes, estimulando o convívio com a cultura de experimentação das várias possibilidades de leitura; enquanto continuarem trancadas, funcionando como depósitos, subutilizadas, decadentes, servindo apenas às traças, elas serão inúteis, assim como é inútil continuar a entulhá-las de livros sem antes se cuidar de modificar o quadro grotesco em que se encontram diversas bibliotecas implantadas nas escolas públicas brasileiras (KLEBIS, 2008, p. 42-43).

Outro ponto que merece atenção está relacionado à prática de compra e ganho de livro pelos adolescentes. Ao serem questionados sobre o consumo de livros, os respondentes disseram:

Gráfico 9 – Prática de compra e ganho de livros



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico anterior nos dá pistas do pouco hábito entre os entrevistados de enxergarem o livro como um objeto de interesse, um item que pode ser um presente. 34,5% respondeu não possuir o hábito de comprar nem ganhar livro. Esse mesmo percentual admitiu comprar mais livros do que ganhar, fato que demonstra certa autonomia na compra de livros.

A análise do gráfico nos dá indícios de que não há, no imaginário dos jovens pesquisados, a grande possibilidade de o objeto livro ser um presente, como outros

bens de consumo, a exemplo do celular, roupas, acessórios, videogames, entre outros. É possível inferir que tal comportamento está relacionado às concepções de leitura dos entrevistados, como veremos a seguir.

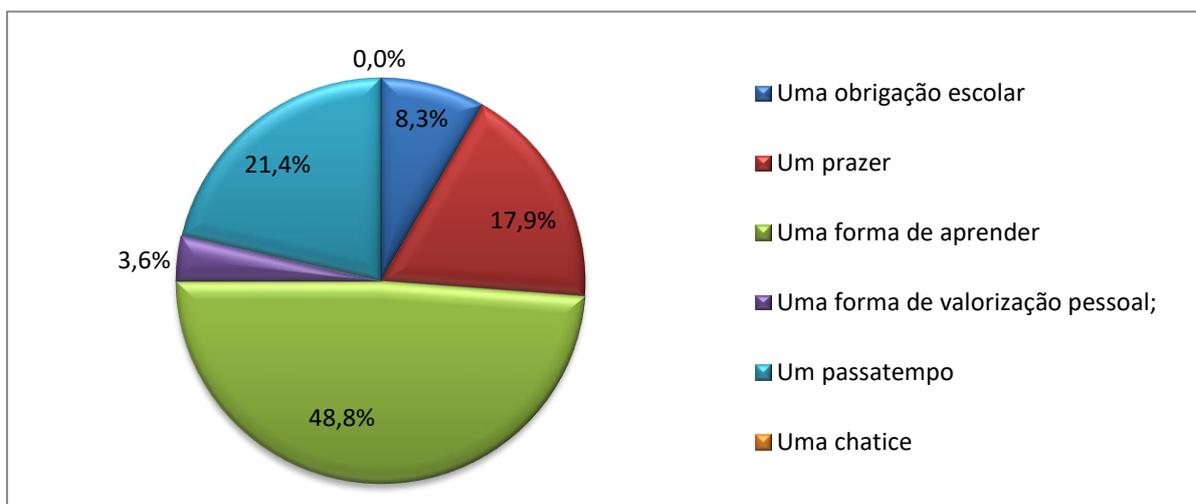
4.4. CONCEPÇÕES DE LEITURA

O autor Moacyr Scliar, no texto *O valor simbólico da leitura*, chama nossa atenção para o fato de que, na atualidade, a leitura tem duplo aspecto. O primeiro está relacionado à utilidade, já que lemos para nos mantermos informados e para sabermos das coisas. Já o segundo, refere-se ao aspecto simbólico, que se deriva, em parte, do utilitário, pois “Lendo, adquirimos saber; ora, saber é poder, e essa verdade se afirma no dia a dia no tipo de sociedade em que vivemos, uma sociedade em que a informação é decisiva” (SCLIAR, 2010, p. 38). O autor ainda aponta, acionando o conceito de *prazer do texto*, de Roland Barthes, que a leitura também é uma fonte de prazer:

Leitura informa, leitura emociona, leitura é coisa prazerosa. Há um aspecto lúdico no ato de escrever, na escolha das palavras que construirão o nosso relato; e esse prazer de uma forma ou de outra chega ao leitor (SCLIAR, 2011, p. 40).

Esses aspectos relacionados por Scliar (2011) também foram abordados na questão que objetivava saber o que é a leitura para os entrevistados:

Gráfico 10 – O que é a leitura para você?



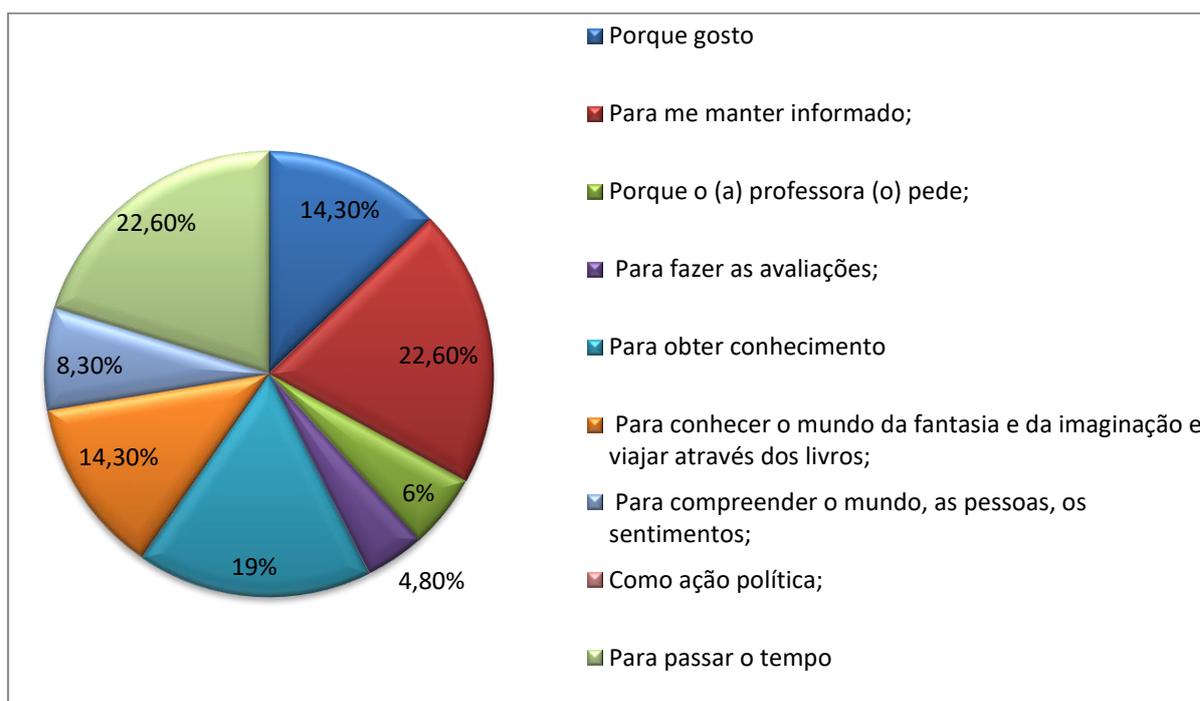
Fonte: elaborado pelo autor.

Nas respostas, 48,8% disseram que a leitura é “uma forma de aprender”. Ao considerarem essa opção, é possível depreender que tais adolescentes já se apropriaram do discurso enraizado nas sociedades letradas do valor e importância do conhecimento e do saber, ou seja, o aspecto utilitário da leitura. Ganha destaque, também, respostas relacionadas ao aspecto lúdico da leitura, lembrados por Scliar: 21,4% responderam que “a leitura é um passatempo” e 17,9% “um prazer”.

4.5 MOTIVAÇÕES À LEITURA

Em pergunta semelhante à anterior, questionamos aos estudantes quais eram as motivações que os levavam à leitura:

Gráfico 11 – Motivações à leitura¹²



Fonte: elaborado pelo autor

Percebe-se que, ao serem questionados sobre o motivo da leitura, os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, disseram ler por motivos pragmáticos, pois, se juntarmos as alternativas “para manter informado” (22,6%), “para obter conhecimento” (19%) “Porque o professor pede” (6%), “para fazer as avaliações” (4,8%), teremos 52,4% das respostas. Não podemos desconsiderar que tais hábitos de leitura estão

¹² Nesta questão, os adolescentes podiam marcar mais do que uma alternativa.

comumente associados à prática escolar e por vezes condenada por muitos discursos pedagógicos que entendem a leitura, sobretudo a literária, somente como “prazerosa”, “lúdica” e “sem objetivos pedagógicos evidentes”, no entanto, defendemos, assim como orienta Dalvi (2013), que

É necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundamentais ou inerentes (também) ao ensino de literatura (algo que, de nossa perspectiva, não poderia acontecer em separado dessas experiências, vivências e constituições subjetivas) (DALVI, 2013, p. 68).

Para a autora, é necessário entender que ler literatura deve ser algo a ser ensinado, experienciado e vivenciado. Outro aspecto que merece destaque, também explorado por Dalvi (2013), diz respeito à “adoção acrítica do discurso do ‘ler por prazer’ que privilegia uma função hedonista para a literatura” (DALVI, 2013, p. 74). A adoção desse entendimento, segundo a pesquisadora, traz as seguintes consequências:

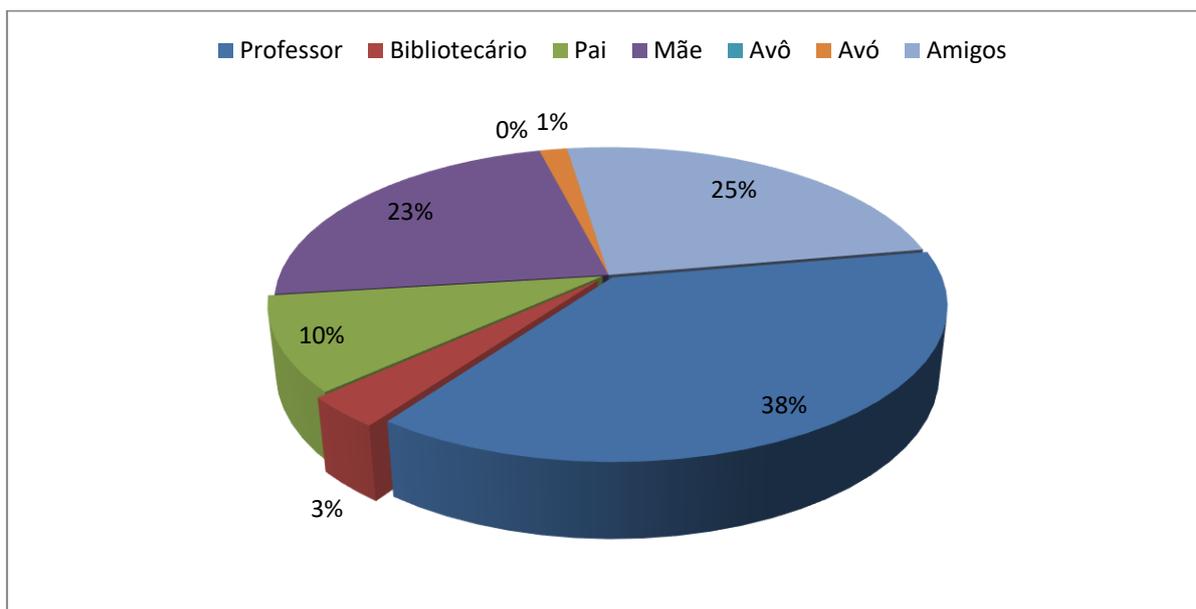
- a) O entendimento de que é “errado” que a literatura seja tratada como conteúdo que necessita ser aprendido-ensinado e, portanto, continuamente pensado, problematizado, polemizado, discutido, avaliado;
- b) O falseamento ou mascaramento do papel social, ideológico, histórico, político e cultural da literatura, em seus circuitos, tensões e sistemas (DALVI, 2013, p. 74).

Logo, é importante que o estudante seja incentivado a ler literatura, não somente para passar o tempo ou se aventurar no universo da “fantasia”, “imaginação” ou “ilusão”. É necessário entender que leitura de literatura na escola é também ação política (fato não evidenciado nas respostas dos estudantes), e, sobretudo, ação de resistência aos discursos cada vez mais falaciosos e enganadores. Portanto, é urgente romper com a visão amplamente divulgada de que literatura:

[...] É algo para gente “genial” (que consegue compreender aquilo que é incompreensível para a maioria), “ociosa” (que tem tempo de ficar discutindo o “sexo dos anjos”) ou “viajante” (que fica delirando/inventando/imaginando coisas onde não há nada para ser visto/percebido) (DALVI, 2013, p. 75).

Ao perguntarmos aos alunos quem mais os influenciava a ler, 38% disseram que o professor é o grande incentivador. Em segundo lugar, os alunos destacaram os amigos (25%) e em terceiro, a mãe (23%).

Gráfico 12 – Pergunta: Quem mais o influencia a ler?



Fonte: elaborado pelo autor

É possível destacar, a partir desses dados, algumas proposições. Uma delas é a inegável importância da escola no processo de incentivo à leitura. É por meio dela que a maioria das crianças e jovens mantém seu primeiro contato com livros, é função dela promover a leitura:

[...] parece-nos que a escola ainda é a instituição sobre cujos ombros está a grande responsabilidade de aproximar mesmo (e principalmente) quando as demais possibilidades fracassam, as pessoas dos livros, especialmente aqueles identificados como literários – cujo conhecimento íntimo e intransferível, pelo processo de construção/invenção de leituras, contribui indubitavelmente, assim como as demais experiências de vida, para o processo de humanização (DALVI, 2012, p. 36).

Por outro lado, verificamos o pouco incentivo dado pelos pais. Se agregarmos as alternativas que indicavam a família como principal promotora da leitura, não obteremos 35% das respostas. Essa situação evidencia o fato de que não há, em nossa sociedade, uma cultura que valorize o livro e a leitura, ela não está no rol das prioridades da família brasileira.

Quanto a isso, em entrevista dada à revista *Língua Portuguesa*, o autor de livros juvenis Pedro Bandeira fez uma importante colocação a respeito do lugar ocupado pelo livro nas famílias brasileiras:

O Brasil talvez seja o único país do mundo em que, se o livro não for recomendado por um professor, o papai, a mamãe ou o padrinho, não o compram para suas crianças. Ainda temos uma cultura ruim, em que os pais não hesitam em comprar um tênis de grife para o seu filho, de R\$ 1 mil, mas chamam quando a professora manda comprar um livro de R\$ 20. Eles dizem que "não gostam de gastar dinheiro com besteira". Os pais de classe média ainda acham mais importante investir no pé do que na cabeça do filho (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2011, p.13).

Afirmações como a do autor nos mostram o quão necessário é a mudança de hábitos na cultura brasileira que, dominada pelo capitalismo e consumismo, veem a leitura como uma atividade somente para aqueles que não possuem ocupações e dispõem de tempo extra em sua rotina. A leitura é considerada como elemento supérfluo, não é essencial.

4.6 PREFERÊNCIAS DE LEITURA

Outra resposta que nos pareceu relevante diz respeito aos temas de livros que mais agradavam aos entrevistados. Após a análise, ficou evidente que nem sempre uma temática agradava da mesma forma aos alunos pelo fato de que cada ser humano apresenta características, particularidades e interesses diferentes. Nenhuma temática conseguiu atingir mais de 25% das preferências.

Dito isto, percebemos que os alunos do 9º ano se interessaram um pouco mais por temáticas relacionadas ao realismo Maravilhoso e Fantástico, como pode ser observado no quadro a seguir:

Tabela 1 – Preferências de leitura

(continua)

O que te interessa ler hoje, em relação à literatura/textos ficcionais?		
TEMAS	Número absoluto	Porcentagem (%)
1. Romance com personagens sobrenaturais e magia (monstros, vampiros, alienígenas, fantasmas, zumbis, deuses, lobisomens, magos, seres dotados de poderes);	21	25%
2. Ficção científica;	15	17,9%

Tabela 1 – Preferências de leitura

(conclusão)

O que te interessa ler hoje, em relação à literatura/textos ficcionais?		
TEMAS	Número absoluto	Porcentagem (%)
3. Romance com personagens sobrenaturais e magia (monstros, vampiros, alienígenas, fantasmas, zumbis, deuses, lobisomens, magos, seres dotados de poderes);	21	25%
4. Ficção científica;	15	17,9%
5. Romance de amor;	7	8,3%
6. Romance com suspense;	6	7,1%
7. Romance de aventura;	5	6%
8. Romance com comédia;	4	4,8%
9. Romance baseado em fatos reais;	4	4,8%
10. Romance sobre um psicopata;	3	3,6%
11. Romance sobre assassinatos;	3	3,6%
12. Romance com terror;	2	2,4%
13. Romance com cenas eróticas;	2	2,4%
14. Esporte;	2	2,4%
15. Romance policial;	1	1,2%
16. Romance com fatos trágicos;	1	1,2%
17. História bíblica;	1	1,2%
18. Romance sobre experiências (memórias);	-	-
19. Outros	7	8,3%

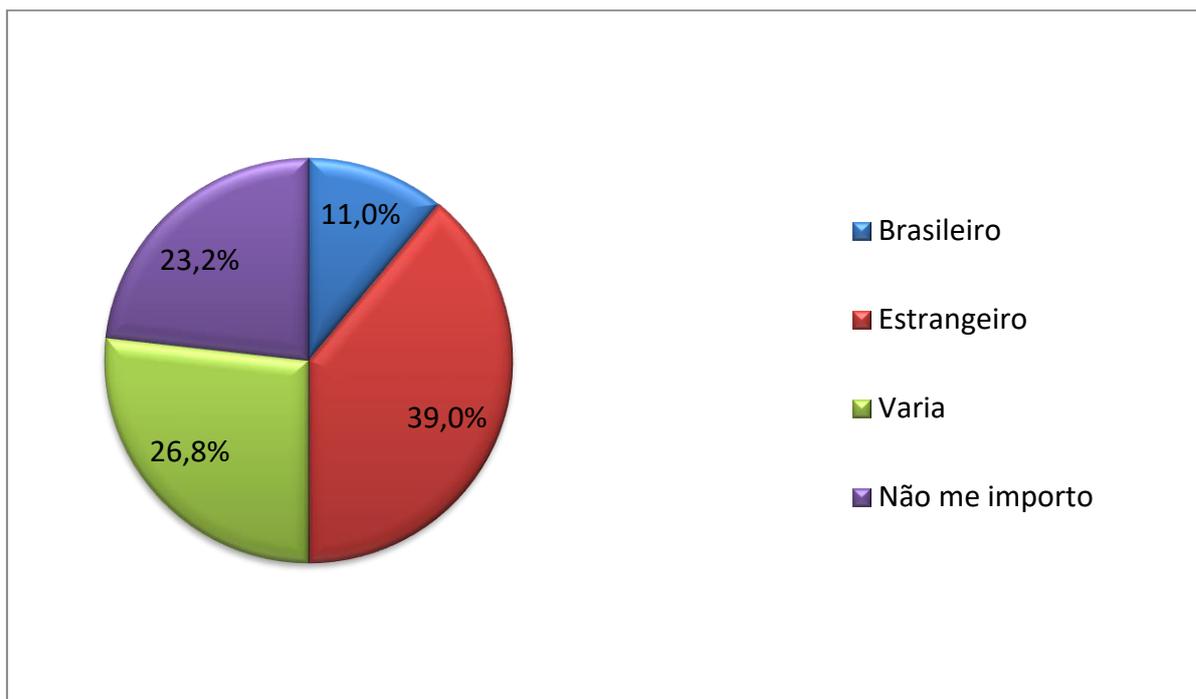
Fonte: elaborado pelo autor

A preferência de 25% dos estudantes por livros que trazem em seu enredo personagens sobrenaturais (monstros, vampiros, alienígenas, fantasmas, zumbis, deuses, lobisomens, magos, seres dotados de poderes) pode estar atrelada ao fato de que vários livros lançados nos últimos anos (*Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Jogos Vorazes*, *Percy Jackson*, etc.) giram em torno desses temas e possuem ingredientes típicos da literatura de massa (enredos movimentados, linguagem de fácil entendimento, entre outros) além de contar com exposições da mídia por meio de filmes baseados nos livros que arrastam multidões aos cinemas de todo o mundo. Sobre esses aspectos, concordamos com Ceccantini (2016) ao afirmar que:

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades. Frequentemente esses livros são traduções, em sua maioria produzidos pela indústria cultural de língua inglesa (norte-americana e britânica), difundidos em meio a economias globalizadas. Optar pela leitura de um livro “isolado” parece ser cada vez menos a regra para os títulos que fazem maior sucesso (CECCANTINI, 2016, p. 89).

A relação entre mercado cultural e o consumo de livros pelos jovens pode ser ainda mais endossada pelos dados que obtivemos quando perguntamos a nacionalidade dos escritores lidos:

Gráfico 13 – Escritores mais lidos



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico mostrou que 39% dos alunos leem livros de escritores estrangeiros e apenas 11% preferem escritores brasileiros. Na lista dos livros que mais marcaram a vida do adolescente, os títulos mais citados foram *O diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank (8 ocorrências), *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai (6 ocorrências), e a série *Diário de um banana* (5 ocorrências).

Tabela 2 – Livros que mais marcaram a vida dos entrevistados¹³

TÍTULO	AUTOR	NÚMERO ABSOLUTO
<i>O diário de Anne Frank</i>	Annelies Marie Frank	8
<i>Eu sou Malala</i>	Malala Yousafzai	6
<i>Diário de um banana</i>	Jeff Kinney	5
<i>Princesa Adormecida</i>	Paula Pimenta	3
<i>Harry Potter</i>	J. K. Rowling	3
<i>A seleção</i>	Kiera Cass	3
<i>Percy Jackson e o ladrão de raios</i>	Rick Riordan	3
<i>Cinderela Pop</i>	Paula Pimenta	2
<i>O pequeno príncipe</i>	Antoine Saint-Exupéry	2
<i>A mala de Hana</i>	Karen Levine	2
<i>A marca de uma lágrima</i>	Pedro Bandeira	2
<i>Supernatural</i>	Alex Irvine	2
<i>Quem é você, Alasca?</i>	John Green	2

Fonte: elaborado pelo autor

Fica evidente, na lista anterior, o vínculo que todas as obras mantêm com o universo dito juvenil e a indústria cultural. Os livros *O diário de Anne Frank*, *Harry Potter*, *Diário de um banana* e *Percy Jackson e o ladrão de raios* foram sucessos no mundo inteiro e objetos de adaptações para o cinema ou estiveram associados a outros objetos de consumo. Vale salientar que obras como *O diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank e *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai, além de livros que frequentemente aparecem na mídia pela história comovente das autoras, foram *corpus* de um projeto de leitura realizado na escola pesquisada e, por isso, aparecem com maior frequência nas respostas dos estudantes.

Ante a pergunta que pedia para os adolescentes citarem seus autores preferidos, estão três estrangeiros, John Green, Rick Riordan e Jojo Moyes e duas brasileiras, Paula Pimenta e Thalita Rebouças, como pode ser visto na tabela a seguir:

¹³ Optamos por transcrever apenas os títulos que apareceram duas ou mais vezes.

Tabela 3 – Escritor mais lido

Nome	Número absoluto	Porcentagem (%)
John Green	6	7%
Paula Pimenta	4	4,8%
Rick Riordan	4	4,8%
Jojo Moyes	2	2,4%
Thalita Rebouças	2	2,4%
Outros escritores	10	11,6%
Não Lembro	56	67%

Fonte: elaborado pelo autor

Chama nossa atenção o baixo nível de memorização dos nomes dos autores lidos, uma vez que um considerável número dos entrevistados (67%) disse não se lembrar do autor lido. Essa resposta traz a lume, consoante Ceccantini (2016), “o conceito de ‘leitor pouco cultivado’, ou seja, aquele leitor pouco familiarizado com as convenções e protocolos do universo da leitura” (CECCANTINI, 2016, p. 92).

É pertinente observar, também, a completa ausência de autores brasileiros que têm se destacado na literatura Infantil e Juvenil nos últimos anos. Nomes como Lygia Bojunga Nunes, Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado e Pedro Bandeira sequer foram citados pelos alunos. A pesquisa de Souza (2015) traz constatações semelhantes a que verificamos em nosso trabalho. A pesquisadora notou que autores legitimados pela crítica literária e pela universidade também não apareciam nos livros lidos pelos sujeitos de sua pesquisa:

Isso pode demonstrar tanto a ausência desses livros na sala de aula, ou seja, o professor não conhece e não indica, quanto no mercado, que prefere promover obras de lucro mais certo. O descompasso entre legitimação estética e sucesso de público é flagrante (SOUZA, 2015, p. 119).

Tal constatação também é comentada por João Luís Ceccantini em artigo *Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler*. Nele, o pesquisador analisa os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2016.

Nessa pesquisa, autores brasileiros, a exemplo dos já citados, apesar de terem obtido reconhecidos prêmios e espaço na mídia, bons índices de vendas e obras adquiridas por meio de compras governamentais, não aparecem na lista de autores lidos. (nem da *pesquisa Retratos da leitura no Brasil*, nem na nossa). Ceccantini (2016) ainda questiona:

A pergunta que se faz é: por que esses textos não aparecem enfaticamente nas citações dos estudantes? A resposta não é simples e certamente exigiria uma pesquisa específica para explorar de maneira mais vertical as escolhas dos jovens em matéria de leitura, o que uma investigação de natureza horizontal como a *Retratos da Leitura no Brasil* não comporta. No entanto, não se pode deixar de apontar aqui algo que a pesquisa sugere, em algumas instâncias, e que profissionais ligados à formação direta de mediadores de leitura e à pesquisa sobre o assunto já têm apontado com alguma regularidade há algum tempo: existe uma defasagem entre os horizontes de leitura dos jovens e os dos professores, resguardando-se naturalmente as exceções de praxe. (CECCANTINI, 2016, p. 94).

É nesse cenário que adentramos nas questões cruciais para nossa investigação: o conhecimento das obras premiadas pela CBL e pela FNLIJ, nos últimos cinco anos.

4.7 CONHECIMENTO DE OBRAS PREMIADAS

As últimas perguntas do questionário que aplicamos versavam sobre o conhecimento dos livros premiados nos últimos cinco anos na categoria “jovem” pela CBL e pela FNLIJ. Disponibilizamos o nome e o autor das 10 obras e indagamos aos estudantes se eles já tinham ouvido algum comentário ou alguma informação a respeito das obras juvenis elencadas. Obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 4 – Conhecimento de obras premiadas pela CBL e FNLIJ

Respostas	Número absoluto	Porcentagem (%)
Não	64	76,2%
Um lugar chamado aqui Felipe Machado	7	8,3%
A Linha Negra Mario Teixeira	6	7,1%
Desequilibristas Manu Maltez	3	3,6%
Aos 7 aos 40 João Anzanello Carrascoza	2	2,4%
Dentro de Mim Ninguém Entra José Castello	1	1,2%
Namíbia, Não! Aldri Anunciação	1	1,2%
O Labatruz e Outras Desventuras Judith Nogueira	-	-
Fragosas Brenhas do Mataréu Ricardo Azevedo	-	-
Iluminuras Rosana Rios	-	-
Aquela água toda João Anzanello Carrascoza	-	-

Fonte: elaborado pelo autor

É interessante observar que somente seis dos dez livros apresentados foram alvos de conhecimento dos alunos e destes, *Um lugar chamado aqui*, de Felipe Machado e *A linha Negra*, de Mário Teixeira, obtiveram maior número de citações, sendo sete e seis, respectivamente. Do total de 84 alunos, 64 nunca ouviram falar das dez obras elencadas, o que equivale a 76,2% dos adolescentes. Quando perguntamos se já haviam lido tais obras, o número de alunos que responderam negativamente foi ainda maior:

Tabela 5 – Leitura de obras premiadas pela CBL e FNLIJ

Respostas	Número absoluto	Porcentagem (%)
Não	79	94%
Aos 7 aos 40 João Anzanello Carrascoza	2	2,4%
A Linha Negra Mario Teixeira	1	1,2%
Um lugar chamado aqui Felipe Machado	1	1,2%
Iluminuras Rosana Rios	1	1,2%
O Labatruz e Outras Desventuras Judith Nogueira	-	-
Fragosas Brenhas do Mataréu Ricardo Azevedo	-	-
Aquela água toda João Anzanello Carrascoza	-	-
Dentro de Mim Ninguém Entra José Castello	-	-
Namíbia, Não! Aldri Anunciação	-	-
Desequilibristas Manu Maltez	-	-

Fonte: elaborado pelo autor

Essa condição nos faz refletir que, apesar do prestígio que as premiações concedem às obras, do relativo espaço que se abre na imprensa por meio de catálogos, eventos literários (feiras, bienais, congressos, etc.) e das publicações especializadas realizadas pela crítica, voltadas a professores e mediadores de leitura, ainda faltam mecanismos para que elas cheguem de fato a quem mais interessa: os leitores.

Diante disso, evidenciamos que tais obras premiadas não chegam às mãos dos seus leitores, e, quando chegam, fato que ocorreu em raríssimos casos, não foi por meio da escola, uma vez que na instituição pesquisada não há a presença desses livros. Nessa lógica, procuramos em outras pesquisas dados que pudessem elucidar ainda mais as questões.

Na dissertação de Ramalhete (2015), já citada em outro momento da nossa pesquisa, encontramos importantes informações. A autora mapeou, por meio de quadros, os livros infantis e juvenis premiados entre 2004 e 2013 e que foram adquiridos pelo PNBE.

A partir do levantamento feito por Ramalhete (2015) é possível notar que, das 27 obras premiadas na categoria juvenil pela CBL, de 2005 a 2013, 13 foram contempladas pelo PNBE. No mesmo período, dos dez livros premiados pela FNLIJ na categoria *Orígenes Lessa - O Melhor para o Jovem*, cinco estavam inclusos no programa. Assim, é possível verificar que cerca de 50% das obras premiadas chegaram às escolas públicas do país por meio do PNBE.

Entretanto, o quase total desconhecimento das obras premiadas pelos estudantes de nossa pesquisa talvez tenha se dado pela inexistência de tais títulos em livrarias, bibliotecas e acervos frequentados pelos estudantes, fazendo-nos entender que a literatura juvenil premiada só chega aos leitores juvenis por meio de uma única instância: O PNBE.¹⁴

Embora saibamos que somente distribuir não basta para que políticas públicas para o livro logrem êxito e a leitura atinja todo o seu potencial emancipatório, não podemos desconsiderar a importância que esse programa teve e o serviço prestado à formação de leitores no Brasil nos anos em que vigorou de forma contínua (entre 1997-2014). Desde 2013 as escolas da segunda etapa do ensino fundamental não recebem acervo de literatura.¹⁵

Diante dessa realidade, interessou-nos saber quais diálogos os adolescentes, estudantes de escola pública, estabelecem com os livros juvenis premiados. Há uma identificação com tais títulos? A história chama a atenção do adolescente? Encontram barreiras à leitura? Tais reflexões serão expostas no capítulo a seguir.

¹⁴ Atualmente, o PNBE foi definitivamente suspenso, sendo incorporado ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e transformado em PNLD literário.

¹⁵ Em 2018, o MEC, por meio do PNLD Literário, selecionou obras para compor o acervo da educação infantil e do ensino médio. Nesse ano, a segunda etapa do ensino fundamental não foi contemplada.

5 NARRATIVAS JUVENIS PREMIADAS: A VOZ DA CRÍTICA, DA ESCOLA E DO LEITOR

Conhecer o perfil dos adolescentes, bem como as concepções e práticas que possuem em relação à leitura e à literatura é importante para refletirmos sobre os diálogos que eles estabelecem com obras juvenis premiadas por instituições especializadas. Respaldados pelo viés bakhtiniano de linguagem, entendemos que os discursos são marcados por valores ideológicos múltiplos e contraditórios e, por isso, nunca neutros. Dessa forma, o dialogismo, como entende Bakhtin:

[...] É marcado não só pela interlocução direta com o outro, em determinada situação, mas pela interlocução com o próprio repertório de determinada comunidade semiótica, bem como pela definição contraditória do valor do signo no jogo de interação verbal. É justamente dessa interação verbal que nasce o conceito de polifonia. A posição do sujeito que fala, nessa perspectiva, nunca é unitária, porque implica sempre um outro da divisão social (TOLEDO, 2011, p. 119).

Assim, as práticas de leitura, que também são práticas sociais, estão ligadas intrinsecamente com a realidade social de seus falantes. Por isso a importância da contextualização e análise dos dados realizada no capítulo anterior que delineou os sujeitos da pesquisa. Somente após essa análise foi possível entender os critérios empregados e o julgamento de valor dado pelos estudantes a uma obra que, pela crítica literária, foi considerada de excelente qualidade, mas que, em alguns aspectos, não conseguiu atingir os leitores que participaram de nossa investigação.

Com base no que já foi exposto até aqui, o objetivo deste capítulo é apresentar a multiplicidade de vozes e opiniões (da crítica literária, da escola e do leitor) em torno das quatro obras literárias escolhidas pelos estudantes participantes do grupo focal: *Fragosas Brenhas do Mataréu*, *A linha Negra*, *Aos 7 e aos 40* e *Um lugar chamado aqui*. As duas primeiras premiadas pelo Jabuti em 2014 e 2015 e as duas últimas premiadas pela FNLIJ em 2014 e 2017. Esses títulos foram escolhidos no primeiro encontro realizado com os estudantes que se voluntariaram a participar dessa fase da investigação após a explanação, leitura de resumos e visualização dos dez títulos disponíveis. É importante observar que, apesar do grupo ser composto por 7 meninas e 2 meninos, nenhuma obra de autoria feminina foi escolhida.

Respaldados pelas concepções bakhtinianas de dialogismo e polifonia e “entendendo que a literatura é um fenômeno complexo e por demais multifacetado” (BAKHTIN, 2017, p. 13), tentaremos, pois, dialogar as múltiplas vozes em torno de uma mesma obra literária, nos esforçando para que, no decorrer do texto: 1) sejam apresentados os critérios e justificativas da crítica especializada para a premiação de determinada obra; 2) seja percebido o aparecimento da voz da escola no discurso dos sujeitos e, principalmente, 3) conheçamos os diálogos que jovens leitores estabelecem com as narrativas premiadas.

Esse terceiro ponto é fruto das entrevistas realizadas com nove estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública e que participaram voluntariamente nas sessões de grupo focal, uma vez que não contribuía para a nota. A utilização da entrevista como instrumento de produção de dados se mostrou adequada para os objetivos pretendidos. Os dados obtidos poderão contribuir para o conhecimento das relações entre adolescentes e leitura, além oferecer caminhos para o trabalho com a leitura e a literatura juvenil na escola.

Antes, porém, almejando abrir portas para a divulgação de autores e obras da literatura juvenil contemporânea, percorreremos o caminho de cinco anos (2013 a 2017) da premiação chancelada pela CBL e FNLIJ para livros juvenis. Por meio de comentários e particularidades que identificamos ao longo da pesquisa, apresentaremos no tópico seguinte, nuances das dez obras que elegemos para esta investigação.

5.1 PERFIL DOS LIVROS PREMIADOS ENTRE 2013-2017

Ao selecionarmos um *corpus* composto por dez obras premiadas entre 2013 e 2017 pela FNLIJ e pela CBL, algumas características, semelhanças e particularidades ficaram em evidência, possibilitando que apontemos, mesmo que minimamente, algumas tendências, temas e formas da literatura juvenil brasileira contemporânea a partir da análise da temática predominante, do projeto gráfico e do quantitativo de páginas das obras selecionadas.

Teresa Colomer, em seu livro *A formação do leitor literário* (2003), resultado da pesquisa de doutorado da autora, analisa narrativas infantis e juvenis espanholas publicadas a partir do restabelecimento da democracia na Espanha (1977-1990) e que obtiveram o reconhecimento da crítica especializada. A autora, nesse trabalho, aponta algumas tendências da ficção para adolescentes em contexto espanhol e observa que, em primeiro lugar, há o destaque para a “construção de uma personalidade própria” (COLOMER, 2003, p. 248) proposta por meio de narrativas que apresentam a “[...] descrição da vivência individual de um protagonista, normalmente associada ao amadurecimento na etapa adolescente [...]” (COLOMER, 2003, p. 249). Outros temas como a presença apreciável da vida em sociedade, a ficção científica, a narrativa histórica, a aventura realista e obras com personagens com forças sobrenaturais estão presentes nos romances juvenis.

No Brasil, mais recentemente, duas pesquisadoras, a saber, Gabriela Luft (2010) e Alice Áurea Penteado Martha (2011) apresentam em pesquisas as principais tendências e linhas temáticas da narrativa juvenil brasileira. Martha (2014) esclarece que “as narrativas denominadas juvenis apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural que transitam autores e receptores” (MARTHA, 2014, p. 12). De outro modo, Luft (2010), ao estudar a literatura juvenil premiada no início do século XXI (2001-2009), observa a presença de uma diversidade de linhas temáticas na literatura destinada aos adolescentes.

Linha da introspecção psicológica: Consoante Luft (2010), essa é a tendência predominante das narrativas juvenis brasileiras. Nessas narrativas, geralmente se explora a vida interior das personagens, na maioria dos casos, adolescentes. Os aspectos psicológicos dos protagonistas e a abordagem de conflitos familiares e amorosos, além do espaço dado a assuntos polêmicos presentes na vida do jovem atual, a exemplo da morte, medo, dor, preconceito e solidão são inovações temáticas da literatura juvenil contemporânea.

Linha de denúncia social: Trata-se de uma linha temática com engajamento político e ideológico e que visa a conciliar literatura e denúncia social, abordando temas urgentes e que assolam a população brasileira tais como a violência, a corrupção, a

desigualdade, a criminalidade para citar alguns exemplos. Tais narrativas, na maioria das vezes, apresentam personagens juvenis intimamente ligados às várias crises do mundo social. “[...] O adolescente, enquanto leitor, é chamado a vivenciar problemas que, abordados pela literatura, possibilitam muitas vezes a construção de respostas pessoais para os conflitos vividos” (LUFT, 2010, p. 78).

Linha da fantasia: Embora com menor frequência na literatura juvenil brasileira contemporânea, nesta tendência tem-se o intercruzamento do Maravilhoso e do Fantástico com a realidade.

Linha das relações amorosas: Segundo Luft (2010), a tematização das relações amorosas, apesar de presentes na maioria dos textos, exerce papel secundário nas narrativas contemporâneas.

Linha policial: histórias repletas de mistério e com clima detetivesco nas quais apresentam personagens adolescentes envolvidos na elucidação de crimes e sequestros.

Linha de terror e suspense: narrativas que fazem uso do tom fantasmagórico e do clima de assombração, terror e suspense. É uma linha pouco presente na literatura juvenil premiada nos últimos anos.

Linha da revalorização da cultura popular: presente em obras que propõem uma valorização da cultura popular por meio da recuperação de mitos, contos e lendas indígenas e africanas, resultando “[...] em uma literatura capaz de seduzir seus leitores, propondo-lhes, ao mesmo tempo, a reflexão sobre suas origens e as tradições de modo a resgatar, no passado da cultura, sua participação na manifestação do presente” (MARTHA, 2011, p. 129).

Linha do romance histórico: apesar de pouco recorrente no estudo de Teresa Colomer (2003), é uma forte tendência da literatura juvenil brasileira publicada nos últimos anos. As narrativas desta linha utilizam-se de fatos ou momentos da história oficial para abordar temáticas mais universais.

Linha da intertextualidade: textos que referenciam manifestações artísticas, sobretudo a tradição literária canônica, estão muito presentes nas narrativas juvenis brasileiras, pressupõem o reconhecimento por parte do leitor e importantes para a formação literária do jovem leitor.

Os livros juvenis premiados entre 2013 e 2017 pela FNLIJ e pela CBL, objeto de análise desta pesquisa, dialogam com pelo menos uma das linhas temáticas ou tendências apontadas por Luft (2010).

A peça teatral distópica, publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia, *Namíbia, não!*, de Aldri Anuçiação, premiada em 2013 pelo Jabuti, narra os dilemas vividos pelos primos André e Antônio. Ao serem surpreendidos por uma Medida Provisória do governo brasileiro que orientava que todos os afrodescendentes deveriam ser devolvidos aos seus países de origem na África, eles tentam lutar contra essa imposição do governo. Essa ficção futurística denuncia a intolerância e o racismo ainda presentes na sociedade brasileira. Obra de cunho político, dialoga com a linha de denúncia social.

Em 2014, a Câmara Brasileira do Livro concede o Prêmio Jabuti ao livro *Fragosas brenhas do mataréu*, do autor Ricardo Azevedo. Nessa obra, o narrador-personagem, um jovem português de aproximadamente 15 anos de idade, vê-se órfão após a morte de sua mãe, acusada de fazer bruxarias e condenada pelo tribunal do Santo Ofício. O rapaz, sem mais parentes em Portugal, é encaminhado ao Brasil e vive inúmeros obstáculos e dificuldades na terra desconhecida. A narrativa, resultado de uma grande pesquisa realizada pelo autor, apresenta um retrato do Brasil Colônia e das condições de vida no século XVI. É uma narrativa pertencente à linha histórica.

De igual modo, *A linha negra*, de Mário Teixeira, premiada em 2015, utiliza-se de fatos da história oficial para compor o cenário da narrativa. Em 1865, o jovem Casimiro é enviado pelo seu pai como soldado à Guerra do Paraguai, conflito que se estenderia por cinco anos. A obra, entrelaçada a partir de fatos e personagens históricos com ingredientes ficcionais de grande apelo ao público jovem, aborda temas como o amor, a amizade e o amadurecimento.

Em 2016, o Jabuti premiou *O labatrux e outras desventuras*, livro de estreia da professora universitária e cirurgiã Judith Nogueira. Os três contos que compõem o livro abordam temas tabus na literatura para jovens: a solidão, a morte e a frustração. A narrativa apresenta traços da linha da introspecção psicológica.

Semelhantemente, *Dentro de mim ninguém entra*, de José Castello, obra vencedora do Jabuti na categoria juvenil em 2017, discute questões densas da vida do artista Arthur Bispo do Rosário e sua vivência por mais de 50 anos no asilo manicomial. Ao trazer à tona, em uma mistura de ficção e realidade, conflitos psicológicos enfrentados pelo personagem desde a infância, a narrativa apresenta pontos de conexão com a tendência de introspecção psicológica.

Na premiação concedida pela FNLIJ, *Aquela água toda*, de João Anzanello Carrascoza, foi o vencedor em 2013 na categoria “O Melhor para o Jovem”. O livro, composto por onze contos, narra situações comuns e do cotidiano por meio de uma prosa poética que é característica do autor. Por se tratar de um livro de contos que mesclam temas relacionados à amizade, ao amor, às experiências, mudanças e etc. Podemos dialogá-lo com a linha da introspecção psicológica.

Em 2014, João Anzanello Carrascoza é premiado pela segunda vez consecutiva na categoria com o livro *Aos 7 e aos 40*. A obra, que possui estrutura de um romance, mas que apresenta capítulos independentes, à moda de contos (CECCANTINI, 2015a), relata a história de vida de um personagem em dois momentos: aos 7 anos e aos 40 anos. O tom da narrativa, muitas vezes memorialístico, leva seus leitores a refletirem sobre a passagem do tempo e sobre as relações entre pais e filhos. É uma obra pertencente à linha da introspecção psicológica.

Premiado em 2015, *Desequilibristas*, escrito e ilustrado por Manu Maltez é o único livro de poemas¹⁶ premiado durante o período analisado (2013-2017). Nesta obra, temos a tematização do cotidiano dos skatistas de forma transgressora e inovadora. As imagens justapostas em consonância com o texto poético criam uma imagem de urbanidade e de metrópole, cenário comum ao mundo dos *skates*.

¹⁶ Por se tratar de poemas, preferimos não dialogá-lo com nenhuma linha da literatura juvenil brasileira, uma vez que o estudo de Luft (2010) se deteve à análise de narrativas.

Fruto de uma pesquisa de muitos anos por parte da autora, *Iluminuras*, de Rosana Rios, vencedor do prêmio concedido pela FNLJ em 2016 e ganhador do 3º lugar do Prêmio Jabuti no mesmo ano, narra a história dos adolescentes Clara e Martin que se aventuram no tempo e no espaço. A narrativa transita entre o século XXI e o século XVIII, trazendo à tona momentos importantes da história do Brasil e problemas relacionados à escravidão. O projeto gráfico-editorial (do qual fazem parte as ilustrações de Thais Linhares) ganha destaque nessa obra. A narrativa pode ser integrada à linha histórica da ficção juvenil brasileira.

Um lugar chamado aqui, de Felipe Machado e ilustrações de Daniel Kondo, ganhador, em 2017, do prêmio da FNLIJ destinado ao melhor livro juvenil, envolve situações relacionadas ao encontro, induzindo seus leitores, de todas as idades, a pensarem sobre lugares, contextos, nacionalidades e as relações com os sentimentos. A narrativa pode ser incorporada à linha das relações amorosas.

Após a breve explanação dos dez livros premiados que selecionamos, é possível traçar um perfil, mesmo que em linhas gerais, das obras premiadas pela CBL e FNLIJ, bem como apresentar semelhanças e diferenças no conjunto das obras premiadas por cada instituição no período analisado (2013-2017). É importante ressaltar que não objetivamos levantar verdades absolutas ou analisar de forma exaustiva o perfil das obras premiadas, mas sim apresentar certas tendências e características observadas nas obras.

Entre as dez obras premiadas (5 da FNLIJ e 5 da CBL), apenas duas foram escritas por mulheres, *O labatruz e outras desventuras*, de Judith Nogueira e *Iluminuras*, de Rosana Rios, ambas premiadas em 2016 pela CBL e FNLIJ, respectivamente. Reflexo disso está na representação de um mundo muito mais masculino do que feminino, uma vez que somente em *Iluminuras*¹⁷ temos uma protagonista, Clara, que divide o posto com um protagonista masculino, Martin.

¹⁷ Excluimos da nossa análise os personagens de *Aquela água toda*, uma vez que a obra é composta por onze contos. De igual modo, preferimos não considerar as personagens intituladas Ela e Ele de *Um lugar chamado aqui* por considerarmos que a tônica do enredo não está nas personagens.

No que corresponde à concepção de público-alvo da literatura juvenil, Gregorin Filho (2016) alerta que não é possível pensar essa literatura sem se atentar para os aspectos relacionados à identidade juvenil que se alternam e mudam em decorrência do tempo e da cultura:

A literatura que se convencionou adjetivar de “juvenil” toma forma em função da concepção do público a que se destina, ou seja, o jovem do início do século XX era diferente do jovem deste limiar de século XXI e, ambos, quase em nada se assemelham àquele jovem do século XIX, assim como a literatura produzida para esses jovens tomou formas variadas com o passar do tempo. Essa mudança pode ser percebida não só no comportamento, na vestimenta, mas sobretudo na relação que ele mantém com outros adolescentes e com os mais velhos, bem como na maneira como interage com as tecnologias, estas também tão diferentes daquelas do início do século passado (GREGORIN, 2016, p.12).

No entanto, embora se perceba na juventude contemporânea um grande apelo e apego ao mundo virtual e tecnológico, nenhuma das dez narrativas trazem à baila contextos em que as tecnologias de informação e comunicação são preponderantes. Pelo contrário, em algumas das obras premiadas analisadas, como já constatamos ser uma vertente da narrativa juvenil brasileira, há a preferência pela descrição de um tempo-espaço distanciado do leitor, como as obras que dialogam com a linha histórica da narrativa juvenil contemporânea, a exemplo de *Fragosas brenhas do Mataréu* (prêmio Jabuti 2014), *A linha negra* (prêmio Jabuti 2015) e *Iluminuras* (prêmio FNLIJ 2016).

Tal constatação não pode ser atrelada a uma característica geral da ficção juvenil contemporânea, mas a uma vertente dessa literatura, posto que pesquisas mais amplas, a exemplo da realizada por Silva (2017), além de avaliações de pesquisadores da área, contrapõem o que observamos:

A literatura nomeada juvenil, emerge, assim, com identidade própria, evidenciando sinais peculiares, ainda que não exclusivos dela. Uma dessas marcas é a opção por uma narrativa em que os acontecimentos se desenvolvem no aqui e agora do leitor, estando ausentes os elementos mágicos que, oriundo da tradição popular e do conto de fadas, fazem parte da produção dirigida preferencialmente às crianças (ZILBERMAN, 2014, p. 179).

Outro tópico que encontramos certas peculiaridades está relacionado ao projeto gráfico-editorial dos livros. Embora menos ilustrados que livros infantis, nas obras

literárias destinadas a adolescentes, o projeto gráfico possui especial atenção. Segundo Odilon Moraes (2008), premiado ilustrador de livros infantis e juvenis, o cuidado com a ilustração deve acontecer desde a concepção do projeto. Ao comparar o projeto gráfico de um livro a um projeto de uma casa, o ilustrador entende que o termo casa é ampliado à concepção de morar dentro. Nessa vertente, as várias disposições do texto e imagem interferem no modo de ler do leitor. De acordo com o ilustrador,

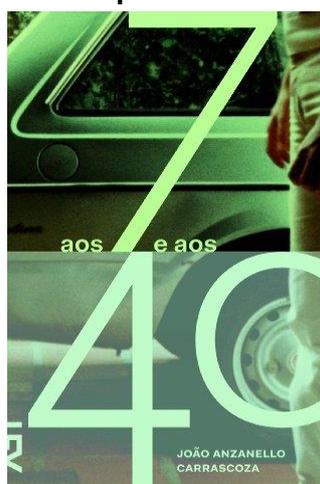
Da mesma maneira que um projeto de uma casa não se limita a uma ideia de casa, mas sim à ideia de um morar dentro de uma forma particular de disposições de espaços e ambientes, assim também o projeto gráfico de um livro propõe seus espaços, compostos por textos e imagens, e constrói um ambiente a ser percorrido. No passar das páginas, o projeto gráfico nos indica uma ideia de ler, isto é, uma ideia de um tempo para se olhar cada página, de um ritmo de leitura por meio do conjunto de páginas, de um balanço entre o texto escrito e a imagem, para que, juntos, componham e conduzam a narrativa. A escolha do papel, formato, dimensão, letra, tipo de impressão, encadernação, quantidade de texto em cada página – itens que muitas vezes fogem à percepção da maioria dos leitores (e não ser particularmente notado é um mérito do projeto) – são de grande importância por interferirem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamada livro (MORAES, 2008, p. 49 - 50).

Dessa forma, apesar de algumas obras possuírem um projeto gráfico-editorial mais simplificado que outras, o cuidado e a qualidade são visíveis nos livros premiados pela FNLIJ e CBL. No rol dos dez livros laureados que elencamos para esta pesquisa, com exceção de *Aos 7 e aos 40* que só apresenta imagens na capa, os textos não-verbais estão presentes no interior de todas as obras, ora em formato de ilustrações, a exemplo de *Um lugar chamado aqui*, em formato de reprodução de obras de arte, como em *Dentro de mim ninguém entra*, ou em fotos, a exemplo de *Namíbia, não!*

Entre as dez obras, algumas apresentam projetos aparentemente mais simples, nas quais o destaque está mesmo para o texto. É o caso de *Aos 7 e aos 40*¹⁸, de João Anzanello Carrascoza que, como dissemos, apresenta uma imagem única que se estende da capa a contracapa. O texto impresso em folhas verdes é marcado por uma tonalidade mais escura ao longo das páginas para demarcar os fatos ocorridos com a personagem aos 7 anos de idade e depois aos 40 anos.

¹⁸ Apesar de aparentemente simples, a parte gráfica do livro de Carrascoza possui um todo coeso vinculado ao projeto estético do escritor. Veremos isso mais adiante, ao analisarmos mais detidamente essa obra.

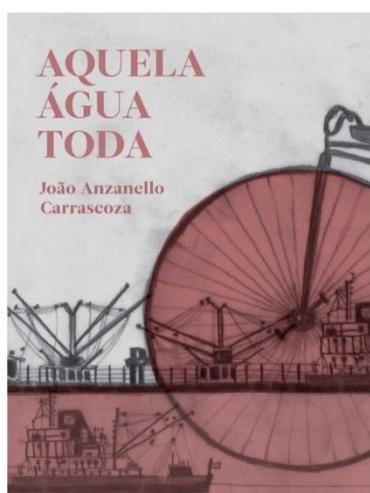
Figura 5 – Capa do livro *Aos 7 e aos 40*



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Aquela água toda, também de Carrascoza, possui ilustrações de Leya Mira Brander que escolheu o papel vegetal para transpor sua criatividade. Os traços delicados, as cores em tons de cinza e vermelho fogem ao previsível. De acordo com a FNLIJ, “delicadas imagens em papel vegetal captam toda a leveza e fluidez do texto. Na capa, sobrecapa e miolo, pessoas, objetos, animais e insetos, em preto e rosa, concedem força e beleza aos episódios narrados” (FNLIJ, 2013, p. 6).

Figura 6 – Capa do livro *Aquela água toda*



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

O labatruz e outras desventuras, de Judith Nogueira, (figura 7) também apresenta um projeto gráfico-editorial simplificado. Na capa, predominam as cores vermelha e branca com pequenos pontos de preto. No interior do livro, cada novo conto é

iniciado por uma ilustração com as mesmas cores da capa. A preferência por tais cores, principalmente pela cor vermelha, pode indicar uma possível relação com os temas das narrativas: morte, frustração e solidão.

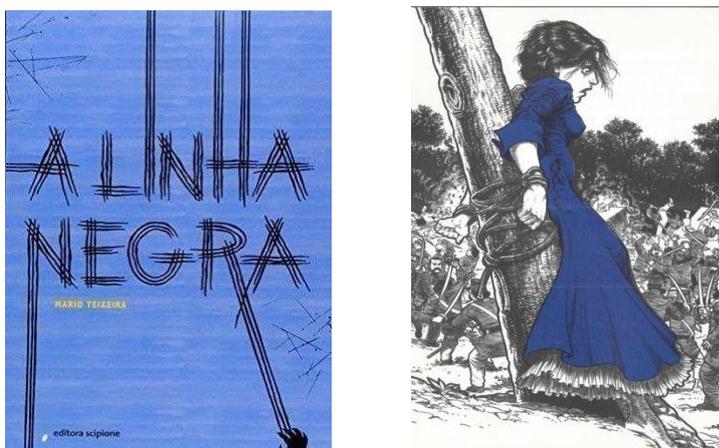
Figura 7 – Capa do livro *O labatruz e outras desventuras*



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Já em *A linha negra*, o projeto gráfico editorial lembra os antigos livros de bolso, à moda de faroeste. A capa, toda azul com letras em preto, remete ao próprio título da obra. No canto inferior direito, vemos uma mão que lembra as garras de um animal feroz. As ilustrações de Allan Alex traduzem o desespero, obstáculos e perigos por que passam as personagens.

Figura 8 e 9 – Capa do livro *A linha negra* e imagem reproduzida da página 176



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Realizado por Rafael Nobre, o projeto gráfico de *Fragosas brenhas do mataréu* remete ao contexto histórico da narrativa, o século XVI. Na capa, o estilo da

ilustração, atrelado ao desenho do barco e monstros do mar, lembram as grandes epopeias, a exemplo de a *Odisseia*, *Ilíada* e os *Lusíadas*. Possui, ainda, um acabamento com tinta verde metálica. As ilustrações no interior do livro são ricas em detalhes e retomam as matas virgens, a natureza, os índios. Como parte do projeto estético do autor, no interior do livro é utilizada a fonte de letra Requiem, inspirada no manual de caligrafia de Ludovico Arrighi de 1523.

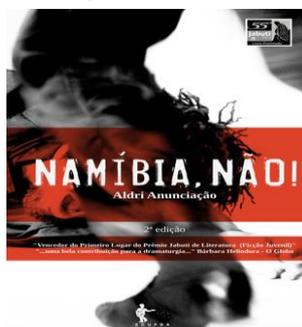
Figura 10 e 11 – Capa do livro *Fragosas brenhas do mataréu* e imagem reproduzida da contracapa do livro



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

O projeto de *Namíbia, não!* é todo composto por fotos do acervo da produção da peça teatral. Por se tratar de texto encenado, o projeto gráfico do livro rememora cenas importantes da peça, bem como a expressão dos atores. Há, ainda, um anexo com imagens dos debates promovidos, ensaios, cenários, encontros e laboratórios de cena.

Figura 12 – Capa do livro *Namíbia, não!*



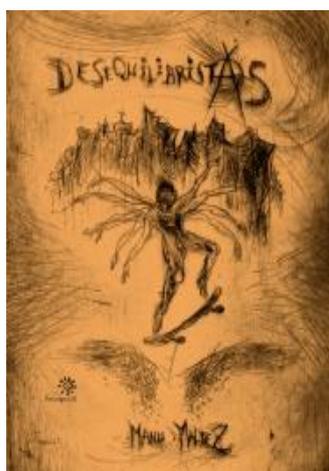
Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Desequilibristas, de Manu Maltez; *Iluminuras*, de Rosana Rios; *Um lugar chamado aqui*, de Felipe Machado, os três premiados pela FNLIJ em 2015, 2016 e 2017,

respectivamente e *Dentro de Mim ninguém entra*, de José Castello, vencedor do Jabuti em 2017, são os livros nos quais os projetos gráficos mais se destacam entre os elencados no presente trabalho.

Escrito e ilustrado por Manu Maltez, *Desequilibristas* (figura 13 E 14) une gravuras, desenhos e pinturas enriquecendo muito o texto poético da obra, uma vez que as imagens, em nanquim, remetem ao texto e ao tema do livro, formando um todo envolvente e representativo do espaço urbano. As ilustrações com traços forte em preto fazem um bonito contraste com o branco das páginas. O tamanho e o formato das letras variam durante todo o livro, mas sempre estão no centro da folha. O formato grande da obra, juntamente com a capa dura em tons de laranja e preto, salta aos olhos do leitor jovem.

Figura 13 e 14 – Capa do livro *Desequilibristas* e imagem reproduzida das páginas 11 e 12



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Iluminuras, de Rosana Rios (figura 15 e 16) recebe ilustrações da especialista em história e narrativa medieval Thais Linhares. Todo o projeto gráfico está intimamente ligado à história narrada, desde a gramatura do papel, o formato e tons das letras, as cores usadas nas ilustrações. Percebemos um todo coeso que envolve o leitor na história. A capa, com fundo marrom, apresenta o título do livro centralizado, colorido, em tamanho grande, ocupando quase todo o espaço e, dentro de cada letra, há detalhes de uma mini-iluminura, o que motiva semanticamente o leitor desde o primeiro contato com a obra. No sumário, os títulos dos dez capítulos, além de

formarem o acróstico iluminuras, são desenhados em um formato de letra mais antigo, o que nos remete ao tempo da história narrada, o século XVIII. No começo de cada capítulo há o desenho de uma iluminura com tons vivos e coloridos, ocupando boa parte da página. O título de cada capítulo é apresentado em tamanho médio e em tons de laranja, contrastando com a letra pequena do corpo do texto.

Figuras 15 e 16 – Capa do livro *Iluminuras* e imagens reproduzidas das páginas 7 e 8



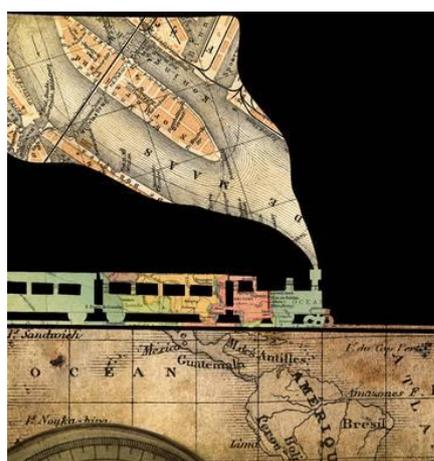
Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Sobre as técnicas usadas na elaboração de um projeto gráfico de um livro para crianças e jovens, é *sine qua non* a contribuição que as novas tecnologias deram ao trabalho do ilustrador. Em artigo intitulado *As diferentes técnicas de ilustração*, Renato Alarcão pontua que o computador facilitou bastante o trabalho do profissional. Com a presença dessa tecnologia, é possível realizar correções e acrescentar elementos de forma mais precisa que nas técnicas tradicionais. Consoante o ilustrador,

Softwares gráficos permitem que combinemos nossas ilustrações com o texto e deixemos a obra pronta para a impressão. Hoje podemos usar tintas sem sujar nossas mãos, porque os pigmentos são imateriais, meros pontos de luz colorida no monitor. O mouse (e as lesões de esforço repetido que o acompanhavam) é coisa do passado. Temos agora as *tablets* e canetas digitais (e em pouco tempo coisas melhores virão substituí-las), e com essas ferramentas trabalhamos em programas que simulam digitalmente e com perfeição absoluta técnicas tradicionais, como aquarela, pastel, óleo etc. (ALARCÃO, 2008, p. 69).

Nessa perspectiva, o projeto gráfico de *Um lugar chamado aqui*, desenvolvido por Daniel Kondo, merece destaque pela beleza e qualidade. Logo de início, a capa preta chama a atenção pelo furo vazado na palavra *aqui* e na silhueta de dois personagens que se encontram frente a frente, lembrando um casal apaixonado. Ao fundo, mapas que aparecem nesses furos, remetem ao tema do texto, fazendo um contraste com o preto da capa. Os mapas, de diferentes épocas e lugares utilizados em toda a narrativa, trazem o conceito de história atemporal, possível em diferentes momentos, possibilitando múltiplas interpretações. As imagens ocupam um lugar de destaque no livro, e, por vezes, até páginas inteiras.

Figura 17 e 18 – Capa do livro *Um lugar chamado aqui* e imagem reproduzida da página 26



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Ao estudarmos o projeto gráfico dos livros juvenis premiados, percebemos a qualidade e o cuidado com o todo, desde a encadernação às ilustrações, assemelhando-se, muitas vezes, a catálogos de obras de arte. À guisa de exemplificação, tal constatação pode ser verificada, além das obras já mencionadas, em *Dentro de mim ninguém entra*, com fotos de Andrés Otero e obras de Arthur Bispo do Rosário. O formato do livro, bem como a diagramação, assemelha-se a de catálogos de obras de arte. Na capa, o fundo preto é contrastado com o vermelho das letras e, ao lado do título, a imagem de uma gaiola já prepara o leitor para a história narrada. Ao longo das 160 páginas, o livro mescla-se ora em páginas totalmente pretas com letras na cor branca, ora as páginas brancas opõem-se aos textos de cor escura. Somam-se a isso as fotos de mais de 30 obras pertencentes à

coleção do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea que abrilhantam o projeto gráfico que vai muito além da capa. O volume se completa com um ensaio biográfico sobre Bispo do Rosário.

Figura 19 – Capa do livro *Dentro de mim ninguém entra*



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

No tangente ao quantitativo de páginas dos títulos analisados, ambas as premiações têm galardoado títulos com mais de 100 laudas¹⁹. Embora pesquisas anteriores, a saber, Ceccantini (2000) e Silva (2016), tenham mostrado que o acervo da literatura juvenil premiada é marcado pelo número reduzido de páginas, o júri das duas instâncias premiadoras discutidas aqui tem investido, nos últimos anos, em obras mais longas. Das dez obras analisadas, *Iluminuras*, de Rosana Rios (prêmio FNLIJ 2016) é a mais extensa, com 272 páginas. Em seguida, *Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo (Prêmio Jabuti 2015) e *A linha negra*, de Mário Teixeira (Prêmio Jabuti 2014) acompanham a obra de Rosana Rios com 252 e 200 páginas, respectivamente.

A premiação de obras mais extensas nos últimos anos pode ser uma tentativa de quebrar com a ideia de que o leitor juvenil não se interessaria por uma obra longa, fato evidenciado na pesquisa realizada por Ceccantini na década de 2000:

[...] o número de páginas de uma narrativa juvenil oscilou de 46 a 160 páginas, chegando-se a média aritmética de cerca de 100 páginas. Ou seja,

¹⁹ A exceção se dá com a obra *Um lugar chamado aqui*, de Felipe Machado, com 48 páginas (prêmio FNLIJ 2017). Título que apresenta várias características de um livro destinado a crianças. Discutiremos mais detalhadamente sobre essa obra em um tópico posterior.

é de se imaginar que, pelo que os dados mostram, um livro juvenil com mais de 160 páginas possivelmente afugentaria os leitores acostumados com os padrões do gênero, levando escritores, editores e talvez mesmos instâncias premiadoras a não arriscar o investimento em textos mais longos. Trata-se, certamente, de um aspecto significativo, se considerar que literaturas juvenis de outros países, quase tão recentes quanto a nossa, têm um padrão de obras com um número maior de páginas (CECCANTINI, 2000, p. 310-311).

As análises empreendidas até aqui mostram a diversidade de temas e autores na literatura juvenil, além do cuidado com o projeto gráfico-editorial que está em constante renovação. É possível afirmar, ainda, que há, na literatura juvenil brasileira, um leitor idealizado pelos livros premiados, como mostrou a pesquisa de Mariana Ramallete (2015). Assim, na discussão ora proposta, interessou-nos saber os diálogos que tais livros estabelecem com o leitor real, adolescentes de escolas públicas.

5.2 FRAGOSAS BRENHAS DO MATARÉU, DE RICARDO AZEVEDO (PRÊMIO JABUTI 2014)

Autor de mais de 100 livros para crianças e jovens, o escritor, ilustrador e pesquisador Ricardo Azevedo possui carreira literária já consolidada e muitos prêmios recebidos. No Jabuti são três prêmios na categoria juvenil com *Maria Gomes* (1991), *A Outra Enciclopédia Canina* (1999) e *Fragosas brenhas do mataréu* (2014). Foi também laureado com prêmios da FNLIJ e da APCA.

O romance de Ricardo Azevedo, em meio a tantas obras destinadas ao público juvenil lançadas na contemporaneidade, destaca-se pelo precioso trabalho com a linguagem e por tratar de questões relacionadas às experiências e ao amadurecimento do protagonista no decorrer da narrativa. De acordo com Ceccantini (2000), na literatura juvenil brasileira não é rara a presença desses temas, característicos do *romance de formação* ou *Bildungsroman*:

A importância da narrativa de formação como subgênero de grande ocorrência no *corpus* examinado não parece menosprezável, apontando para a ideia que defendo já há algum tempo, a de que o *Bildungsroman*, subgênero que tem por grande paradigma *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796), de Goethe (1749-1832), é uma das principais fontes longínquas para aquilo que se convencionou chamar literatura juvenil, sendo possível encontrar na produção contemporânea inúmeras

obras que, de diferentes maneiras, “atualizam” o subgênero (CECCANTINI, 2000, p. 319).

Como apontado pelo pesquisador, o termo em sua origem, desenvolvido pelo crítico alemão Karl Morgenstern, está atrelado ao livro *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe. No *corpus* analisado por Ceccantini (2000) as narrativas juvenis premiadas, inseridas em uma *estética de formação*, possuem ao menos três desdobramentos. O primeiro desdobramento remete à temática das narrativas, visando “a busca da identidade e o processo de amadurecimento do jovem, do ponto de vista físico, intelectual, emocional, ético, entre outros aspectos, sendo essa temática reiterada nas narrativas, tanto numa posição central quanto periférica” (CECCANTINI, 2000, p. 435- 436). O segundo sentido liga-se à preocupação com o público-alvo, considerado ainda em formação, o que não significa dizer abrir mão da qualidade estética. Já no terceiro ponto, a formação está atrelada à educação, substituindo “a pecha de literatura pedagógica” (CECCANTINI, 2000, p. 437), mas que no *corpus* analisado, a tônica não recai sobre a veia didática-moralizante e, sim, sobre o aspecto literário.

Ainda de acordo com Ceccantini (2015b) a escrita dessa narrativa de formação representa um desafio para os autores, podendo resultar em dois tipos de obras:

O romance de formação, em que um jovem se vê lançado ao mundo vivendo as experiências marcantes de sua existência, costuma constituir uma prova de fogo para os escritores, mesmo os mais experientes e de melhor reputação, na medida em que lida com situações arquetípicas e bastante repisadas pela tradição literária. No caso da literatura juvenil, é numa empreitada como essa que os ficcionistas podem revelar sua efetiva maestria ou cair nas armadilhas do *déjà vu*, que amonta situações-clichê, personagens estereotipadas ou surradas banalidades, tornando uma obra perecível e condenando-a ao rápido esquecimento. (CECCANTINI, 2015b, p. 40).

É justamente pelo trabalho bem-sucedido que a obra de Ricardo Azevedo se destaca. Na narrativa em questão, o protagonista, um adolescente português de cerca de 15 anos, fica órfão ainda muito jovem ao ter sua mãe presa e torturada pelo Tribunal do Santo Ofício, sob a acusação de prática de bruxarias e heresias contra a Igreja Católica. Sozinho, o jovem é obrigado a trabalhar na frota ultramarina e, posteriormente, é mandado às novas terras descobertas, conhecendo um Brasil de que pouco se tinha informações. A exemplo de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, a

nau do rapaz naufraga e, sozinho, é obrigado a encontrar alternativas e lutar pela sobrevivência, tendo que se alimentar da carne de uma baleia encalhada na praia. Ao decidir adentrar-se na mata desconhecida em busca de refúgio e melhores condições de vida, encontra uma vila chamada Pedra Verde da Serra e por lá se estabiliza ao ser acolhido pelo boticário Pero de Moura, de quem se torna aprendiz. Na vila, o jovem conhece a mameluca Jurecê por quem se apaixona e tem suas primeiras experiências sexuais. No entanto, seu romance secreto não dura muito tempo, uma vez que é obrigado a fugir após trágica desavença com o capitão-mor da vila, resultando na execução do boticário.

O jovem português, novamente, é forçado a se aventurar nas matas desconhecidas, estando exposto à sorte de perigos, aventuras e descobertas. Capturado por uma tribo indígena juntamente com o negro Mané Mulato, que em momento anterior havia salvado sua vida, o protagonista é aprisionado pelos índios da tribo que, a princípio, lhe tratam bem, para, posteriormente, sacrificá-lo em um ritual antropofágico, fato esse descoberto antes do intento. O rapaz, ao lado do negro Mané Mulato e do judeu cristão-novo Diogo Calderão, ambos prisioneiros, elaboram um plano para se livrarem do sacrifício. Embora a estratégia não saísse como planejada, os prisioneiros conseguem se livrar do ritual antropofágico e são libertos pelos índios e retornam à vila de Pedra Verde da Serra, no intuito de encontrar Jucerê e a mãe de Mané Mulato. Todavia, ficam sabendo da morte da mãe do negro e da venda de Jucerê para um fidalgo da capitania do Rio Grande do Norte. O protagonista, ao lado dos amigos, parte rumo à capitania na esperança de refazer sua vida e encontrar a jovem Jucerê.

A história visa a retratar o sujeito que está em transição, que amadurece no decorrer do tempo e das situações vivenciadas. Juntamente com o protagonista, a sociedade vai se alterando. Por meio da ótica do narrador-personagem, vemos aspectos ligados à colonização brasileira, um Brasil em transformação. Para Bakhtin, nos romances que se passam na fronteira de duas épocas:

O homem se forma concomitantemente com o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de passagem de uma época para outra. Essa passagem efetua-se nele e através dele. Ele é

obrigado a tornar-se um novo tipo de homem, ainda inédito (BAKHTIN, 2011, p. 222).

Dessa forma, o romance de Ricardo Azevedo cumpre esses dois papéis: apresentar a transformação do homem, por meio do jovem personagem, e da sociedade brasileira.

Na tentativa de identificar mais precisamente os motivos que levaram os jurados do Prêmio Jabuti a conceder a *Fragosas brenhas do mataréu* o prêmio de melhor livro juvenil, não foram encontradas oficialmente respostas às questões levantadas. No entanto, o regulamento da premiação e a opinião de críticos sobre a obra podem elucidar alguns pontos. Segundo o regulamento, disponível no site da premiação, a obra foi avaliada consoante três critérios: *Constituição do tema, das personagens e da trama; Adequação de linguagem e tema à faixa-etária do público-alvo e Originalidade*. Ainda que não sejam divulgadas as justificativas dos avaliadores, como faz a FNLIJ, é possível recorrermos a publicações científicas que tendem a perpetuar os valores da crítica, a exemplo do *Anuário Iberoamericano sobre el Libro Infantil y Juvenil*, edição 2015, da Editora SM. Nele, encontramos artigo do pesquisador Ceccantini, no qual comenta a premiação do livro de Ricardo Azevedo:

Fragosas brenhas do mataréu, de Ricardo Azevedo ganhou, de forma merecida, o Jabuti na categoria livro juvenil. Em Portugal, o narrador-protagonista dessa obra, de 15 anos, fica órfão muito cedo, uma vez que sua mãe, acusada de bruxarias, morre ao ser condenada à execução pelo tribunal do Santo Ofício. É embarcado em 1549, contra sua vontade, para o Novo Mundo, na condição de grumete, vivendo grandes aventuras ao longo da viagem e nos anos que sucedem sua chegada ao Brasil, após um naufrágio. Nessa obra vibrante, o escritor consegue uma proeza e tanto: ambientar no século XVI uma narrativa que tem forte apelo para o público juvenil, sem abrir mão de uma linguagem elaborada, produto de larga pesquisa, voltada a criar a atmosfera de época em que se desenrola a ação. Alcança soluções de linguagem muito convincentes, mas sem que o texto se torne hermético, criando condições para que leitores jovens se identifiquem com a trajetória arquetípica desse garoto que vive as primeiras experiências existenciais, tema característico do Bildungsroman (romance de formação) – a iniciação sexual, o primeiro amor, o contato com a morte, o trabalho, a amizade, entre outras – tudo isso em meio ao ambiente rude, hostil e cheio de contradições das primeiras décadas do Brasil Colônia. O elegante projeto gráfico da obra vale-se de vinhetas que exploram elementos da flora brasileira, tal como foi difundida pelos viajantes europeus de séculos passados (CECCANTINI, 2015b, p. 95).

O texto do pesquisador inicia-se de forma elogiosa, reconhecendo a merecida premiação de Ricardo Azevedo. Em seguida, é feita uma ambientação da narrativa,

na tentativa de situar o leitor do teor do enredo, destacando pontos importantes da história. O autor justifica, ainda, em que medida a obra se aproxima do jovem leitor. Ceccantini (2015a) utiliza os adjetivos “*vibrante*”, “*elaborada*” e “*elegante*” para atribuir, respectivamente, à obra, à linguagem da narrativa e ao projeto gráfico um tom de merecimento, na tentativa de valorizar todas as partes constituintes do livro.

Semelhantemente, em artigo intitulado *Um romance de formação colonial: doloroso aprendizado no mataréu*, o professor de Teoria Literária da Faculdade de Presidente Prudente, Luiz Fernando Martins de Lima, comenta que o primeiro impacto causado ao leitor, no contato com a obra de Ricardo Azevedo, está na linguagem. O pesquisador elogia a escrita e o compara a Umberto Eco:

Já na primeira página, deparamos com um trabalho de estilização da prosa em língua portuguesa do século XVI fenomenal, digna dos mais talentosos escritores, como Umberto Eco, que, no processo de composição de sua obra mais famosa, *O nome da rosa* (1984), buscou imitar os cronistas medievais italianos (LIMA, 2015, p. 197).

O próprio Ricardo Azevedo, no texto de apresentação de *Fragosas brenhas do mataréu*, justifica o aspecto diferenciado do vocabulário de seu texto, resultado de intensa pesquisa e integrante de um projeto estético:

Foram meses e meses de leitura, anotações e fichamentos, não só a respeito do contexto histórico como também das palavras e formas de narrar recorrentes naquele tempo. Abro parênteses para avisar que nem de longe tentei reproduzir fielmente a linguagem da época, algo impossível e inadequado. A partir de tudo o que li procurei, a meu modo, reinventar uma certa maneira de dizer e de descrever a vida e as coisas do mundo (AZEVEDO, 2013, p. 5).

Apesar do primoroso trabalho literário reconhecido pela crítica, os critérios valorativos pelos adolescentes e a apropriação de sentidos na obra literária podem ser diferentes daqueles valorizados pela crítica especializada. Chartier (1994) demarca as diferenças de sentidos entre os leitores ao pontuar que: “Aqueles que são capazes de ler textos não o fazem da mesma maneira, e há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis”. (CHARTIER, 1994, p.13). À vista disso, entendemos, é claro, que os diálogos estabelecidos com a obra literária serão diferentes, pois os leitores são singulares e contraditórios. A esse respeito, Bakhtin (1990) pressupõe:

O diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive e nasce: aqui a coexistência e a evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas (BAKHTIN, 1993, p. 161).

Dessa forma, recai sobre a linguagem, a principal diversidade contraditória entre a opinião do júri especializado e dos adolescentes:

Entrevistador/ pesquisador: Quais foram as maiores dificuldades ao ler a obra?

Pietra²⁰: A linguagem do livro é bem complexa até porque eu já morei lá. A história se passa em Portugal... A história se passa em Portugal e eu já morei tipo, já passei um aninho lá. Só que a linguagem tá sendo muito complexa.

Marilyn: O livro, eu gostei muito, porque ele fala de coisas diferentes e eu achei que o vocabulário dele era bem difícil. Só que não é complicado e se você olhar pelo contexto dá pra entender as palavras que tão ali.

Entrevistador/ pesquisador: O que você achou da linguagem do livro?

Valentina: Porque tem muita palavra que a gente não reconhece, que não sabe o significado. Então, é meio difícil da gente entender.

Alissa: Complicada, mas não impossível de se entender.

Marilyn: Eu achei no... é, eu também não achei impossível de se entender e combinou bastante com a época. Se você olhasse pelo contexto seria bem mais fácil de você entender.

Embora não seja atribuída por todas as entrevistadas impossibilidade de leitura da obra, a linguagem do livro é apontada como muito complexa. Contudo, Alissa e Marilyn percebem que esse aspecto está ligado ao projeto estético do autor. Alissa aponta ainda alguns pontos positivos na linguagem:

Alissa: Tá, eu gostei bastante do livro. Achei um livro muito interessante. Assim, eu gostei do fato do vocabulário dele não ser tão fácil de se compreender, porque eu mesma aprendi várias coisas novas. Tipo... eu aprendi outras palavras e tudo mais.

Perguntadas sobre o que mais chamou atenção na história narrada, as entrevistadas apontaram justamente o amadurecimento e as experiências vivenciadas pelo protagonista como pontos positivos no livro:

²⁰ Os nomes dos estudantes são fictícios, tal como previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Marilyn: E eu também gostei do personagem que eu achei um personagem forte, porque, no começo do livro, ele lidou com muita coisa, ele viu os companheiros dele de viagem dele morrendo, mas ele continuou a viagem. Assim, ele se sentiu fraco às vezes, mas ele continuou até achar um lugar pra ele ficar. E a índia também que ele tava namorando, eu achei ela muito legal assim. E eu acho que ela é a personagem que eu mais gostei do livro, porque ela tem a opinião dela por mais que ele diga outras coisas sobre as histórias dela, histórias que ela ouvia da mãe dela. E aí, ele dizia as coisas e ela: “ah, isso não é coisa de Deus”, mas ela deixava a opinião dela, porque ela aprendeu assim. Achei ela uma personagem muito legal. Uma coisa curiosa que eu não vi... eu não li o nome do personagem do livro hora nenhuma o nome do protagonista...

Alissa: eu achei o personagem muito interessante, achei ele muito forte como a Marilyn disse, né. Já, no começo do livro, ele já tem que... aturar a perda da mãe dele né, que foi, que foi condenada né. Falaram que ela era uma bruxa e tudo mais né...

Marilyn: Tá e tipo assim a mãe dela tipo... a mãe dele né, no caso é... eu, é... eu já tava sacando que eles iam achar que ela era bruxa, porque naquela época não era uma época comum de você saber ler e escrever. E ela era uma mulher que cuidava do filho dela sozinha e aí, eu logo saquei quando chegou alguém batendo na porta dela e tal que ele sempre falava que a mãe dele sabia ler e escrever. E, aí, quando chegou a pessoa pra porta dela, ela já sabia que ela ia ser acusada como bruxa. Tipo, tava meio que na cara pra mim que ela ia ser acusada disso, porque ela sabia ler, escrever cuidava do filho dela sozinha, não tinha marido e, lá, essas coisas eram meio que bruxarias né, porque uma mulher não conseguia lidar com ela... com o filho, não poderia saber ler e não ser uma magia negra fazer pra ela ser assim.

Valentina: A do menino ter ficado órfão da mãe aos quinze anos. Tipo, é porque quando uma pessoa fica órfã, é... obviamente ela vai pro orfanato. E ele foi meio que trabalhar com outras pessoas num navio ainda. Eu nunca vi isso.

Pietra: Que a mãe dele fazia remédio, ela foi acusada de bruxaria por várias pessoas que não gostavam dela na população. E aí ela foi mudada de posição, foi presa e morta. Ele ficou órfão e teve que trabalhar num barco.

Por meio da entrevista, as estudantes evidenciaram aspectos da narrativa que julgaram fundamentais, ressaltando a força, coragem e opinião das personagens. Ao narrar os trechos da história, as alunas percebem os vários momentos de dificuldades que o protagonista e a mãe, acusada de fazer bruxaria, passam na narrativa. Os elementos prévios e a bagagem de conhecimento de mundo contribuem para uma maior interpretação da narrativa. Segundo Aguiar (2012):

Acompanhar a trajetória da personagem é, para o jovem, identificar-se com aquele que age e conquista posições. Simbolicamente, a literatura opera com outra face do real, aquela que ainda pode ser experimentada, na qual os jovens embarcam e voltam enriquecidos (AGUIAR, 2012, p. 113).

Nesse sentido, em nossa pergunta final, pedíamos para que as estudantes dissessem se indicariam o livro para alguém. Elas pontuaram que jovens que tivessem conhecimento de História, poderiam se interessar pela obra de Ricardo Azevedo:

Alissa: Eu indicaria o livro pra alguém que gosta de História sabe? Principalmente, as histórias do Brasil, História em si, porque o livro ele é muito bom pra esse tipo de gente, sabe? E pessoas que também gostam de ler, porque pegar aquele livro pra ler não é fácil, principalmente por causa da linguagem dele e tudo mais.

Marylin: Eu indicaria pra alguém da minha idade e pra alguém mais velho que eu. Tipo, não abaixo da minha idade, sabe? Porque é um livro meio que... vamos dizer, as palavras são difíceis de compreender se você não for uma pessoa que já estudou né pra ler tipo, porque quem não é abaixo da nossa idade mal consegue compreender as palavras que estão ali tipo sem complicar, sabe? E tem umas palavras complicadinhas. Então, eu indicaria pra alguém da minha idade ou acima.

Após serem evidenciadas a voz da crítica e do leitor, é possível, ainda, perceber a voz da escola sobre *Fragosas brenhas do mataréu*. Em *Narrativas juvenis & mediações de leitura*, organizado por Ceccantini e Valente (2015) os autores propõem várias sugestões de atividades com vistas à mediação da leitura, especialmente em contexto escolar:

- O trabalho mais interessante a se realizar com alunos leitores desta narrativa tem fundamentação intertextual: alguns textos do período colonial estudados nas aulas de Literatura Brasileira são homenageados por Ricardo Azevedo, como a Carta de Pero Vaz de Caminha. A leitura e interesse pelo livro podem servir de conexão entre alunos e esses textos, por vezes muito distantes deles. Uma breve apresentação desses textos coloniais ajuda a contextualizar e a melhor dimensionar os sentidos da obra a ser lida.
- Em aula de Língua Portuguesa, o professor pode trabalhar a questão da mudança linguística, analisando e cotejando alguns termos do vocabulário e modos de expressão da narrativa em relação ao idioma padrão estudado pelos alunos.
- O livro é rico em polêmicas relacionadas às questões étnicoraciais, pós-coloniais, multiculturais e religiosas, sem apresentar soluções fáceis e pedagógicas. É ótimo para promover debates e temas para a produção de textos.
- Por meio de uma abordagem multidisciplinar, é possível, em uma aula com foco no contexto histórico e geográfico da narrativa, analisar aspectos e peculiaridades do Brasil colonial importantes para o desenvolvimento do repertório sociocultural do aluno, trazendo ao campo de debate reportagens atuais sobre os diversos temas que se desdobram da narrativa ficcional (CECCANTINI, VALENTE, 2015. p. 211).

Nas atividades propostas pelos autores, fica clara a preocupação com a formação cultural dos adolescentes dada a abordagem multidisciplinar com o texto literário. Os conhecimentos advindos de outras disciplinas escolares podem, segundo os autores, enriquecer a atribuição de sentidos e ampliar o repertório cultural dos jovens leitores. No entanto, como apontou nossa pesquisa, a dificuldade maior entre os estudantes estava na linguagem da obra literária. Dessa forma, atividades prévias, de motivações à leitura, que não foram contempladas pelos pesquisadores, provavelmente incentivariam adolescentes a vencerem esse obstáculo.

Posto isso, a narrativa de Ricardo Azevedo, em linhas gerais, foi mote de aspectos positivos por parte da crítica, da escola e do leitor. Contudo, ao escutarmos os adolescentes que, muitas vezes, ficam à margem do processo de escolha das obras que são consideradas “as melhores” para eles, encontramos fatos que merecem atenção e indicam caminhos para a formação de leitores jovens.

5.3 A LINHA NEGRA, DE MARIO TEIXEIRA (PRÊMIO JABUTI 2015)

Mario Teixeira é conhecido do grande público pelos trabalhos que realizou como roteirista de dramaturgia, a exemplo de *O Cravo e a Rosa*, *Ciranda de Pedra* e, mais recentemente, *O Tempo Não Para*, todos da TV Globo. No universo infantojuvenil, assinou o programa *Castelo Rá-Tim-Bum*, além da adaptação do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Na literatura dedicada aos jovens, teve sua estreia em 2007 com a publicação de *Salvando a pele*, na Série Vaga-Lume, da Editora Ática. Publicou, ainda, *O golem do Bom Retiro* (2008), *Alma de fogo – um episódio imaginado na vida de Álvares de Azevedo* (2009) e em 2014, *A linha negra*, vencedor do 57º Prêmio Jabuti na categoria Juvenil, realizado em 2015. No mesmo ano, ganha o Prêmio Glória Pondé, de melhor livro juvenil, da Fundação Biblioteca Nacional. Segundo a crítica especializada, “[...] Imaginação, domínio narrativo, humor e cuidado meticuloso com o texto são marcas da literatura de Mario Teixeira” (AGUIAR, 2015, p. 130).

Em *A linha negra*, o jovem Casimiro é mandado à guerra pelo seu pai, a fim de se juntar a tantos outros homens na batalha que ficou conhecida como Guerra do Paraguai (1864-1870). Sem saber os motivos pelos quais o seu pai o escolheu para

guerrear no conflito, mesmo tão jovem, sendo o caçula entre seus 6 irmãos, o rapaz, próximo de completar 15 anos, parte rumo ao desconhecido. A narrativa, como já pontuamos, une acontecimentos da história oficial entrelaçada a fatos ficcionais para compor seu enredo. De acordo com Aguiar (2015), “O aproveitamento dos acontecimentos históricos para a construção de narrativas ficcionais é uma tônica na criação de Mario Teixeira” (AGUIAR, 2015, p. 130). A autora ainda elogia essa característica da escrita do autor, pontuando que

Ficção e realidade convivem pacificamente em seu texto, o que dá vida não só aos tipos humanos da época, mas também às figuras históricas antes fixadas em informações e citações estanques de livros didáticos e de consulta e, por isso, repetitivas (AGUIAR, 2015, p. 131).

Já o autor, em nota explicativa, confessa aos leitores as causas que o fizeram escolher a Guerra do Paraguai para representar em sua narrativa:

Quando estourou a Guerra do Paraguai, no final de 1864, a independência do Brasil era recente. Éramos um país adolescente, as fronteiras eram frágeis e movediças, nossos soldados eram praticamente imberbes. Passamos sem grandes conflitos pela independência e, mais tarde, pela proclamação da República. Se houve tiros, foram esparsos. Mas a Guerra do Paraguai foi diferente: houve milhares de mortes de ambos os lados. O Brasil ganhou cicatrizes.

Poucos escritores se debruçaram sobre a campanha. Mesmo Machado de Assis, contemporâneo do conflito, mal se referiu ao assunto em seus contos e romances. Como continuar ignorando passagem tão importante da nossa história?

[...] como escritor, acho que a ficção, mais do que a história, pode abolir as fronteiras do tempo (TEIXEIRA, 20114, p. 7).

Ao se debruçar sobre fatos da História, a narrativa de Mario Teixeira pode ser agrupada à linha histórica da narrativa juvenil brasileira, tendência observada no subsistema. Sobre esse aspecto, Aguiar (2015) comenta que “A opção de tomar pessoas, espaços e tempos pretéritos como material para a literatura, como uma espécie e reescrita da História pelo viés ficcional, é uma tendência da produção contemporânea” (AGUIAR, 2015, p. 131).

A história de *A linha negra* estrutura-se em duas partes. Na primeira parte, formada por quinze capítulos, o adolescente Casimiro tem suas primeiras experiências no acampamento junto aos soldados, bem como o contato com os horrores da guerra.

No acampamento, ele conhece Obá, negro baiano, filho de africanos forros e príncipe na África, de quem se torna amigo. Em meio à batalha, Casimiro se apaixona por Francisca, a escolhida do ditador paraguaio e mantém com ela um romance secreto. No entanto, é separado de sua amada e mandado à Linha Negra, uma perigosa trincheira temida por todos. É assim que se inicia a segunda parte, estruturada em nove capítulos. Sua jornada fica ainda mais perigosa, conduzindo a situações que o levam ao limite e ao amadurecimento. O livro possui características do romance de formação, também conhecido como o *Bildungsroman* e, nesse sentido, assemelha-se ao ganhador do Jabuti do ano anterior: *Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo.

Antes mesmo do início do primeiro capítulo, o prólogo, que dá abertura ao texto de Mario Teixeira, enseja preparar o leitor para a aventura que o espera:

Casimiro tinha o casaco em trapos. O golpe que tanto doera atingira-lhe os quartos. O sangue encharcava suas calças, e a manga da camisa ficara nas mãos do agressor, um guarani espadaúdo que golpeava girando os braços feito uma vaca louca. Tudo o que ele queria era fugir. Não fosse um buraco no chão, teria conseguido. Era uma trincheira cavada na terra pantanosa. As bordas da vala cederam com seu peso, e lá ele ficou, ensurdecido pelo estampido das clavinhas e das explosões. Assustado, o moço se acomodou entre dois corpos que já exalavam mau cheiro [...] fechou os olhos, como se impedisse que fosse morto. Com medo, acomodou-se o melhor que pôde, quando foi surpreendido por um ruído seco: era um corpo que caía (TEIXEIRA, 2014, p. 9).

O trecho demonstra o misto de suspense e ação que permeia toda a narrativa e é por meio das cenas movimentadas e ágeis que encontramos um dos apelos ao leitor jovem. Aguiar (2015), embora realizando análise de outro livro do escritor, faz colocações sobre essas técnicas realizadas pelo escritor a fim de se aproximar do seu público-alvo:

Tais aspectos agradam ao jovem, que é atraído pelas produções culturais que suscitam emoções através das situações-limite que os heróis vivem. Temos, assim, uma leitura sedutora [...]. Nesse sentido, além do tratamento do tema, o cuidado com a concepção da obra é um apelo ao público possível (AGUIAR, 2015, p. 134).

Outro aspecto de apelo junto ao destinatário, principalmente em narrativas da contemporaneidade que se tornaram *best-sellers*, está na composição do romance atrelado a personagens sobrenaturais, como vampiros, bruxas, lobisomens e seres

fantásticos. No início da narrativa, por meio do diálogo entre os pais do protagonista, o autor já fornece pistas de que Casimiro não é um jovem comum: “– Casimiro é homem feito agora. E bem sabes que precisamos tomar uma atitude drástica. Em breve ele não poderá se conter” (TEIXEIRA, 2014, p. 17). No decorrer da conversa, a mãe do jovem rapaz, dona Amorosina, temendo o que seu marido, o comendador Eleutério Benato Neves, fará com o jovem, pede um pouco mais de tempo, no entanto, o comendador já possui uma decisão:

- Basta, mulher! Basta! Estavas ciente de tudo! Nós não podíamos ter brincado com a sorte! Agora o mal está feito! – acrescentou. – o sétimo filho varão.
- O que pensas em fazer?
- Há uma guerra nas fronteiras.
- Isso, não! Por quem és, meu marido! Pela saúde de teus outros filhos! Isso, não!
- Abençoada guerra esta. Ele terá a chance de morrer como patriota. E como um...homem – juntou tristemente (TEIXEIRA, 2014, p. 18).

É assim que Casimiro é mandado à Guerra do Paraguai. É perceptível, no trecho analisado, que o autor utiliza-se de elementos de uma literatura mais comercial, de grande apelo ao jovem, mas isso não significa dizer que ele abre mão da qualidade estética. Ao nos debruçarmos sobre os motivos que levaram o júri do Jabuti, baseado nos critérios relacionados à *Constituição do tema, das personagens e da trama; Adequação de linguagem e tema à faixa-etária do público-alvo e Originalidade*, a conceder a premiação à *Linha negra*, encontramos, nas palavras de Ceccantini (2017) uma justificativa:

Na categoria Juvenil, o Jabuti concedeu em 2015 o primeiro lugar para *A linha negra*, de Mario Teixeira, mais uma incursão do escritor e roteirista de novelas e séries de TV pela literatura juvenil. O escritor se debruça sobre uma passagem histórica ainda pouco abordada pela literatura brasileira de um modo geral, a Guerra do Paraguai. Vale-se livremente de personagens fictícias e históricas envolvidas nesse episódio sangrento de nossa história e concentra o foco no jovem Casimiro, criando, com seu exímio domínio técnico das tramas narrativas, uma história vibrante, cheia de cortes, avanços e recuos temporais, que mescla aventura e *Bildungsroman*, com todos os ingredientes para conquistar os jovens leitores. A obra não se furta, contudo, a discutir com consistência questões humanistas, históricas e éticas relacionadas ao contexto abordado (CECCANTINI, 2017, p. 109-110).

Segundo o pesquisador, voz que representa a crítica especializada, a narrativa de Mario Teixeira cumpre, ao menos, duas funções. Por um lado, a de agradar ao leitor adolescente, pela composição do enredo *vibrante, cheio de cortes* e pela

identificação com o protagonista jovem, provavelmente da mesma faixa-etária que os leitores em potencial. Por outro, o pesquisador ressalta o aspecto formativo do texto em análise, que não se abstém de trazer à tona, *discussões humanistas, histórias e éticas*.

Ao perguntarmos aos estudantes as impressões que tiveram da narrativa lida, não obtivemos consenso na resposta de todos os adolescentes. Alguns ressaltaram o caráter vibrante da narrativa, composta por ingredientes típicos da literatura de massa – ação, suspense, emoção (BORELLI, 1996). Outros, por sua vez, pontuaram sobre aspectos contrários a esses, elegendo a narrativa como *chata e tediosa*. Por meio das vozes de Alissa e Marilyn encontramos essas facetas:

Alissa: Assim, no começo, eu achei que ele ia ser bem entediante. Porque, antes de eu ler esse livro, duas pessoas já tinham lido.
Risos paralelos de outros...

Alissa: Duas pessoas já tinham lido o livro e tinham achado ele muito... chato, tedioso. E, no começo, ele realmente é muito tedioso, muito chato. Tem que pular lá pro final do livro pra saber o que que é tal coisa. Isso, ó, sinceramente, me enfureceu. Só, que, depois que ele sofre a primeira transformação, que ele vira lobisomem pela primeira vez, aí eu já comecei a gostar. Aí, eu já falei, não, não é possível. Mas é...

Alissa: Não, não é possível! Aí, passa. Aí, vai passando, ele vai sofrendo as transformações. Aí, ele começa a lutar. E cara, isso... eu fiquei muito presa no livro. Quanto mais eu lia ele, mais eu queria saber o que ia acontecendo, qual seria o desenrolar da história. Se ele ia continuar lobisomem e se ia matar mais alguém. E eu gostei do livro.

Alissa: Eu achei bem surpreendente, principalmente, o final. Né?, que ele tinha um amigo. Ele fez um amigo nessa guerra que o nome dele era Antonio.

[...]

Entrevistador/ pesquisador: Então, alguém quer fazer algum comentário, contrapondo, concordar com a Alissa ou discordar?

Marilyn: Eu discordo, tipo da questão de demorar muito pra acontecer as coisas. Tipo, eu achei que demorou bastante. E, aí, eu não fiquei com muita paciência pra continuar lendo. Eu achei que demorava muito pra acontecer aquelas coisas tipo, surpreendente mesmo, sabe?

Entrevistador/ pesquisador: Aham.

Marilyn: Porque eu costumo lê livro mais que... cada coisa acontece, cada momento acontece uma coisa diferente. E, aí, no final, acontece uma coisa maior. Só que cada partezinha tem uma emoção. Eu achei esse livro chato, porque ele demora pra acontecer as coisas e o vocabulário dele também é meio chatinho.

Nas falas das leitoras, vemos aspectos híbridos quanto ao posicionamento discursivo sobre a narrativa premiada. Embora Alissa afirme ter ficado presa ao enredo e Marilyn ter achado a narrativa pouco ágil no início, ambas possuem a mesma dificuldade quanto ao vocabulário. Em outro momento da entrevista, perguntamos quais as maiores dificuldades que os adolescentes tiveram ao ler a obra e o que acharam da linguagem do texto. Todos se referiram à linguagem como o principal afastamento:

Entrevistador/ pesquisador: Quais as maiores dificuldades de vocês ao ler o livro?

Diana: Eu acho que foi o vocabulário. Era um pouco mais antigo. Eu acho... a gente não tá acostumado. Acho que foi mais isso.

Tiffany: Eu não gostei muito, porque eu não entendi muito, sabe? Não tô tendo a maturidade suficiente ainda.

Entrevistador/ pesquisador: Aham.

Risos paralelos.

Marilyn: Eu achei o vocabulário, porque, de vez em quando, eu pesquisava lá pra saber o significado de certas palavras.

Alissa: Eu também.

[...]

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. É... essa vocês já responderam né? O que vocês acharam da linguagem do livro? Você conseguiu compreender o que estava sendo narrado ou precisava recorrer ao dicionário?

Marilyn: Eu olhava no *Wikipédia*... é no *Wikipédia* que chama? Num negócio que aparece que você digita a palavra e aparece o significado. Murmúrios...

Marilyn: Depois que eu fui notar que atrás do livro tinha, porque pra mim era só o que aconteceu com os personagens depois, ou o que fizeram... alguma coisa assim. Mas eu só fui notar mesmo que tinha significado das palavras depois. Aí, eu me liguei né...

Alissa: Eu li o... deixa eu lembrar o nome... o prólogo. Aí, eu fui ver que lá tava falando bem assim: todas as palavras que estavam em negrito tem o significado atrás. E eu achei bastante confuso ter que ficar lendo o livro e olhando lá atrás pra saber o que é tal coisa. Isso me deixou com um pé atrás. Então...

Tiffany: Eu tive que recorrer ao meu tio, porque eu li lá na casa dele. Eu fiquei perguntando o que que é isso? e ele me explicava. Mas eu sozinha não entendi muito.

Entrevistador/ pesquisador: Beleza! Diana?

Diana: É como disse, é difícil, mas é meio que curioso. Tem palavras que eu, pelo menos, nunca tinha ouvido e aí a gente aprende palavras novas.

Marilyn: Tinha muitas palavras que eu já tinha ouvido de alguém mais velho falar.

Diana: Aham.

Murmúrios...

Marilyn: Mas a maioria das palavras eram novas pra mim.

Alissa: Eu lembrava das pessoas graças ao professor de história, porque ele ó, ficava assim martelando. Aí eu via o nome de alguém conhecido, eu falava: opa, não precisa ir atrás, porque eu conheço a pessoa, entendeu? E eu gostava quando isso acontecia.

Risos...

Marilyn: foi por isso que ela gostou, percebi que ela gostou mais que a gente!

Risos...

Na fala das entrevistadas, é visível que o principal obstáculo e talvez, o que mais pesou no afastamento do texto, foi a linguagem²¹ utilizada pelo autor. Ainda que a narrativa se passe no século XIX e, portanto, a linguagem está adequada ao contexto histórico, os adolescentes, a exemplo da Tiffany, reconheceram não ter maturidade para ler a história. A disposição do glossário histórico nas últimas páginas da obra foi outro fator que gerou reclamações. É provável que a inserção de notas explicativas no decorrer das páginas facilitaria a leitura.

Outro ponto que nos chamou a atenção, em especial na fala da Alissa, refere-se ao repertório necessário à leitura. A estudante, reconhecida pelo grupo como a que mais se identificou com a obra, relaciona essa identificação, muitas vezes, pelo conhecimento prévio acionada na leitura do texto, o que gerou, segundo a aluna, satisfação e empolgação.

Quanto ao aspecto formativo do livro de Mario Teixeira, em muitos trechos da entrevista, os estudantes foram confrontados com questões *humanistas, históricas e*

²¹ Nos últimos anos, o Prêmio Jabuti vem sofrendo sucessivas mudanças. Na edição que está em vigor neste ano de 2019, os critérios para a premiação de melhor livro juvenil sofreram novamente alterações. O que nos chamou atenção foi o fato de um novo critério ter passado a vigorar: "Linguagem atrativa que estimule a circulação de literatura entre os jovens". Talvez com esse novo critério, o júri venha a laurear narrativas que, de alguma forma, "fisguem" o jovem leitor também pela linguagem do texto. É esperar para ver!

éticas, a exemplo do que comentou Ceccantini (2017) em trecho já citado anteriormente. Ao ser perguntada sobre o trecho de que mais havia gostado da história, Alissa foi enfática:

Alissa: A parte que mais me interessou foi ele ter feito a amizade com um príncipe africano lá chamado Obá. Nisso, tipo tudo o que o pai dele tinha colocado na cabeça dele tanto que, toda vez, no livro ele fala bem assim: ah, se meu pai soubesse que o meu confidencial é um negro. Eu acho isso incrível, porque lá na guerra ele pôde perceber que os negros, naquela época, eram totalmente iguais aos brancos. Tipo, não tinham nenhuma diferença. Eu gostei disso.

Entrevistador/ pesquisador: Mas que a sociedade tinha esse preconceito, né? Mas que, na guerra, ali...

Juntos: Na guerra todo mundo era igual.

Marilyn: E eu achei interessante, porque ele era mais novo do que os companheiros dele e ele continuava resistindo como ele. E ele tinha, tipo... as pessoas respeitavam ele da mesma forma.

No excerto anterior, explicitado por meio da fala das alunas, Mario Teixeira deixa perceber os diálogos entre literatura e sociedade, bem como o caráter polifônico do texto literário. Bakhtin (1993), ao dissertar sobre a prosa literária, não se abstém de atrelar a ela, a realidade social: “A prosa literária pressupõe a percepção da concretude e da relatividade históricas e sociais da palavra viva, de sua participação na transformação histórica e nas lutas sociais” (BAKHTIN, 1993, p. 133).

Na fala de Casimiro, em muitos momentos da narrativa, percebemos um personagem dividido entre uma visão mais igualitária da sociedade e o reflexo do discurso mais preconceituoso e racista bastante comum à realidade social em que vivia. O protagonista entra em conflito e percebe as injustas relações de classe estabelecidas em sua sociedade. Ao conhecer o negro Obá, que posteriormente se torna grande amigo e companheiro de guerra, Casimiro logo pensou ser um negro liberto, pois

Ele sabia que muitos escravos, com a devida carta de alforria, eram enviados para guerrear. Uns diziam que, em troca do alistamento no lugar dos patrões, os cativos ganhavam a liberdade. Casimiro sabia que não era assim. Seu pai, por exemplo, não abriria mão dessa forma. Porque tinha outros meios de prover o Exército: como homem de influência, ele indicaria rivais e inimigos para o corpo de voluntários. O comendador de fato ofertava escravos em nome do patriotismo, porque possuía muitos, mas ainda assim, cedera apenas os velhos e adoentados (TEIXEIRA, 2014, p. 22).

Na continuação do diálogo, Obá percebe ser Casimiro um herdeiro de família abastarda. Pergunta ao jovem o que ele faz ali dirigindo a ele como “menino”, o rapaz logo interpõe: “Não sou menino, sou soldado” (TEIXEIRA, 2014, p. 22). Obá completa: “Doravante somos todos soldados, moço. Todos iguais, todos somos bons o bastante para morrer pela pátria. Meu nome é Obá, e sou príncipe” (TEIXEIRA, 2014, p. 22).

As entrevistadas, ao indicarem essa cena como uma das preferidas, estabelecem diálogos com a sociedade, veem no excerto uma situação em que todos, a despeito da situação financeira e social, estavam nas mesmas condições. Ao serem questionadas sobre o trecho que menos gostaram, Alissa, Marilyn e Tíffany assinalaram:

Alissa: Teve uma passagem que o Diabo, o nome do cara, ele... eu não lembro muito bem o que aconteceu, mas ele se deparou com uma família paraguaia e ele comprou a criança mais nova.

Murmúrios de” eu ia falar disso”.

Alissa: E ele comprou a menina mais nova. Isso pra vender pros outros soldados que estavam lá também. Aí veio o Casimiro, né? E ajudou a criança. O Antonio também veio. Essa parte, eu achei horrível, porque como é que uma pessoa em sã consciência pega uma criança que lá no livro tava falando que ela ainda tinha menos de treze anos e coloca pra vender pros soldados, sabe? E eles dava pra perceber que eles também queriam. E tipo, lá, na cena, fala né que o Diabo levantou o vestido da menina e toda a plateia ficou impressionada com aquilo. Eu achei aquilo totalmente ridículo, muito ridículo. Apesar da ação do Casimiro e do Antonio foram, apesar de que foi boa, né? Que eles ajudaram a menina, mas...

Marilyn: Eu comecei a pensar em qual frequência as coisas aconteciam lá, porque, né? As pessoas... Eu acho que as únicas pessoas que teve uma reação mesmo de espantadas foram esses dois, entende? O Casimiro e o outro. Mas, as outras pessoas estavam achando isso legal. Então, com que frequência essas coisas deveriam acontecer ou acontecem.

Tíffany: A minha parte também foi essa porque... gente, ai tadinha! Mas eu entendo que é assim coisas que aconteciam na época.

Na passagem narrada acima, o também soldado Chico Diabo, compra a filha caçula de uma família paraguaia, uma menina de menos de 12 anos, com intuito de vendê-la aos outros soldados, expondo a menina aos olhos de todos como se ela fosse uma mercadoria, um objeto de consumo. Casimiro e Antonio se enfurecem com a cena e impedem que o intento seja levado a cabo. As adolescentes, ao mencionarem essas questões éticas e sociais exploradas pela narrativa, se

posicionam contra a atitude de Chico Diabo, demonstrando, ainda, repugnância em relação ao abuso sexual desejado pelos soldados. Tal fato nos leva a pensar na função humanizadora da literatura proposta por Candido (2004). O autor defende que a literatura é “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Nesse sentido, para além do escape e fuga do real, a literatura proporciona aos indivíduos o confronto com as várias emoções e sentimentos existentes, sejam eles bons ou ruins. A literatura, ainda, nos faz refletir e encarar os problemas, muitos deles, de ordem social como a violência, a criminalidade, o desejo, à medida que ela “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Finalmente, entendendo a leitura como prática social, podemos afirmar que a obra, mesmo que à primeira vista se distancie do jovem leitor, principalmente no que se refere à linguagem e, para isso, a mediação é necessária, pode contribuir e incentivar esse jovem a se tornar de fato um leitor literário. É, portanto, a literatura servindo de sustentáculo na formação do leitor, cumprindo belamente sua função humanizadora.

5.4 AOS 7 E AOS 40, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA (PRÊMIO FNLIJ 2014)

Premiado em um curtíssimo espaço de tempo três vezes na categoria *O Melhor para o Jovem* da FNLIJ com os livros *Aquela Água toda* (Prêmio FNLIJ 2012), *Aos 7 e aos 40* (Prêmio FNLIJ 2014) e *Catálogo de perdas* (Prêmio FNLIJ 2018), João Anzanello Carrascoza tem sua carreira literária, que se estreou em 1994, marcada pela escrita de contos. No entanto, ao publicar seu primeiro e premiado romance, *Aos 7 e aos 40*, Carrascoza consolida-se na literatura e, segundo a crítica literária, atinge sua maturidade enquanto escritor.

A obra em questão, como já pontuamos, narra fatos da vida de uma personagem, diga-se de passagem, nunca nomeada, em duas fases distintas: aos sete e aos quarenta anos de idade. O romance traz à baila temáticas relacionadas a questões

familiares e experiências iniciais ocasionadas na infância, mas que reverberam na maturidade do protagonista, aos quarenta anos. Tendo seu foco na intimidade da personagem, o enredo mistura elementos da narrativa memorialística e da narrativa de cunho psicológico, o que fez com que a apontássemos como uma narrativa representante da linha psicológica da ficção juvenil brasileira.

Dividido em 12 capítulos em que se intercalam a voz da criança e a do adulto, a obra desde o título dos capítulos que antagonizam entre si, apresenta uma visão de mundo de acordo com a idade da personagem. Nos capítulos ligados à infância, intitulados *Depressa, Leitura, Nunca mais, Dia, Silêncio e Fim*, são narradas experiências comuns à faixa etária na qual o protagonista se insere: futebol com o irmão, a relação com os pais, o primeiro amor, o roubo do pássaro de um vizinho e o contato com a morte. Já nos capítulos *Devagar, Escritura, Para sempre, Noite, Som e Recomeço*, ligados à vida adulta, vemos um protagonista em tensões e situações de crise existencial, problemas familiares e criação do filho.

Buscando-se compreender as razões que fizeram tal narrativa ser considerada como *A Melhor para o Jovem* no ano de 2013 pela FNLIJ, analisaremos dois documentos divulgados pela instituição: O regulamento da seleção anual e a publicação que apresenta a justificativa dos leitores-votantes para os livros premiados no ano. Segundo o regulamento para a *40ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2014- Produção 2013*, os livros inscritos são avaliados por um corpo de profissionais, especializados em Literatura Infantil e Juvenil, pertencentes a vários estados e regiões do país que analisam cada obra de acordo com os seguintes critérios:

§ 2º - Quanto aos critérios de avaliação, o leitor-votante se compromete a analisar e observar cada livro quanto à qualidade, baseando-se nas seguintes considerações: a originalidade do texto, a originalidade da ilustração, o uso artístico e competente da língua e do traço, a qualidade das traduções, considerando o conceito de objeto-livro, que inclui o projeto editorial e gráfico (Regulamento da 40ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2014- Produção 2013, p. 3).

É possível observamos, a partir desse trecho do regulamento, que o olhar do avaliador deve se atentar para os aspectos mencionados acima. Cada obra recebida deve ser avaliada com notas 10, 20 ou 30, sendo a última para o livro que apresenta maior qualidade quanto aos critérios estabelecidos. Cada leitor-votante deve,

também, escrever um texto que desvele os aspectos positivos da obra escolhida, uma espécie de justificativa para seu voto. Na 40ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2014- Produção 2013 o livro *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza foi laureado na categoria *O Melhor Para o Jovem*, sendo, portanto, considerado de excelente qualidade. Após a divulgação da lista dos vencedores em cada categoria, a FNLIJ organiza uma publicação com trechos das justificativas dos leitores-votantes. Segundo a instituição, o material visa a “contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores, além de divulgar os livros vencedores do Prêmio FNLIJ 2014 – Produção 2013.” (FNLIJ, 2014, p.3).

A justificativa construída pela FNLIJ põe em evidência, por meio dos textos produzidos pelos leitores-votantes, os critérios e qualidades que fizeram com que a obra fosse laureada pela premiação. Logo no início do primeiro trecho, de responsabilidade do Programa de Alfabetização e Leitura - PROALE, ligado à Universidade Federal Fluminense, é apontado aspectos relacionados à originalidade do texto, um dos critérios disposto no regulamento da premiação:

Os recursos de que Carrascoza se vale para construir sua arquitetura textual são múltiplos, a começar pelo foco narrativo. Aos sete anos, deparamo-nos com um narrador protagonista, ou seja, um narrador de primeira pessoa; aos quarenta, com um narrador de terceira pessoa. Os títulos dos capítulos narrados pelo menino e daqueles em que se dá a conhecer o homem aos quarenta se antagonizam: Depressa x Devagar, Leitura x Escritura, Nunca mais x Para sempre, Dia x Noite, Silêncio x Som, Fim x Recomeço (PROALE, apud FNLIJ, 2014, p. 9).

No trecho acima, o jurado intenciona ressaltar o aspecto criativo do livro em questão, mostrando a alternância de foco narrativo que ora é apresentado em primeira pessoa, ora em terceira pessoa, além do antagonismo presente nos títulos dos capítulos que demarcam a voz da personagem aos 7 anos e depois aos 40 anos. Esse procedimento também é destacado por outros avaliadores:

Extremamente original, este “romance” é feito de capítulos que se alternam sempre relatando a convivência e os sentimentos de pai e filho. Desde os sete anos aos 40 os dois vivem nos capítulos intercalados, seja no campo ou na cidade, como se fossem duas histórias diferentes que se complementam. (FNLIJ, 2014, p. 10).

Sua narrativa alterna capítulos de um e de outro momento, entrelaçados e especularmente nomeados (exemplos: Depressa / Devagar; Leitura / Escritura; Fim / Recomeço), representados materialmente pela cor das

páginas, verde e verde com tons de cinza, respectivamente para a infância e a fase madura; e pela posição da mancha gráfica, isto é, o momento infantil na parte superior e o adulto na inferior. Também os narradores se alternam: em primeira pessoa para a infância e a terceira pessoa no outro caso. (FNLIJ, 2014, p. 10).

Como o próprio título sugere *Aos 7 e aos 40* é uma história contada em dois tempos – infância (7 anos) e meia idade (40 anos). O livro é uma reflexão sobre o deslizar do tempo – o que fomos e o que nos tornamos. Dividido em 12 capítulos, mas independentes entre si, o texto contém fatos ligados à infância que se interligam aos da vida adulta. No decorrer da história, vamos acompanhando o personagem nesse trilhar do dia a dia. A infância e a idade adulta se mesclam e se unificam. (FNLIJ, 2014, p. 10-11).

Por meio dos trechos, é possível verificar que os jurados apontaram a mudança de perspectiva da personagem em decorrência da alteração na idade como fator de qualidade e inovação estética. Na mesma direção, embora superficialmente, os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental que se voluntariaram para a leitura da obra, ao serem questionados sobre quais aspectos mais chamaram a atenção, comentaram pontos semelhantes aos apontados pelo júri especializado:

Marilyn: O modo que ele... quando ele era criança, ele queria crescer né, ele era doido pra crescer, ser como adulto, olhar o mundo. E, aí, depois quando ele cresce, quando ele vira um adulto eu achei que ele se tornou uma pessoa mais triste, ele não era tão alegre quando ele era criança... ele tinha, vamos dizer mágoas sabe, de algumas coisas.

Alissa: No próprio livro, ele fala que ele se sente refém do próprio corpo. Eu acredito que seja por isso que quando ele narra sua fase de criança, ele fala na primeira pessoa e em adulto, quando ele é adulto, ele já não fala, sabe? Eu acho que por ele não gostar do que ele se tornou ou ter ficado mais triste como ela disse, acabou sabe, mudando tudo. Eu gosto disso. Como a gente pode ver que as coisas mudam ao decorrer da história. Mas ao mesmo tempo que elas mudam, sempre que tipo ele, tá... ele é criança, mas no próximo capítulo que ele já é adulto, ele faz alguma referência ao capítulo anterior. Ele lembra de alguma coisa e isso é tipo...

Marilyn: E isso deixa ele triste. Deixa ele triste.

Marilyn: No final, é como se ele percebesse que não aproveitou bastante como se fosse insuficiente aquilo que ele já tinha feito antes e deveria ter aproveitado mais, porque ele sempre queria crescer, né? Aí, quando ele cresceu ele sentiu falta, ou como se ele não aproveitasse o agora como antes.

Alissa: É, como se ele não aproveitasse o agora como antes.

Entrevistador/pesquisador: Talvez, essa é uma reflexão que as pessoas fazem na sua vida, né?

Tiffany: Eu gostei da parte quando ele tá com os quarenta e ele, igual ela falou, ele voltou, lembrou lá dos sete anos de idade. Teve uma parte que ele quis fazer diferente, mudar a vida dele. Eu gostei bastante dessa parte também.

O projeto gráfico-editorial, como já ressaltamos em outro momento, é simples, se compararmos com outras publicações premiadas. No entanto, embora não seja ilustrado, o *design* da capa e do interior do livro a todo o momento sintetiza a dualidade presente no texto, o que faz da obra, segundo o júri especializado, de qualidade quanto ao projeto gráfico:

Também recursos gráficos são empregados para distinguir a dupla face do protagonista: na cor verde mais clara e na parte superior da página, lemos o texto do menino; na cor verde em tom um pouco mais escuro e na parte inferior da página, lemos o texto sobre o homem. (FNLIJ, 2014, p. 9).

Há um detalhe no projeto gráfico que não pode ser obscurecido. O livro foi impresso em papel verde. As narrativas relacionadas com a infância aparecem na parte superior da página; as da idade adulta, na parte inferior. Não há ilustrações no livro, mas o verde intenso das páginas e a disposição dos momentos da história já é um diferencial que torna este livro singular. (FNLIJ, 2014, p.10).

Carrascoza (2013) atribui significado à impressão da obra. De acordo com Johann (2017) “Nos tons de verde em que se subdividem as duas histórias, reconhece-se o autor modelo. Este autor controla de forma sutil a maneira como o leitor deve perceber a obra para que não se perca entre as duas histórias”. (JOHANN, 2017, p. 67). Os tons mais claros (figura 20) apresentam o personagem criança, já os tons de verde mais acentuado (figura 21), reproduzem a perspectiva do personagem já adulto.

Figura 20 e 21 – Imagens das páginas 6-7 e 12-13 de Aos 7 e aos 40



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

É visível nas imagens acima que até mesmo a disposição do texto reverbera o mundo interior da personagem. Quando criança, o texto está justificado, dando a ideia de estabilidade, em contrapartida, nos capítulos que se descreve a vida adulta, a ausência de formatação da página orienta para uma instabilidade, desorganização e crise. Em nosso grupo focal somente uma leitora se atentou a esse aspecto:

Alissa: Eu gostei, porque o autor ele vai... ele não começa por uma fase da vida dele e no final do livro vai pra outra. Ele vai alternando as duas e eu gosto disso também. Eu acho bastante interessante, é na fase que ele tem sete anos... o narrador, ele narra a história na primeira pessoa, mas quando ele é adulto, ele... sabe, narra na terceira e eu achei isso totalmente confuso. Além do fato de ele posicionar as palavras na página de um jeito diferente em cada fase tipo... É, quando ele tem sete anos ele escreve tudo retinho, aos quarenta ele começa escrever tudo “embaralhado” na página.

Quanto ao critério relacionado ao “uso artístico e competente da língua” os leitores-votantes da FNLIJ, por meio das justificativas, ensejam mostrar que a linguagem do autor é coerente com a proposta temática do livro, apresentando características e um modo de escrever diferenciado em cada fase da personagem:

Até a escrita fluida e linear do narrador protagonista aos sete, que se opõe à escrita entrecortada e fragmentada do homem aos quarenta, é resultado do modo como são diagramados um e outro texto. (FNLIJ, 2014, p. 9).

Quanto à qualidade de sua linguagem, esta se apresenta ágil e lírica, em quadros que podem ser lidos de maneira relativamente autônoma, como pequenos contos. (FNLIJ, 2014, p. 10).

Johann (2017) afirma que Carrascoza, por meio da divisão da obra em dois momentos, preocupou-se em descomplicar o texto de forma a ser entendido pelo leitor jovem e este, se ciente dessa característica, terá a possibilidade de decidir qual caminho seguir. No entanto, é enfática ao colocar que o adolescente “precisa ainda de uma mediação para compreender o fluxo da narrativa” (JOHANN, 2017, p. 68). Em nossa pesquisa, foi possível perceber justamente essa situação. Ao serem perguntados sobre a linguagem da obra, ouvimos dos adolescentes apenas simples comentários [...] *bastante claro assim de ler, bem fácil de interpretar também* (Marillyn) e *A escrita é fácil de compreender*. (Alissa). Em nenhum momento foram mencionadas sutilezas e diferenças da linguagem em cada fase do protagonista.

Johann (2017), ainda, salienta que as contradições mostradas por meio do trabalho com a linguagem fazem parte de um projeto estético minucioso, uma vez que a ordem da realidade é alterada, apresentando facetas de um personagem que em determinados momentos apressa-se em conhecer a vida, já em outros busca diminuir o ritmo da passagem do tempo. Para a pesquisadora, “[...] nesta linguagem subversiva, é possível que o protagonista (e, desta forma, o leitor acompanha-o) viva as experiências da infância lado a lado com as adultas” (JOHANN, 2017, p. 70).

Ao falar da literatura juvenil na escola, Cademartori (2009) defende que o jovem, além dos momentos de diversão e lazer, precisa refletir e ficar consigo mesmo para pensar nas transformações pelas quais está passando. E, por isso, o ambiente escolar deve ser permeado de títulos com alto potencial simbólico, de forma a “Corresponder ao anseio por outras respostas possíveis, ainda que efêmeras, a questões diversas sobre si e o mundo, que convocam o entendimento e o sentimento de um sujeito em formação”. (CADEMARTORI, 2009, p. 65).

Quanto a isso, os adolescentes em nossa pesquisa estabeleceram diálogos com a obra de Carrascoza no sentido dela permitir esse momento de reflexão para a vida. Uma das leitoras afirmou ser o livro que ela mais gostou de ter lido até aquele momento. Perguntada do motivo, justificou dizendo que as mudanças e transformações da narrativa equivalem também à realidade:

Marilyn: É, porque eu gosto de ver como uma pessoa muda de opinião, porque as pessoas não são assim. Algumas coisas em relação... a gente consegue ter uma opinião fixa e não mudar, mas outras a gente muda constantemente. E ele tinha essa coisa, sabe? Ele mudava de opinião com as coisas ao longo que ele crescia de mente [...].

Embora *Aos 7 e aos 40* “não tenha seu endereçamento explicitamente sugerido para a categoria a que concorre no âmbito do Prêmio da FNLIJ” (FNLIJ, 2014, p. 10), a última questão que fizemos aos adolescentes pedia para que eles dissessem se indicaria a obra lida para alguém e, se sim, para quem. Os comentários abaixo evidenciam a identificação do público jovem com a obra lida, sendo indicada por três das quatro leitoras para outros adolescentes da mesma faixa etária que elas:

Tiffany: Eu indicaria assim pra pessoas da nossa idade, porque ele fala que **ele queria ser adulto e quando ele ficou adulto ele não gostou, criou uma expectativa. Aí tem muita gente que agora se acha adulto e...**

Diana: Eu também indicaria pra uma pessoa da nossa idade. Jovens de até pelo menos dezoito anos ou dezessete **pra não criar uma expectativa tão grande e pra, no futuro, meio que “quebrar a cara” como ele [o protagonista] quebrou também.** Pra ter uma coisa fixa.

Marilyn: Se eu achasse uma criança de uns dez, onze anos que gostasse muito de ler, eu, com certeza, indicaria esse pra ela, porque a gente sempre tem na cabeça quando a gente é criança de querer crescer bem rápido, de querer se livrar logo dos pais, ser uma pessoa super independente. Então, eu indicaria pra uma pessoa mais criança, mas que tivesse vontade de ler sabe? Que tivesse vontade pra ler o livro todo e refletir sobre ele.

Entrevistador/pesquisador: Ótimo!

Alissa: Eu acho que eu indicaria pra uma pessoa que vive no mundo da lua, sabe? Que gosta de sonhar alto igual ele. Aqui ele sonhava alto pelo que eu li. Então, pra ela... **eu indicaria esse livro pra ela acabar sendo mais realista em relação à vida dela e aos sonhos dela.** Não que eu tô falando “ah, para de acreditar que você não vai conseguir realizar!”, não. É tipo só pra ela ver que tem dois caminhos diferentes.

Marilyn: Ter um pé no chão.

Marilyn: Pra ela ser mais pé no chão. E tipo assim, é **acho que deveria servir como exemplo mesmo que alguma coisa der errado,** você tem que continuar com ânimo pra tentar, porque uma hora vai dar certo. Se você tentar, vai dar certo. Então, **acho que serve de exemplo, o exemplo dele, por exemplo que ele cresceu e foi pra... no final ele foi pra cidade dele viu que as coisas mudaram.** Então, eu acho que você tem que mudar também, você tem que se adaptar, porque não dá pra você ficar vivendo pensando no passado o tempo todo. Você tem que se adaptar às mudanças que acontecem no mundo que é impossível você é... controlar isso, porque vai mudar. (grifos nossos).

Um último ponto que não podemos deixar de analisar nos comentários é o eco da voz da escola presente nas falas das leitoras. Essa voz se deixa perceber nos textos orais produzidos pelas estudantes, o que nos faz acionar o conceito de polifonia de que tanto falou Bakhtin. Há, nas falas das estudantes, uma necessidade de encontrar uma lição de moral na obra lida, um exemplo para ser ou não seguido, um aprendizado. As formulações em negrito revelam uma introjeção de certa escolarização da leitura literária, baseada em métodos tradicionais de abordagem da literatura. Bakhtin lembra que em todo signo ideológico, confrontam-se índices de valores contraditórios (BAKHTIN, 2006, p. 47). Tais comentários, ao lado de outros menos pré-fabricados mostram a origem dialética do discurso e o embate de várias vozes sociais introjetadas no inconsciente dos sujeitos.

5.5 *UM LUGAR CHAMADO AQUI*, DE FELIPE MACHADO E DANIEL KONDO (PRÊMIO FNLIJ 2017)

Escrito pelo jornalista, músico e escritor Felipe Machado e ilustrado pelo ilustrador de livros infantis Daniel Kondo, *Um lugar chamado aqui* traz em seu todo uma certa peculiaridade em relação aos livros analisados até agora: as ilustrações concorrem em pé de igualdade com o texto verbal.

Riche (2016) afirma que os primeiros textos destinados ao público infantil e juvenil continham poucas imagens. Somente depois da segunda metade do século XIX, com o avanço de técnicas de impressão que permitiram a junção de texto e imagem em uma mesma página, que as ilustrações se tornaram mais frequentes nos livros. No entanto, apesar de na contemporaneidade as ilustrações ocuparem destaque no universo de livros destinados a crianças e jovens, Hunt (2010) aponta que os estudos relacionados à ilustração ainda são escassos e por vezes “a crítica e a teoria têm sido bastante limitadas, tendendo a recorrer a chavões figurativos” (HUNT, 2010, p. 233). O crítico, reconhecendo o papel que as imagens figuram em uma obra literária, completa que “toda ilustração é uma interpretação” (HUNT, 2010, p. 23).

De igual forma, Oliveira (2008) pontua que “a ilustração deve ser sempre uma paráfrase visual do texto, sempre uma pergunta, nunca uma resposta” (OLIVEIRA, 2008, p. 49), pois, segundo o pesquisador, o material de trabalho do ilustrador não está nas palavras “mas no espaço entre elas. É nesse espaço vazio, indefinido, nessa área crepuscular entre uma palavra e outra que se localiza a ilustração” (OLIVEIRA, 2008, p.50).

Em *Um lugar chamado aqui* vemos justamente o processo descrito por Oliveira (2008). As ilustrações de Daniel Kondo se juntam ao texto de Felipe Machado para formar um todo coeso e bem articulado, construindo, dessa maneira “um objeto simbólico em que todos os signos, visuais e verbais, emanam sentidos em diálogos constantes” (AGUIAR, 2014, p. 9). Na justificativa construída pela FNLIJ, no intuito de evidenciar a qualidade da obra premiada, os leitores-votantes salientam justamente essa questão:

[...] Texto e ilustração em perfeita sintonia para nos levar a percorrer intrincados mapas de diversas épocas. A linguagem, longe de ser um texto descritivo e didático, é atemporal e clássica, como uma fábula.

[...] Uma produção delicada, gentil e suave, em que textos e imagem se destacam no negro das páginas. (FNLIJ, 2017, p. 10).

Embora a obra, desde palavra à imagem, esteja permeada de características que lhe conferem qualidade estética, é possível que, à primeira vista, cause um estranhamento ao leitor jovem, uma vez que as ilustrações, formato e tamanho do livro levam os adolescentes a confundirem com um livro de literatura infantil. Em nossas entrevistas, esse estranhamento se verbalizou nas falas dos adolescentes que chamaram a atenção como um aspecto negativo da obra, principalmente, no que se refere à pequena quantidade de páginas:

Aurora [...] E esse livro, um ponto negativo dele ele podia ser maior, contar mais a história dos dois, do lugar, o que aconteceu no final, assim.. E sempre que você lê ele dá o gostinho de quero mais, tipo quando acaba, cadê? Não tem!

Alissa: Meu nome é Alissa e eu achei o livro bastante interessante. Porém, eu achei ele muito pequeno...

Sans: Meu nome é Sans. Eu gostei do livro, apesar dele ser um pouco curto.

Diana: Bem, meu nome é Diana e eu, particularmente, gosto muito de ler livro de romance só que eu prefiro pegar livros com mais... conteúdo, mais é... como posso falar, com mais páginas.

Aurora: E eu achei ele bem curto. Foi uma novidade, porque eu não estou acostumada a ler esse tipo de livro é... curtinho, é com poucas descrições, com pouco conteúdo.

A premiação da obra na categoria *O Melhor para o Jovem* revela o valor que a instituição dá para as ilustrações em obras infantis e juvenis. Com isso, a instituição vem quebrando certos estereótipos de modelos do que seria uma obra literária para adolescente, premiando livros com características bem diversificadas nos últimos anos, desde obras com poucas páginas e muitas ilustrações, a exemplo da obra que estamos analisando, obras sem ilustrações no corpo do texto, como em *Aos 7 e aos 40*, e obras de maior volume de páginas, a exemplo de *Iluminuras*, de Rosana Rios (252 páginas). É importante lembrar, ainda, que não é a primeira vez que a FNLIJ indica obras que lembram um livro infantil a leitores adolescentes. Na premiação de 2010, duas obras que em um primeiro momento pareciam obras infantis foram

vencedoras na categoria *Jovem Hors-Concours*. São elas *Marginal à esquerda*, de Angela Lago e *Tempo de voo*, de Bartolomeu Campos Queiróz.

Quanto à temática trabalhada em *Um lugar chamado aqui*, os leitores votantes exprimem, por meio das justificativas selecionadas pela FNLIJ, o aspecto plurissignificativo que o “Aqui” tem no texto.

Era uma vez um lugar chamado Aqui. Aqui não era uma cidade, uma aldeia, um país. Era simplesmente um lugar. Assim começa esse precioso livro que nos leva a pensar o que vem a ser um lugar e a relação dos lugares com os sentimentos. Distâncias, fronteiras e nacionalidades, físicas e virtuais [...].

Aqui e lá são as referências de uma história de procura, de encontros e entendimentos, idas e vindas; pouco se diz, pouco se conta, apenas se aponta que ele e ela desejavam encontrar um ao outro e que, ao fim, se encontram em uma geografia amorosa [...] (FNLIJ, 2017, p. 10).

A FNLIJ, ao premiar essa obra, espera que os leitores adolescentes ultrapassem a fronteira do significado literal das palavras e busquem sentidos vários para a narrativa. Essa visão converge para um posicionamento em que se entende a literatura

[...] De um modo geral mais polissêmicos e polifônicos do que textos de outras áreas do conhecimento. Polissêmicos porque são passíveis de muitas leituras, dependendo da história de vida do leitor, de seus interesses, apreensões e assim por diante. Polifônicos porque na voz do autor estão vozes de outras pessoas, de outros autores, da sociedade, da história (GOULART, *apud* MENDONÇA, 2011, p. 105).

Os leitores adolescentes, em muitos momentos, ultrapassaram as barreiras de uma leitura semântica que poderia ser feita da obra e mostram-se leitores estéticos, sendo capazes de perceber a polissemia presente no texto literário²²:

Marilyn: O que eu achei mais legal assim no livro é a forma que ele é... coloca as palavras no livro sabe? Porque é uma forma legal de você ler e falar as palavras que estão nele, é como se elas combinassem...eu achei muito interessante. E, eu até... eu li mais o livro pela linguagem tipo, que esse aqui, esse lugar, não é bem o lugar no mapa, coisa assim. É tipo um sentimento. Sabe quando você fala: eu tô aqui pra tudo? Não, você não vai tá lá no mesmo lugar que a pessoa. Você vai tá lá, tipo pra ajudar ela com sentimentos, sabe? É tipo o... é tipo o coração sem colo se fosse dizer [...]

²² Termos usados por Souza (2015) ao diferenciar uma leitura focada no enredo de uma compreensão que vai além das palavras, acionando vários sentidos para a obra literária.

Aurora: Bom, eu sou a Aurora. Eu gostei muito desse livro, porque ele é um livro que descreve muito a realidade. É, digamos que o *aqui* pode ser ali na esquina, em Vitória, Vila Velha, Guarapari. Então, assim, não é toda vez que todo mundo pode se encontrar, não é uma coisa que... É uma coisa muito real que acontece com muitas pessoas [...]

Alissa: O livro, ao decorrer que você vai lendo, você fica com vontade de ler mais. Porque querendo ou não, ele é meio confuso. Ai, você fica querendo entender, compreender mais. O que eu achei mais interessante no livro é o fato de que... *aqui* era um lugar, como ela disse, onde dois corações se encontravam. O coração da menina e dele e eles só podiam ir para aquele lugar. E, lá, naquele lugar, é as horas iam se passando, eles faziam de tudo para ficar perto um do outro. E quando estavam longe, a saudade como no próprio livro diz, a saudade era do tamanho da distância. Então, eu gosto bastante da conexão que ambos os personagens têm um com o outro. Isso é muito interessante [...]

Sans: [...] ele é um livro um tanto interpretativo. Ele te dá uma margem que é pra você criar os personagens do negócio[...]

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Sans: Cê pode identificar essa mesma... esse mesmo sentimento que o livro passa em vários casos e histórias. E tem um negócio... tá transmitindo ultimamente em várias mídias. Que você pegar um tipo de mídia arte ou estilo, pode ser uma arte pra criança ou pode ser outro tipo de arte que não é muito comum e colocar em um tema mais abordado. Um tema mais pesado. E eu gostei disso. O livro conseguiu fazer isso muito bem, de forma simples.

É possível perceber, na voz dos leitores reais, as múltiplas interpretações que *Um lugar chamado aqui* aciona na leitura. A estudante Marilyn entendeu que o *Aqui* não seria um lugar específico, mas um sentimento. Esse sentimento pode estar relacionado ao amor, amizade ou mensagens de incentivo. A Aurora percebeu a verossimilhança que a situação ficcional tem com a realidade, a Alissa se mostrou menos interpretativa, ressaltando apenas aspectos ligados à superfície textual. Já o Sans observou que a obra apresenta uma temática mais densa, embrulhada a um livro aparentemente destinado a crianças. Nessa mesma abordagem, a leitora Marilyn salientou ser a obra “*um livro infantil para adultos*”:

Marilyn: É bem difícil de entender ele (o livro). E como eu tinha falado, é tipo um livro infantil pra adulto, porque ele tem características de um livro infantil, porque ele é pequenininho, as palavras facinhas, só que é pra adulto.

Entrevistador/ pesquisador: Por que você acha que é pra adulto?

Marilyn: Porque tem que interpretar mais, sabe? Problema que ela (a criança) acho que ela vai ler e, não, vai entender muito.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Marilyn: Mas eu acho que é pra adulto, porque tem que interpretar mais, saber o que é esse tal *aqui*.

O leitor Sans conseguiu, ainda, estabelecer diálogos entre a obra de Felipe Machado com um jogo eletrônico chamado *Limbo*²³

Sans: Ela (a história) me lembrou um jogo chamado *Limbo*. Que ele também é um jogo muito vazio em questão de história. Não propõe desafio também, é só uma questão de contar uma história mais vazia pra você concluir com o que você mesmo quiser. E o tipo de imagem que é colocado nas duas obras é uma imagem também muito simples que te dá só o sentimento do que o cara tava escrevendo, saca? Tipo quando você vai lendo e vai vendo as imagens te dá mais ou menos uma noção do que que é o mundo do cara, sacou?

Ao estabelecer diálogos com o jogo, o estudante Sans reconhece ser *Um lugar chamado aqui* uma obra aberta, sem um final que lembre o “foram felizes para sempre”, permitindo que os leitores preencham o vazio deixado pelo texto.

Quando perguntamos aos estudantes se indicariam o livro para alguém, a maioria das respostas convergiu para a recomendação ao público jovem ou para pessoas que estejam com hábitos de leitura ainda em formação:

Alissa: Eu acho que interessaria pra um público que não está acostumado a ler livro, porque ele é um livro pequeno. Mas eu acho ele muito interessante, porque por mais ele tenha poucas palavras, ainda assim, você gosta de ler ele. Porque, sabe é intrigante. Não, só as palavras, mas as imagens também. Eu acho que elas vêm pra somar pelo fato dele não ter muita coisa. Aí, as imagens acabam complementando tudo isso. Eu acho que eu indicaria pra uma pessoa como eu disse, que não está acostumada a ler.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. Certo. [...]

Entrevistador/ pesquisador: E você, Alissa? Gostou do livro?

Alissa: Sim, gostei.

Entrevistador/ pesquisador: Aham. Aurora?

Aurora: Bom, é... eu indicaria esse livro mais pra adolescentes que não têm costume de ler, porque na nossa idade, muita gente não pega um livro de duzentas páginas e lê... tipo, vinte. E esse livro, ele é pequeno, tem poucas palavras em uma página. Então, a pessoa vai ler e nem vai perceber que terminou. E nisso faz com que a pessoa vai... tenha o hábito de ler. Se ela Começar a lê isso. E isso é muito interessante, pessoas que tenham

²³ Limbo é um jogo de quebra-cabeças lançado em 2010 pela *Playdead*. O jogador deve guiar um menino anônimo em busca de sua irmã mais velha, por entre vários obstáculos e enílgmas, criando uma atmosfera de suspense com significação mais profunda.

imaginação fértil também gostariam, porque depois que lê o livro vai começar a pensar nisso. Eu, por exemplo, fiquei pensando um tempão pra vê como que poderia ter terminado. E eu gostei muito desse livro.

Entrevistador/ pesquisador: Certo. Você indicaria esse livro pra alguém, Tiffany? Você indicaria o livro pra alguém?

Tiffany: É... como as meninas disseram, eu indicaria também pra uma pessoa que não é acostumada a ler. Por ele ser pequeno e é interessante...

[...]

Percy: É... eu indicaria esse livro para um público jovem e também para aquelas pessoas que não gostam muito de ler. e, também, principalmente pra aquelas pessoas que estão convivendo em um romance, porque também é possível é... comparar esse livro na realidade.

Das respostas dos entrevistados podemos inferir alguns posicionamentos. Alissa, Aurora, Percy e Tiffany indicam o livro para adolescentes ou pessoas que não possuem hábitos de leitura ainda consolidados, pois *“ele é pequeno, tem poucas palavras em uma página. Então, a pessoa vai ler e nem vai perceber que terminou. E nisso faz com que a pessoa vai... tenha o hábito de ler.”* (Aurora). Implícito aos comentários dos estudantes, percebemos a clara visão de que livros curtos e com ilustrações são mais fáceis de serem lidos e não demandam muito esforço do leitor. A estudante Diana, embora tenha sugerido a leitura para adolescentes, justificou sua indicação por outros motivos:

Diana: Eu indicaria pra... pra um público mais jovem, porque é claro que nesse livro, a sociedade tá impondo na vida de ambos. E pelo menos na minha visão é... os jovens hoje vivem numa bolha em que a sociedade tá impondo essa bolha. Você pode ver aquilo, ou você tem que seguir o padrão da sociedade. E esse livro é claro, é... nisso. Eu acho que é bom pra gente ver que não é... a gente não precisa seguir só o padrão que a sociedade impõe, que a gente pode ter outros tipos de pensamento tanto político, tanto social quanto qualquer outra coisa. E eu indicaria esse mais pra público jovem que tá meio que em fase de crescimento quanto de mente, de corpo, de tudo.

A adolescente, ao fazer dialogar o texto literário com características de uma parcela dos jovens da sociedade hodierna, recupera o que Bakhtin, pela voz de Toledo (2011), comenta sobre o que carrega o repertório de determinada comunidade semiótica:

Carrega tanto a própria história social de composição e produção, quanto carrega a potencialidade de apropriações diversas e contraditórias na mesma comunidade. Assim, para Bakhtin a cultura não é estática: ela está

em movimento, circula, é apropriada nas diferentes situações de comunicação, nas diferentes posições ocupadas pelos sujeitos da comunicação. Carrega, portanto, a polifonia de vozes e sentidos, fruto do processo histórico-social de produção de repertórios culturais e das relações de poder de determinada comunidade semiótica (TOLEDO, 2011, p. 121).

Por esse viés, entendemos que as opiniões são controversas e variadas. A exemplo disso, Marilyn e Sans discordam dos colegas ao afirmarem que o livro *Um lugar chamado aqui* é indicado para pessoas que já estão habituadas à leitura, pois a obra suscita do leitor, uma interpretação aguçada:

Marilyn: Eu indicaria mais pra uma pessoa que gosta de pensar algo sabe?, Além das coisas, porque eu acho que interpretei uma coisa diferente do que as outras pessoas podem interpretar quando leem o livro. E é um livro divertido de ler, porque ele é pequenininho, mas você consegue tirar uma coisa grande dele, sabe? Você consegue é... pensar numa coisa maior, de como isso é real, sabe?, Como isso acontece mesmo. Mesmo as palavras sendo fáceis e poucas. Aí, eu tipo indicaria esse livro pra alguém que gosta de pensar mais alto, sabe?

Entrevistador/ pesquisador: E você gostou do livro?

Marilyn: Sim... Eu gostei.

Sans: Eu gostei do livro até certo ponto. Acho que tem outros... outras histórias, outros tipos de mídia com mesma abordagem aberta que, por isso, é melhores que ele. Eu até indicaria. Diferente do que a maioria falou, não pra alguém que tá começando a ler. Eu acho que pra você, tipo começar apreciar uma história assim, você tem que não necessariamente leitura, mas algo, tipo aprender a mergulhar na história pra poder conseguir sentir o que os personagens escrevem sabe? Acho que eu indicaria alguém pra, que já tá acostumado a ler.

Ao fazerem constatações de que o texto é aberto e que exige *um pensamento mais alto* (Marilyn), as falas dos estudantes retomam o que Dalvi (2012) entende ser um benefício da leitura de textos literários:

Ler nos habilita a ações éticas porque nos ensina que um texto nunca começa na primeira página e nunca termina no ponto final: tudo o que sentimos, pensamos e fazemos é eco de outros textos (cujo enredo, por já conhecermos, nos habilita a analogias e, portanto, as escolhas mais conscientes) [...] (DALVI, 2012, p. 9).

Dessa forma, a leitura e indicações da obra realizada por Marilyn, Sans e Diana sugerem uma postura política quanto à compreensão, que para além de mera codificação, nos faz ampliar nossa visão de mundo, vislumbrando outras possibilidades, realidades para além da *bolha imposta pela sociedade* (Diana).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostar na literatura juvenil brasileira como mediadora na formação escolar do leitor literário em um país de escassa tradição letrada e intenso consumo dos meios de comunicação de massa se torna, por vezes, uma tarefa complexa e trabalhosa. Isso porque, de um lado, a ausência de recursos mínimos (a exemplo de livros e biblioteca na escola com profissional bibliotecário, afora as próprias condições socioeconômicas de grande parte dos estudantes que, ainda muito jovens, têm que trabalhar formal ou informalmente para ajudar no sustento familiar); a falta de incentivo da família; e o pouco interesse por parte do adolescente na leitura são obstáculos no trabalho do professor. Do outro lado, a leitura concorre, ainda, com as tecnologias audiovisuais, redes sociais, bens de consumo e diversão que “fisgam” sobremaneira o adolescente, recebendo quase toda a sua atenção. Não obstante, a escola brasileira, em geral, a se considerarem os dados objetivos disponíveis e já mencionados ao longo deste estudo, não consegue sequer transmitir e ensinar a ler o cânone literário brasileiro e muito menos a literatura juvenil, uma vez que pouco a conhece. Logo, a tão falada crise da leitura é, também, a crise da própria escola (SARLO, 2005).

Evidentemente, não se trata de má vontade ou indiferença dos profissionais da educação ou da instituição escolar de modo geral: a estrutura social extremamente desigual (inclusive no que diz respeito ao tempo livre necessário à leitura); a falta de acesso aos bens mínimos necessários para um percurso de escolarização de qualidade; a baixa remuneração e a ausência de políticas de formação continuada para os professores; a quase inexistência de bibliotecas atualizadas, bem equipadas e com profissionais especializados – enfim, tudo isso é que conjuntamente desenha este quadro, que acaba reforçando a ideia de que a escola não consegue fazer um bom trabalho na formação de leitores literários. Ou seja, a responsabilidade por essa propalada “crise da leitura” (que rebate na ideia de “crise da escola”) é coletiva e de toda a estrutura social, não apenas escolar.

Apesar do descompasso e dificuldades nas relações entre jovens, escola e leitura, defendemos que a literatura juvenil brasileira de qualidade pode ser um caminho para a compreensão da realidade (inclusive aquela distante temporalmente e

linguisticamente), da formação crítica, da construção da subjetividade do jovem leitor, bem como na elaboração de sua identidade única na sociedade que o cerca. Portanto, ao escolhermos como *corpus* desta pesquisa a literatura juvenil brasileira premiada, considerando que o estudo da LIJ requer um diálogo entre as várias instituições e sujeitos que a cercam, optamos por estabelecer pontos de intersecção com as pesquisas realizadas nos últimos anos sobre o tema de estudo; com as premiações literárias de abrangência nacional que a cada ano elegem as melhores obras; com a escola, instituição sobre a qual recai a responsabilidade principal do ensino da leitura literária e formação do leitor literário; e, sobretudo, com o leitor adolescente a quem a obra literária, em tese, destina-se.

Dito isto, retomo os objetivos que permearam toda a pesquisa que visou, de forma geral, a investigar os diálogos que adolescentes matriculados no 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual estabelecem em relação à leitura de livros premiados pela CBL (que chancela o Prêmio Jabuti) e pela FNLIJ (outorgante do selo “O Melhor para o Jovem”). Especificamente objetivamos conhecer as relações entre jovens e leitura na tentativa de melhorar as práticas de formação do leitor literário na escola. Isso porque, subsidiariamente, entendemos haver cooperado com os estudos da literatura juvenil brasileira.

Em um primeiro momento, fizemos uma apresentação, de caráter descritivo e crítico, apontando autores e obras premiados ao longo dos anos pela Câmara Brasileira do Livro e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, instituições que mais regularmente têm atribuído prêmios em forma de categoria específica a obras juvenis. Apesar das diferenças e critérios de seleção das obras, dos erros que podem ser cometidos, não podemos desconsiderar que as duas instituições promovem uma legitimação artística necessária para a Literatura Infantil e Juvenil.

Após, apresentamos as pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação no Brasil ao longo de dez anos (2007-2017) na tentativa de ressaltar os avanços que tais estudos proporcionaram à literatura juvenil. À medida que os estudos e investigações avançavam, a autonomia do objeto estético e o reconhecimento da rubrica juvenil se solidificavam, sendo possível afirmar que hoje não restam mais dúvidas quanto à existência de uma literatura juvenil com um modo de narrar

específico e características próprias. Os trabalhos foram essenciais, ainda, para que tivéssemos acesso a um panorama histórico da literatura juvenil brasileira, uma vez que ainda são escassas obras de referência do específico juvenil.

Em um segundo momento, apresentamos as orientações teórico-metodológicas que fundamentavam nossa pesquisa. A partir das considerações sobre leitura e literatura de Dalvi (2012; 2013 e 2014) compreendemos que a leitura na escola não pode ser, apenas, mero passatempo ou lazer, deve ser, também, mecanismo de conscientização, transformação social e ação política. Dessa maneira, ao expormos os dados da pesquisa de campo realizada por meio de questionários, encontramos pela voz do adolescente quais as relações tecidas com a leitura e literatura: as concepções, as práticas, o acesso, as motivações e as preferências literárias. Pudemos inferir, assim como Souza (2015) e Silva (2017), que os livros mais lidos e preferidos dos estudantes são aqueles lançados pela indústria cultural (o que talvez indicie, mais uma vez, que a instituição escolar não tem tido a mesma importância social que as instâncias organizadas pelo mercado e, conseqüentemente, orientada antes ao lucro que à formação humana plena).

As obras juvenis presentes no *corpus* desta pesquisa ou que foram mote de discussão de outras investigações – a exemplo de Ceccantini (2000), Cruvinel (2009), Luft (2010), Esteves (2011), Souza (2015), Ramalhete (2015), Silva (2016) e Silva, J. (2017) – sequer aparecem nas listas dos livros lidos e dos autores preferidos dos adolescentes. Esses dados respondem a uma das perguntas que fizemos no início deste trabalho: *“No contexto pesquisado, a literatura juvenil brasileira premiada é lida pelos adolescentes?”*. O apagamento da literatura juvenil brasileira premiada na fala dos estudantes nos leva a pensar que ainda é necessário um trabalho de várias instâncias para que tais obras cheguem aos jovens, pois, como atesta Turchi (2006, p. 32), *“(...) a qualidade dos livros de nada adianta sem leitores”*.

Posto isso, no segundo momento da pesquisa de campo, elencamos os livros condecorados entre 2013 e 2017 pelo Prêmio Jabuti e pelo Prêmio “O Melhor para o Jovem”, da FNLIJ, no intuito de apresentar, em linhas gerais, as características das dez obras premiadas. Constatamos que as obras premiadas nesse período por

vezes não discutem o jovem inserido na contemporaneidade, não trazem à baila o contexto virtual e tecnológico, algumas delas focam em apresentar contextos históricos bastante distantes temporalmente do leitor adolescente. Nesse sentido, muitos desses títulos, embora apresentem excelente qualidade literária, ao serem inseridos no contexto escolar, necessitariam de uma boa mediação para atingir os leitores em formação. Verificamos, assim como Ramalhete (2015), uma ausência de temas voltados a questões sociais e mais presentes no cotidiano de adolescentes oriundos de escolas públicas. O perfil de leitor idealizado nas obras premiadas é o leitor burguês (RAMALHETE, 2015).

Diante disso, refletir sobre as várias opiniões e posicionamentos relacionados a uma obra literária é indispensável para um trabalho que visa à formação de leitores. Ao falarmos da literatura juvenil, não podemos desconsiderar a voz das instâncias premiadoras e da escola, instituições que, na maioria das vezes, são as responsáveis para que a obra literária chegue ao adolescente leitor. À luz do pensamento bakhtiniano e compreendendo que os textos são dialógicos e polifônicos, dialogamos as vozes circunscritas em torno das quatro obras eleitas pelos estudantes *Fragosas Brenhas do Mataréu* (Prêmio Jabuti 2014), *A linha Negra* (Prêmio Jabuti 2015), *Aos 7 e aos 40* (O Melhor para o Jovem 2014) e *Um lugar chamado aqui* (O Melhor para o Jovem 2015). Após o diálogo, que para Bakhtin é confronto e arena de luta, foi possível fazer algumas ponderações.

Talvez seja importante reforçar neste momento, antes de apresentar as ponderações decorrentes da análise de dados, que a contribuição teórico-metodológica de Bakhtin se deu principalmente no desenho das formas de produção de dados e na sua organização dialógica. A opção por reunir no corpo da análise posições enunciativas divergentes e às vezes contraditórias evidencia a lógica bakhtiniana que pudemos sistematizar, no capítulo teórico. Ou seja, a contribuição do filósofo russo se deu em nosso trabalho muito mais na própria dinâmica de desenho e organização, que nos permitiu evidenciar essas diferentes posições, do que propriamente no agenciamento de categorias bakhtinianas no correr da análise. É importante ressaltar também que o fato de haveremos cotejado dados produzidos pelos mesmos sujeitos por meio de instrumentos diferentes (questionário e entrevistas), de haveremos dialogado com pesquisas vincadas por múltiplos vieses

teóricos, bem como havermos confrontado as escolhas estéticas de diferentes instâncias (CBL e FNLIJ), tudo isso está fundamentado no pensamento de Bakhtin. Nas análises, procuramos deixar claro que as diferentes posições enunciativas (e, portanto, ideológicas) fazem com que os sujeitos tenham perspectivas díspares em relação à literatura juvenil, à leitura de obras literárias juvenis e à sua contribuição na formação de leitores literários pela escola.

A primeira das ponderações que o estudo nos permite fazer refere-se ao visível descompasso entre a voz das instâncias premiadoras e dos adolescentes. As obras eleitas como as melhores para o jovem nem sempre fomentam uma identificação com o leitor real.

Segundo, as duas obras canceladas pelo Prêmio Jabuti, *Fragosas Brenhas do Mataréu* (Prêmio Jabuti 2014) e *A linha Negra* (Prêmio Jabuti 2015), apesar de apresentarem ingredientes que “fiscam” o leitor adolescente, a exemplo de seres sobrenaturais e situações que envolvem aventuras, foram alvos de várias críticas tecidas pelos adolescentes quanto à linguagem. No entanto, os diálogos estabelecidos em alguns momentos comprovam que tais narrativas podem estar a serviço da formação do leitor literário. Ao situar o enredo em um tempo-espaço distante do leitor, as duas narrativas poderão receber boas avaliações de leitores mais experientes, com repertório literário mais extenso e que consigam visualizar na linguagem utilizada pelos autores uma construção estética. É este leitor mais experiente, que consegue compreender as coisas desse modo, quem poderia auxiliar o leitor literário juvenil em formação no processo de apropriação dessa “nova” linguagem (que não lhe é familiar).

Já as obras premiadas pela FNLIJ lidas pelos estudantes, por serem menos extensas e possuírem uma forma de narrar aparentemente mais simples, foram mais acessíveis pela maioria dos adolescentes entrevistados. Os dois títulos obtiveram por parte dos estudantes múltiplas interpretações e foram tecidos bons diálogos, deixando ressaltar o caráter polissêmico do texto literário e conduzindo o leitor jovem a uma reflexão para a vida.

Terceiro, a partir das entrevistas realizadas pelos estudantes foi possível perceber, em alguns momentos, outras vozes que estavam subjacentes à fala dos entrevistados, a exemplo do discurso escolar. Em vários momentos os estudantes salientaram que as obras lidas poderiam ensinar algo, deixavam uma lição a ser seguida, um comportamento a ser imitado. Tais discursos são reflexos da (má) escolarização da leitura literária, ainda muito vigente na escola atual. Por isso, a noção conceitual de polifonia, desenvolvida por Bakhtin, foi tão cara à nossa pesquisa.

Diante dos aspectos supracitados, o questionamento apontado nas considerações iniciais – “A literatura juvenil agrada aos leitores jovens?” – pode ser respondido parcialmente, uma vez que observamos que alguns temas e formas contidos nas narrativas premiadas agradaram ao leitor adolescente. Cada obra analisada foi alvo de aspectos positivos e negativos por parte dos sujeitos da pesquisa, pois cada título possui percursos editoriais e de mercado diferentes, aguçando emoções e respostas díspares para cada leitor.

Sem o intuito de encerrar as questões aqui levantadas, é necessário dizer que os dados obtidos podem, sempre, dialogar com futuras análises e investigações, pois, na esteira do pensamento bakhtiniano, nada é acabado ou absoluto.

Portanto, no lugar de professor e pesquisador, ressaltamos, mais uma vez, o potencial da literatura juvenil brasileira de qualidade na formação do jovem leitor, desde que o adolescente em processo de escolarização possa contar com um mediador (no caso, o professor e, eventualmente, o bibliotecário) mais experiente, e que o ajude a superar seu estranhamento inicial e sua dificuldade com a falta de repertório e seu estranhamento à linguagem literária. Essa literatura, por intermédio da mediação (e não apenas pela aquisição e distribuição de acervo), pode contribuir para a formação de cidadãos leitores mais conscientes e críticos, compreendendo, cada vez mais, a si e a sociedade que os cercam. Ademais, será fundamental que as condições que hoje são impeditivas para uma adequada formação escolar possam ser assumidas pela sociedade e superadas, pois reiteramos que nem a obra e nem o professor sozinhos conseguirão formar tais leitores isoladamente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Juliana Valéria. **Literatura infantil no Brasil: a voz da FNLIJ nas premiações de 2012 e 2013.** Tese de Doutorado. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Realidade além dos limites – o mágico de verdade. *In:* AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs.). **Narrativas juvenis: geração 2000.** São Paulo, SP: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2012.

AGUIAR, Vera Teixeira de; TURCHI, Maria Zaira; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Prêmios Hans Christian Andersen e Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA). *In:* ROIG RECHOU, Blanca-Ana; LÓPEZ, Isabel Soto; RODRÍGUEZ, Marta Neira. **Premios literários e de ilustración na LIX.** Vigo: Edicións Xerais de Galicia. 2013, p. 37-58.

AGUIAR, Vera Teixeira. O leitor juvenil entre a realidade e a ficção. *In:* CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. (Orgs) **Literatura juvenil & mediações de leitura.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2015.

AGUIAR, Vera Teixeira de Aguiar. Literatura infantil e juvenil: os passos de um projeto de pesquisa. *In:* MARTHA, Alice Áurea Penteadó; AGUIAR, Vera Teixeira de (Orgs.). **Entre livros e leitores: Escritos vários.** 1. Ed. São Paulo / Assis: Cultura Acadêmica / ANEP, 2016. V. 1. 240p.

ALARCÃO, RENATO. As diferentes técnicas de ilustração. *In:* OLIVEIRA, Ieda de. (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador.** São Paulo: DCL, 2008, p. 45-58.

ALVES, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Caderno de Pesquisa.** São Paulo, n.81, p. 53-60, maio de 1992.

ANUNCIAÇÃO, Aldri. **Namíbia, não!** Salvador: EDUFBA, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. **Fragosas brenhas do mataréu.** São Paulo: Ática, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski,** Rio de Janeiro: Ed.Forcnse Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** São Paulo, UNESP/HUCITEC, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. *In* **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinóv). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** 12. ed.Trad. Michel Lahud e Yara Franteschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. . *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. 2. Ed. São Pualo: Eduso, 1994. Cap. 1. 01-11. (Ensaio de Cultura).

BARTELMÉBS, Roberta Chiesa. **Metodologia de Estudos e Pesquisas em Educação** III. Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf. Acesso em 20 de fev. de 2019.

BEZZERA, Paulo. Uma obra à prova do tempo. *In* BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski** . 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
BEZERRA, Paulo. Polifonia. *In*: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: Conceitos-chave. 5ªed. São Paulo: Contexto, 2013.

BORRELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, Suspense, Emoção**: Literatura e Cultura de Massa No Brasil. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade/ EDUC/ FAPESP, 1996. 243p.

BOTTON, Andressa. **“E o prêmio vai para...”** : os estereótipos de gêneros infantis premiados na última década. 2011. 111f. Dissertação de Mestrado, Departamento de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRAIT, Beth. As vozes Bakhtinianas e o Diálogo Inconcluso. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. 2. Ed. São Pualo: Eduso, 1994. Cap. 2. 11-28. (Ensaio de Cultura).

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela água toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CASTELLO, José. **Dentro de mim ninguém entra**. Obras de Arthur Bispo do Rosário e fotos de André Otero. São Pauço: Berlendis & Vertecchia, 2016.

CBL. **Câmara Brasileira do livro**. Disponível em: <http://cbl.org.br/a-cbl/a-associacao>
Acesso em 17 de jan. de 2019.

CBL. **Estatuto da Câmara Brasileira do Livro**. Disponível em:
<http://cbl.org.br/site/wp-content/uploads/2016/07/Estatuto-CBL.pdf>. Acesso em 17 de
jan. de 2019.

CECCANTINI, João Luís. Tápías. **Uma estética da formação**: vinte anos de
literatura juvenil premiada (1978-1997). Tese de Doutorado. Faculdade de
Ciências e Letras de Assis, Unesp, 2000.

CECCANTINI, João Luís, Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In:
CECCANTINI, João Luís (org.) **Leitura e literatura infanto-juvenil**. São Paulo:
Cultura acadêmica, 2004.

CECCANTINI, João Luís Tapias; VALENTE, Thiago Alves. Atestado de maioridade:
Prêmios para a Literatura Infantil e Juvenil brasileira. In: ROIG RECHOU, Blanca-
Ana; LÓPEZ, Isabel Soto; RODRÍGUEZ, Marta Neira. **Premios literários e de
ilustración na LIX**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia. 2013, p. 259-276.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápías. A hora e a vez da literatura e juvenil. In:
Anuário Iberoamericano sobre el Libro Infantil y Juvenil. Madrid:Edições SM,
2015a.

CECCANTINI, João Luís. Houve um verão...In: CECCANTINI, João Luís; VALENTE,
Thiago Alves. (Orgs) **Literatura juvenil & mediações de leitura**. São Paulo: Cultura
Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2015b.

CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. (Orgs) **Literatura juvenil &
mediações de leitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2015c

CECCANTINI, João Luís Tapias. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e
não gostam de ler. In: FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de
Janeiro: Sextane, 2016.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápías. Contra o vento e a maré: a literatura
infantil e juvenil no biênio 2015-2016. In: **Anuário Iberoamericano sobre el Libro
Infantil y Juvenil**. Madrid: Edições SM, 2017.

CHARTIER, Anne-Marie. Como fazer os jovens lerem? Olhar francês de incentivos à
leitura. In: ROSING, Tania; ZILBERMAN, Regina (orgs). **Leitura: história e ensino**.
Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa
entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. 111p.
Tradução de Mary del Priore.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Global, 2003.

COSTA, Cristiane Dias Martins da. **Literatura premiada entra na escola?** A presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte. Dissertação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas juvenis brasileiras:** em busca da especificidade do gênero. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

DALVI, Maria Amélia. Ensino de Literatura: algumas contribuições. *In:* UYENO, Elzira; PUZZO, Mirian; RENDA, Vera (Org.). **Linguística aplicada, Linguística e Literatura:** intersecções profícuas. Campinas: Pontes, 2012, p. 15-42.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. *In:* DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER –FALEIROS, Rita (orgs). **Leitura de literatura na escola** . São Paulo: Parábola, 2013.

DALVI, Maria Amélia. Notas para uma história da Revista Contexto (1992-2011): contribuições à formação em estudos literários no Espírito Santo. (parte 1). **Contexto** (UFES), v 23, p. 276-317, 2013b.

DALVI, Maria Amélia. Literatura juvenil: uma leitura de lara e a arca da filosofia, de Maurício Abdalla. *In:* AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs). **Literatura infantil e juvenil:** Leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

DALVI, Maria Amélia. Literaturas e infâncias: pesquisa (d)e pós-graduação como espaço político. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 46, p.153-173, 2015.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p.139 – 154, março/ 2002. Disponível em: http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_reflexoes_sobre_o_trabalho_de_campo.pdf. Acesso em: 20 de set. de 2017.

ESTEVES, Nathalia Costa. **Heróis em trânsito:** narrativa juvenil brasileira contemporânea e construção de identidades, Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ªed. São Paulo; Contexto, 2016.

FNLIJ. **Regulamento da 40ª. Seleção Anual do prêmio FNLIJ 2014 – Produção 2013**. Disponível em: : www.fnlij.org.br. Acesso em 19 jun. 2019.

FNLIJ, **Prêmio FNLIJ 2014 – Produção 2013:** Justificativas dos leitores-votantes. Disponível em: <www.fnlij.org.br. Acesso em 19 jun. 2019.

FNLIJ, **Prêmio FNLIJ 2017 – Produção 2016:** Justificativas dos leitores-votantes. Disponível em: www.fnlij.org.br. Acesso em 19 jun. 2019.

FNLIJ. **Site da FNLIJ**. Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>
Acesso em 23 de jan. de 2019.

FNLIJ. **Prêmio FNLIJ**. Disponível em: <https://www.fnlij.org.br/site/premio-fnlij.html>.
Acesso em 20 de jan. de 2019.

FREITAS, M^a Teresa de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**. n. 116, 2002, p. 20-39.

FREITAS, M^a. Teresa de A. . **A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas**.. In: 26^a Reunião Anual da Anped, 2003, Poços de Caldas. 26^a Reunião Anual da Anped. Novo Governo. Novas Políticas? : CD-ROM, 2003. v. 1.

FURTADO, João Carlos Dias. **Poesia Premiada: a produção contemporânea para crianças e jovens no Brasil (2000 a 2009)**. 2011. 132f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

GREGORIN-FILHO, José Nicolau. Adolescência e literatura: entre textos, contextos e pretextos. **Revista Fronteiraz**, São Paulo, n. 17. p.110-120, dez.2016.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Kiel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Instituto Paulo Montenegro**. Disponível em Disponível em: <https://www.ipm.org.br/relatorios>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

JOHANN, Gisela. **Literatura premiada: possibilidades de diálogo com o público adolescente**. Dissertação de mestrado: Unioeste, 2017.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Leitura na escola: problemas e tentativas de solução In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org). **Leitura na escola**. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

LIMA, Luis Fernando Martins de. Um romance de formação colonial: doloroso aprendizado no mataréu. In: CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. (Orgs) **Literatura juvenil & mediações de leitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2015.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2001.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. In: ROSING, Tania M.K. ; BULARMAQUE, Fabiane Verardi (orgs). **De casa e de fora, de antes e de agora: Estudos da literatura infantil e Juvenil**.. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010a.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. **Adriana Falcão, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda e a literatura juvenil brasileira no início do século XXI**. 178 f. Dissertação

(Mestrado em Literatura Comparada) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010b.

MACHADO, Felipe. **Um lugar chamado aqui**. Ilustrações de Daniel Kondo. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

MALARD, Letícia. **Ensino e Literatura no 2º grau**: problemas & perspectivas. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

MALTEZ, Manu. **Desequilibristas**. São Paulo: Peirópolis, 2014.

MARTHA, Alice. **Áurea**. Penteados. Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea. **Anais do SILEL**. Vol 2. Nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

MARTHA, Alice **Áurea Penteados**. Diários de jovens: confissões e ficção. *In*: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice **Áurea Penteados** (orgs.). **Narrativas juvenis**: geração 2000. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2012, p. 161-182.

MARTHA, Alice **Áurea Penteados**. A narrativa juvenil contemporânea revisita a história: Ordem, sem lugar, sem rir, sem falar, de Leusa Araújo *In*: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice **Áurea Penteados** (orgs.). **Literatura infantil e juvenil**: Leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MATIA, Kátia Caroline de. **A narrativa juvenil brasileira**: entre temas e formas, o fantástico. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017.

MENDONÇA, Rosa Helena. Escola e escolhas: a LIJ na sala de aula e na biblioteca escolar. *In*: OLIVEIRA, Ieda de. (org) **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** com a palavra o educador. São Paulo, DCL, 2011.

MOLLO, Gláucia Maria. **X seminário sobre “biblioteca”**. Disponível em: [http://www. Alb.com.br/cole06/sem/002_biblioteca.asp](http://www.Alb.com.br/cole06/sem/002_biblioteca.asp). Acesso em 02 de fev. de 2019.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. *In*: OLIVEIRA, Ieda de.(Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 45-58.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (Coleção Metodologia e pesquisa do cotidiano).

NOGUEIRA, Judith. **O labatruz e outras desventuras**. São Paulo: Quatro Cantos, 2015.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins de Boboli**: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. .

PERROTI, EDMIR. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PRÊMIO JABUTI. **Premiados por edição**. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>. Acesso em 20 de jan. de 2019.

PRÓ – LIVRO. **Instituto Pró-Livro**. Disponível em <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

PUBLISHNEWS, **Site Publishnews**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/06/11/novo-formato-do-premio-jabuti-60-anos-desvaloriza-a-literatura-para-criancas-e-jovens>. Acesso em 12 de jan. de 2019.

RAMALHETE, Mariana Passos. **O Leitor e a Literatura Juvenil: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Dissertação. Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. **Revista Língua Portuguesa**. Editora Segmento, maio de 2011.

RICHE, Rosa Maria Cuba; A produção de sentidos na literatura infantil e juvenil: linguagens e articulações. *In*: MARTHA, Alice Áurea Penteado ; AGUIAR, Vera Teixeira de (Org.) . **Entre livros e leitores: escritos vários**. 1. Ed. São Paulo / Assis: Cultura Acadêmica / Anep, 2016. V. 1. 240p.

RIOS, Rosana. **Iluminuras**. Ilustrações Thaís Linhares. Belo Horizonte – MG: Lê, 2015.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**, de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSING, Tania; ZILBERMAN, Regina. Fazendo a leitura acontecer. *In*: ROSING, Tania; ZILBERMAN, Regina (orgs). **Leitura: história e ensino**. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2005.

SCLIAR, Moacyr. O valor simbólico da leitura. *In*. AMORIM, Galetto (org). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da leitura**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Lucecleia Francisco da. **Contra tudo e todos: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra**. Dissertação. Mestrado em Educação, Centro de educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.(a)

SILVA, Josineia Sousa da. **Protocolos de leitura em obras de Maria José Dupré na Série Vaga-Lume: livros, leitura e literatura para jovens leitores no século XX.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2017. (b)

SILVA, Vanessa Regina da. **A literatura Juvenil no Brasil e na Galícia. Prêmios literários. Estudo comparado.** Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela, 2016.

SOUZA, Danilo Fernandes Sampaio de; CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. A temática homossexual na literatura juvenil contemporânea: Uma análise de Cartas marcadas – uma história de amor entre iguais. **Anais do XI Jogo do livro e I Seminário latino-americano de leitura literária.** Belo Horizonte: Brasil, 2015.p 221-233. Disponível em https://issuu.com/ceale/docs/e.book_-_anais_xi_jogo_do_livro_par_e7dc05fe250951. Acesso em 01 de jan. de 2018.

SOUZA, Raquel Cristina Souza e; **A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: A formação do campo e do leitor.** Tese de doutorado, UFRJ: 2015.

TEIXEIRA, Mario. **A linha negra.** Ilustração Allan Alex. São Paulo: Scipione, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Difel, 2010.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *In:* FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Pensadores Sociais e História da Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 311p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TURCHI, Maria Zaira. Espaços da crítica da literatura infantil e juvenil. *In:* TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs). **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In:* ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs). **Itinerários de pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, p. 287-309.

ZILBERMAN, Regina. & SILVA, EZEQUIEL Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto.** 2.ed. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Revisada e ampliada, Rio de Janeiro: Objetiva. 2014.

APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR

Eu, _____, ocupante do cargo de Diretora/Gestora na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “_____”, autorizo a realização da pesquisa _____, sob responsabilidade do pesquisador Danilo Fernandes Sampaio de Souza, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), nesta instituição, respeitando a legislação em vigor sobre ética em pesquisa em seres humanos no Brasil (Resolução nº 466/2012). Afirmando que fui devidamente orientada sobre a finalidade e objetivo da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e sua divulgação posterior, sendo que meu nome será mantido em sigilo.

, _____ de _____ de 2018.

Diretora/Gestora

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

ESCLARECIMENTOS

Este é um convite para seu filho(a) participar da pesquisa de mestrado: “LITERATURA JUVENIL PREMIADA LIDA POR ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO ESPÍRITO SANTO: Diálogos entre pesquisas, crítica, escola e adolescentes” (título provisório), que tem como pesquisador responsável o mestrando Danilo Fernandes Sampaio de Souza, do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, que por sua vez é orientado pela Professora Dra. Maria Amélia Dalvi, docente efetiva da referida instituição.

Esta pesquisa possui como objetivo principal investigar os diálogos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental sobre os livros premiados na categoria “Jovem” outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e pelo Prêmio Jabuti. Este estudo se justifica uma vez que incentivará a leitura e visa a levantar alternativas para a formação do leitor na escola

Para este estudo, adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Para coletar os dados para a pesquisa será aplicado questionário com perguntas abertas e fechadas e posteriormente, os alunos selecionados por meio dos critérios: disponibilidade de horário para a realização das entrevistas, facilidade de locomoção para ir aos encontros e quantidade menor de faltas, serão convidados a participar de entrevistas onde responderão algumas questões pertinentes ao estudo em andamento.

Caso você autorize o menor participar, será solicitado que ele tome parte de grupo focal (pequeno grupo de pessoas reunidas para avaliar conceitos e identificar problemas e/ou práticas) que será organizado em horário a ser combinado com a maior parte dos participantes de tal grupo, devendo ter duração de 1 hora a cada 15 dias com duração de no máximo 2 meses. Nos encontros, serão discutidas as obras literárias lidas e o participante terá a liberdade de expor suas impressões e opiniões sobre a leitura. O trabalho do grupo será conduzido pelo pesquisador, sendo toda a atividade gravada em vídeo para facilitar a transcrição, com a atribuição de nome fictício a cada participante para garantir o sigilo dos depoimentos. Na tentativa de se desvincular essa experiência de tarefa escolar obrigatória, será realizada na Biblioteca Municipal, localizada ao lado da escola a qual os estudantes frequentam, em turno oposto aos horários de aula.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa trará benefícios, uma vez que o presente estudo permitirá conhecer a opinião e as experiências de leitura dos alunos participantes da pesquisa sobre os livros literários premiados na categoria “Jovem” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Câmara Brasileira do Livro. O estudo não gerará despesa para o estudante, uma vez que os materiais utilizados serão fornecidos pelo pesquisador.

O risco nesta investigação é o estudante sentir-se constrangido por não querer responder ao questionário e/ou à entrevista, ou mesmo sentir-se desconfortável por permanecer no local da realização e aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Os riscos são minimizados, pois a pesquisa será realizada próxima da escola, em local previamente preparado, mas familiar. O aluno poderá deixar qualquer das questões do questionário ou da entrevista sem resposta, pode também se retirar do local se não estiver confortável. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Danilo Fernandes Sampaio de Souza, 27 99899-9342 ou mandando o e-mail para danilofssouza@hotmail.com.

Você tem o direito de recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que o menor irá fornecer serão confidenciais e utilizados apenas para fins acadêmicos, ou seja, serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos. Este documento foi impresso em duas vias e será assinado e rubricado pelo pesquisador e pelo responsável em todas as páginas. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável (Danilo Fernandes Sampaio de Souza).

Os participantes de pesquisa e comunidade em geral poderão entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES** – Campus Goiabeiras, para o caso de denúncias ou intercorrências na pesquisa, obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações por telefone (27) 3145-9820 ou e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910. O CEP/Goiabeiras/Ufes tem a função de analisar projetos de pesquisa para proteger os participantes dentro dos padrões éticos nacionais e internacionais.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos que ela trará e ter ficado ciente de todos os direitos, concordo com a participação na pesquisa “LITERATURA JUVENIL PREMIADA LIDA POR ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO ESPÍRITO SANTO: Diálogos entre pesquisas, crítica, escola e adolescentes”, e autorizo a divulgação das informações fornecidas em

congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

ES, ___ de _____ de 2018.

Participante

Responsável legal pelo participante menor de 18 anos

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Como pesquisador responsável pelo estudo “LITERATURA JUVENIL PREMIADA LIDA POR ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO ESPÍRITO SANTO: Diálogos entre pesquisas, crítica, escola e adolescentes” (título provisório) declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

ES ____ de _____ de 2018.

Danilo Fernandes Sampaio de Souza
Pesquisador responsável

Maria Amélia Dalvi
Orientadora responsável

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “LITERATURA JUVENIL PREMIADA LIDA POR ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO ESPÍRITO SANTO: Diálogos entre pesquisas, crítica, escola e adolescentes” (título provisório). Neste estudo, pretendemos investigar no contexto de uma escola pública localizada na Grande Vitória, as impressões e experiência de leitura dos estudantes, principalmente, em relação aos livros premiados na categoria “Jovem” de duas instituições literárias do Brasil, a saber: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Câmara Brasileira do Livro. Este estudo se justifica uma vez que incentivará a leitura e visa a levantar alternativas para a formação do leitor na escola.

Para este estudo, adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Para coletar os dados para a pesquisa será aplicado questionário com perguntas abertas e fechadas e posteriormente, os alunos selecionados por meio dos critérios: disponibilidade de horário para a realização das entrevistas, facilidade de locomoção para ir aos encontros e quantidade menor de faltas, serão convidados a participar de entrevistas onde responderão algumas questões pertinentes ao estudo em andamento.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua

participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

A pesquisa trará benefícios, uma vez que o presente estudo permitirá conhecer a opinião e as experiências de leitura dos alunos participantes da pesquisa sobre os livros literários premiados na categoria “Jovem” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Câmara Brasileira do Livro.

O risco nesta investigação para você é sentir-se constrangido por não querer responder ao questionário e/ou à entrevista, ou mesmo sentir-se desconfortável por permanecer no local da realização e aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Os riscos são minimizados, pois a pesquisa será realizada próxima da escola, em local previamente preparado, mas familiar. Você poderá deixar qualquer das questões do questionário ou da entrevista sem resposta, pode também se retirar do local se não estiver confortável. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde..

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o

consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____ de _____ de 20____ .

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) pesquisador

Caso tenha interesse em maiores esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da presente pesquisa, ou em caso de denúncia e /ou problemas envolvendo esta pesquisa, você ou seu responsável poderão entrar em contato diretamente no endereço:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa – UFES

Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória(ES) - CEP: 29.075-910.

Fone: (27) 31459820 / E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com.br

O CEP/Goiabeiras/Ufes tem a função de analisar projetos de pesquisa para proteger os participantes dentro dos padrões éticos nacionais e internacionais.

Pesquisador (a) Responsável: DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA

Endereço:

SERRA (ES) - CEP: 29162738

Fone: (27) /

E-mail: danilofssouza@hotmail.com

APÊNDICE D – ROTEIRO DE GRUPO FOCAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ROTEIRO PARA ENCONTROS DO GRUPO FOCAL

Pesquisador responsável: Danilo Fernandes Sampaio de Souza

Quantidade de participantes: até 10 estudantes

Local: Biblioteca Pública

Data e horário: a definir

Duração pretendida: cinco encontros de uma hora cada.

1ª ETAPA: BOAS-VINDAS, APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ORIENTAÇÕES GERAIS

Olá! Bom dia! Sejam bem-vindos a essa atividade! Obrigado por dedicar seu tempo para falarmos sobre leitura literária. Vocês foram convidados por terem respondido previamente a um questionário cujo foco era conhecer as práticas, apropriações e representações de leitura dos alunos dessa escola. Estão aptos, portanto, a participarem das discussões que pretendemos conduzir nos encontros.

Em relação aos livros que iremos discutir, saibam que não há respostas prontas ou erradas, apenas diferentes pontos de vista. Sintam-se à vontade para manifestar suas impressões e opiniões dos livros que iremos ler.

Como vocês podem perceber, e de acordo com o informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que todos leram e foram assinados pelos seus responsáveis, nós gravaremos (filmaremos) todos os encontros, já que não queremos perder qualquer um dos comentários feitos. Reforçamos que nenhuma das identidades dos participantes será divulgada.

Contamos com a participação de todos na discussão e, para garantir que tudo corra bem, pedimos que não sejam feitas interrupções durante as falas. Estamos aqui para ouvir a todos!

Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados, bem como os Termos de Assentimento, que foram entregues antecipadamente.

2ª ETAPA: APRESENTAÇÃO DOS LIVROS PARA A ESCOLHA DAS LEITURAS

Descrição: apresentação realizada pelo pesquisador dos livros premiados pela Câmara Brasileira do Livro e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil na categoria jovem nos últimos cinco anos (2013-2017) por meio de slides e sinopse das obras, ressaltando os temas, conflitos e personagens das narrativas.

Cada participante terá acesso às obras, poderá folheá-las, ler trechos, comentar com os outros participantes e tirar dúvidas com o pesquisador que, previamente, terá conhecimento de todas as obras em pauta:

1. Dentro de Mim Ninguém Entra – José Castello
2. O Labatruz e Outras Desventuras – Judith Nogueira
3. A Linha Negra – Mario Teixeira
4. Fragasas Brenhas do Mataréu – Ricardo Azevedo
5. Namíbia, Não! – Aldri Anunciação
6. Um lugar chamado aqui – Felipe Machado
7. Iluminuras– Rosana Rios
8. Desequilibristas - Manu Maltez
9. Dos 7 aos 40 - João Anzanello Carrascoza

10. Aquela água toda - João Anzanello Carrascoza

3ª ETAPA: INTERVALO

Intervalo para lanche e socialização entre os participantes, estimulando-os a trocar ideias sobre os livros em pauta para leitura.

4ª ETAPA: ESCOLHA DAS NARRATIVAS E ELABORAÇÃO DO CRONOGRAMA DE LEITURAS

Os alunos, por meio de votação, escolherão quatro obras para serem lidas e, em acordo com o investigador, estipularão um cronograma para os próximos encontros e debates das leituras realizadas, sendo em cada encontro, debatida uma obra escolhida.

5ª ETAPA: DISCUSSÃO PÓS-LEITURA

- a) O moderador dará as boas-vindas aos participantes e os organizará em um semicírculo, diante da câmera, e pedir, inicialmente, que compartilhem em linhas gerais o que pensaram da leitura do primeiro livro escolhido para debate. Caso não haja comentários espontâneos, o moderador realizará perguntas pontuais, tais como:
- O que mais chamou sua atenção na história narrada?
 - Quais as maiores dificuldades ao ler a obra?
 - O que você mais gostou ou não gostou na trajetória do protagonista?
 - Qual a passagem mais interessante da história? Por quê?
 - Você se identificou com algum personagem? Qual? Por quê?
 - O que você achou da linguagem do livro? Você conseguiu compreender o que estava sendo narrado ou precisava recorrer ao dicionário?
 - Qual a passagem ou trecho da história que você mais gostou? E aquela que não gostou?
 - Após a leitura da obra você pode dizer que gostou do livro? Por quê?

- Você indicaria o livro lido para alguém? Para quem?
 - b) Ainda com o grupo organizado no semicírculo, o moderador ofertará papel e caneta e pedirá que os participantes respondam a ficha elaborada previamente para esse encontro e façam comentários sobre aspectos da narrativa, tais como linguagem, enredo, personagens, entre outras questões. Cada participante poderá falar livremente sobre a narrativa, dando suas impressões e experiências de leitura.
 - c) Para finalizar, perguntar se os participantes têm mais algum comentário ou alguma consideração a fazer.

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO



A pesquisa que dá origem a este questionário está sendo realizada pelo mestrando Danilo Fernandes Sampaio de Souza, e está inserida no Grupo de Pesquisa Literatura e Educação (www.literaturaeeducacao.ufes.br). Visa a compreender as práticas e preferências de leitura literária dos alunos matriculados no 9º ano do ensino fundamental. As respostas serão analisadas sem identificação nominal dos respondentes. Ao responder ao questionário, você concorda que os dados produzidos sejam utilizados para a pesquisa em andamento, com a condição de não ser identificado nominalmente.

Gostaríamos de salientar que os dados produzidos serão tratados de forma ética e respeitosa, em conformidade com as orientações para pesquisa em Ciências Humanas. A qualquer momento você poderá ter acesso aos dados e poderá desistir de participar da pesquisa. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados publicamente na forma de gêneros acadêmicos (artigos, palestras, minicursos, conferências e etc.), sem identificação nominal dos sujeitos, de modo a evitar quaisquer tipos e modos de constrangimento aos indivíduos participantes. Desejando, você pode pedir esclarecimentos sobre a pesquisa, a qualquer tempo, por meio do email danilofssouza@hotmail.com.

QUESTIONÁRIO²⁴

Idade: _____ Série/Turma: _____ Gênero: _____

1. Idade:

²⁴ Questionário inspirado nas perguntas elaboradas por SILVA(2017).

2. Você tem o hábito de ler livros de ficção/literatura?

() Sim () Não

3. Se respondeu NÃO na pergunta 1, quais opções lhe parecem interessantes.

() Jornais () Revistas () Websites

4. A) Se respondeu não à questão 1, qual você acredita que seja a principal razão?

1. Meus pais não são leitores;
2. Minha casa não tem livros;
3. Minha escola não incentiva;
4. A biblioteca da escola não faz parte de nossa vida escolar;
5. Meus professores não são leitores;
6. Meus professores não nos incentivam a ler;
7. Meus professores não sugerem leituras para socialização em sala;
8. Minhas aulas de literatura são teóricas;
9. Os livros não nos interessam;
10. Recebo incentivo, mas tenho preguiça;
11. Recebo incentivo dos professores, mas não tenho condições financeiras para adquirir uma obra literária.
12. Outros

B) O que você acha que te motivaria à leitura? [Em que situação leria um romance?]

1. Se minha família fosse leitora e houvesse livros em minha casa;
2. Se na escola os professores fossem leitores;
3. Se a biblioteca escolar funcionasse como estabelecimento dos hábitos de ler e tivesse um acervo com livros variados desde os clássicos aos atuais;
4. Se o professor sugerisse livros que têm a ver com os jovens de hoje;
5. Se meus pais, amigos ou outras pessoas contassem um pouco sobre algum livro e a história me motivasse, eu leria;
6. Se nossa escola nos desse a oportunidade para lermos os livros que quiséssemos;
7. Outros.

5. Se respondeu sim a pergunta 1, Quem mais te influencia a ler?

1. Professor
 2. Bibliotecário
 3. Pai
 4. Mãe
 5. Avó
 6. Avô
 7. Amigos
- 6. Você gosta de ler? Sim ou não**

7. Por que você lê?

1. Porque gosto;
2. Para me manter informado;
3. Porque o (a) professora (o) pede;
4. Para fazer as avaliações;
5. Para obter conhecimento;
6. Para conhecer o mundo da fantasia e da imaginação e viajar através dos livros;
7. Para compreender o mundo, as pessoas, os sentimentos;
8. Como ação política;
9. Para passar o tempo.

8. Com que frequência você lê livros ficcionais/literários?

1. Diariamente
2. Semanalmente
3. Mensalmente
4. Anualmente

9. Para mim, a leitura é, acima de tudo:

- () Uma obrigação escolar
- () Um prazer
- () Uma forma de aprender

- () Uma forma de valorização pessoal
- () Um passatempo
- () Uma chatice
- () Outro:

10. Quantos livros você lê por ano?

1. De 1 a 3
2. De 4 a 8
3. De 8 a 15
4. Mais de 15
5. Outro _____

**11. O que te interessa ler hoje, em relação à literatura/textos ficcionais?
[exemplificar todos]**

1. Romance de amor;
2. Romance com personagens sobrenaturais e magia (monstros, vampiros, alienígenas, fantasmas, zumbis, deuses, lobisomens, magos, seres dotados de poderes);
3. Romance de aventura;
4. Romance policial;
5. Romance baseado em fatos reais;
6. Romance com suspense;
7. Romance sobre assassinatos;
8. Romance sobre um psicopata;
9. Romance com terror;
10. Romance sobre experiências (memórias);
11. Romance com fatos trágicos;
12. Romance com comédia;
13. Romance com cenas eróticas;
14. Ficção científica;
15. História bíblica;

16. Esporte;

17. Outros.

12. Habitualmente você lê livros de escritores de qual nacionalidade?

1. Brasileiro

2. Estrangeiro

3. Varia

4. Não me importo

13. Cite o nome do escritor que você mais lê: _____

14. Como você escolhe os livros que lê?

1. Dicas de amigos

2. Dicas de alguém da sua família

3. Dicas de professores

4. Dicas do (a) bibliotecário(a)

5. Dicas do vendedor na livraria

6. Propaganda

7. Dicas dos youtubers

8. Pela capa

9. Listas do tipo “os 10 melhores” na internet

10. Outro: _____

15. Os livros que você lê são?

1. Emprestados da biblioteca

2. Comprados

3. De algum membro da sua família

4. Emprestados por amigos

5. Baixados da internet

1 Outro: _____

16. Você costuma comprar ou ganhar livros?

1. Costumo comprar livros mais do que ganhar

2. Costumo ganhar livros mais do que comprar
3. Ganho tantos livros quanto os compro
4. Não costumo comprar nem ganhar livros

17. Tem lugar para a leitura em sua casa?

1. Sim
2. Não

18. Você já OUVIU FALAR em algum (s) dos livros elencados abaixo?

1. Dentro de Mim Ninguém Entra – José Castello
2. O Labatruz e Outras Desventuras – Judith Nogueira
3. A Linha Negra – Mario Teixeira
4. Fragasas Brenhas do Mataréu – Ricardo Azevedo
5. Namíbia, Não! – Aldri Anunciação
6. Um lugar chamado aqui – Felipe Machado
7. Iluminuras – Rosana Rios
8. Desequilibristas - Manu Maltez
9. Aos 7 aos 40 - João Anzanello Carrascoza
10. Aquela água toda - João Anzanello Carrascoza

() SIM () NÃO

Se respondeu sim, qual? _____

19. Você já LEU algum(s) dos livros elencados abaixo?

1. Dentro de Mim Ninguém Entra – José Castello
2. O Labatruz e Outras Desventuras – Judith Nogueira
3. A Linha Negra – Mario Teixeira
4. Fragasas Brenhas do Mataréu – Ricardo Azevedo
5. Namíbia, Não! – Aldri Anunciação
6. Um lugar chamado aqui – Felipe Machado
7. Iluminuras– Rosana Rios

8. Desequilibristas - Manu Maltez
9. Aos 7 aos 40 - João Anzanello Carrascoza
10. Aquela água toda - João Anzanello Carrascoza
() SIM () NÃO

Se respondeu sim, qual? _____

20. Há projeto de leitura na sua escola?

1. Sim
2. Não

21. Indique no máximo 2 livros que você leu e que te marcaram, colocando o NOME DO LIVRO, um travessão e em seguida o AUTOR, como no exemplo abaixo:

Um lugar chamado aqui – Felipe Machado

1. _____

2. _____

MUITO OBRIGADO!

Professor Danilo Fernandes Sampaio de Souza

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EM GRUPO

ENTREVISTA 1: conversa sobre o livro *Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo

Entrevistador/ pesquisador: Pronto oh. Então, nós vamos começar hoje, nós vamos debater o livro *Fragosas Brenhas do Mataréu*. E eu gostaria que vocês, meninos, meninas comentassem um pouco a respeito do livro. Quem é que quer começar? Comentários gerais.

Risos paralelos.

Alissa: Vai amiga, você vai arrebentar.

Marilyn: O livro, eu gostei muito, porque ele fala de coisas diferentes e eu achei que o vocabulário dele era bem difícil. Só que não é complicado e se você olhar pelo contexto dá pra entender as palavras que tãõ ali. E eu também gostei do personagem que eu achei um personagem forte, porque, no começo do livro, ele lidou com muita coisa, ele viu os companheiros dele de viagem dele morrendo, mas ele continuou a viagem. Assim, ele se sentiu fraco às vezes, mas ele continuou até achar um lugar pra ele ficar. E a índia também que ele tava namorando, eu achei ela muito legal assim. E eu acho que ela é a personagem que eu mais gostei do livro, porque ela tem a opinião dela por mais que ele diga outras coisas sobre as histórias dela, histórias que ela ouvia da mãe dela. E aí, ele dizia as coisas e ela: “ah, isso não é coisa de Deus”, mas ela deixava a opinião dela, porque ela aprendeu assim. Achei ela uma personagem muito legal. Uma coisa curiosa que eu não vi... eu não li o nome do personagem do livro hora nenhuma o nome do protagonista ...

Entrevistador/ pesquisador: Alissa, fale agora.

Alissa: Tá, eu gostei bastante do livro. Achei um livro muito interessante. Assim, eu gostei do fato do vocabulário dele não ser tão fácil de se compreender, porque eu mesma aprendi várias coisas novas. Tipo... eu aprendi outras palavras e tudo mais e sobre o personagem... eu achei o personagem muito interessante, achei ele muito forte como a Marilyn disse, né. Já, no começo do livro, ele já tem que... aturar a

perda da mãe dele né, que foi, que foi condenada né. Falaram que ela era uma bruxa e tudo mais né... aí, eu tô muito nervosa.

Marilyn: Tá e tipo assim a mãe dela tipo... a mãe dele né, no caso é... eu, é... eu já tava sacando que eles iam achar que ela era bruxa, porque naquela época não era uma época comum de você saber ler e escrever. E ela era uma mulher que cuidava do filho dela sozinha e aí, eu logo saquei quando chegou alguém batendo na porta dela e tal que ele sempre falava que a mãe dele sabia ler e escrever. E, aí, quando chegou a pessoa pra porta dela, ela já sabia que ela ia ser acusada como bruxa. Tipo, tava meio que na cara pra mim que ela ia ser acusada disso, porque ela sabia ler, escrever cuidava do filho dela sozinha, não tinha marido e, lá, essas coisas eram meio que bruxarias né, porque uma mulher não conseguia lidar com ela... com o filho, não poderia saber ler a não ser uma magia negra fizer pra ela ser assim.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. E o que vocês mais gostaram na trajetória do protagonista?

Alissa: Eu gostei bastante quando ele conheceu Jucerê né e ficou mais próximo dela, porque nisso ele ampliou mais a visão do mundo, sabe? Ele não ficou focado só naquilo. Tipo, ele conheceu outros ares, outras culturas, outro jeito de enxergar o universo. Eu gostei bastante disso.

Marilyn: É, eu gostei da parte que ele chega naquele vilarejo, conhece as pessoas e as pessoas começam a gostar dele. E ele pegou uma... era uma viola emprestado pra poder cantar, contar histórias pras pessoas, começou a fazer amizade pra quem era sozinho antes e tal.

Entrevistador/ pesquisador: Muito bem! Vocês se identificaram com algum personagem? Qual e por quê?

Marilyn: Eu não me identifiquei nenhuma, com nenhuma, mas eu gostei da índia. Eu achava ela muito doidinha, sabe? Da personalidade dela, eu gostei bastante dela.

Alissa: É, eu também não me identifiquei com nenhum, mas eu gostei bastante de todos os personagens, sabe? Inclusive o boticário, que foi o cara que acolheu ele e tudo mais. Eu gostei de saber tipo... eu tive uma grande surpresa de saber que ele

era de outro jeito que ele praticava a bruxaria e tudo mais. Eu achei muito intrigante aquele personagem em si.

Entrevistador/ pesquisador: O que você achou da linguagem do livro?

Alissa: Complicada, mas não impossível de se entender.

Marilyn: Eu achei no... é, eu também não achei impossível de se entender e combinou bastante com a época. Se você olhasse pelo contexto seria bem mais fácil de você entender.

Entrevistador/ pesquisador: Qual passagem ou trecho que vocês mais gostaram?

Marilyn: Eu gostei da parte que ele conheceu a índia... achei um amorzinho essa parte.

Alissa: É, a... a parte que eu mais gostei... deixa eu pensar... teve uma parte que o capitão do arraial em que ele tava brigado, ele acabou se apaixonando pela índia Jucerê e, com isso, ele ficava dando em cima dela e tudo mais. E, nisso, a Jucerê foi e contou para o personagem principal e, nisso, ele acabou tendo a ideia de mata o capitão. Só que pra isso, ele precisou da ajuda do boticário, do amigo dele, que voltou a praticar bruxaria e tudo mais só pra matar o capitão também, por quê? Porque o capitão, ele já tinha matado os dois filhos dele. Aí, nisso, ele tentou fazer dois feitiços só que deram completamente errados. O um, o primeiro feitiço ele fez com que o capitão se apaixonasse pela mulher dele e, o outro, é, fez com que o capitão se apaixonasse por outro homem. Eu achei aquilo muito intrigante, mas o principal negócio, a principal coisa que me chamou atenção e quando o capitão morreu e, nisso, acabou acontecendo uma guerra no arraial. E os principais líderes do arraial é acabaram matando o boticário e a mulher dele. Eu fiquei com o coração destroçado e muito...

Murmúrios.

Entrevistador/ pesquisador: Muito bem! Após a leitura da obra, você pode dizer que gostou do livro? Sim ou não?

Marilyn: Eu gostei do livro. Eu achei interessante.

Alissa: Eu também. Foi muito bom de ler ele.

Entrevistador/ pesquisador: Você indicaria o livro para alguém? Pra quem?

Alissa: Eu indicaria o livro pra alguém que gosta de História sabe? Principalmente, as histórias do Brasil, História em si, porque o livro ele é muito bom pra esse tipo de gente, sabe? E pessoas que também gostam de ler, porque pegar aquele livro pra ler não é fácil, principalmente por causa da linguagem dele e tudo mais.

Marylin: Eu indicaria pra alguém da minha idade e pra alguém mais velho que eu. Tipo, não abaixo da minha idade, sabe? Porque é um livro meio que... vamos dizer, as palavras são difíceis de compreender se você não for uma pessoa que já estudou né pra ler tipo, porque quem não é abaixo da nossa idade mal consegue compreender as palavras que estão ali tipo sem complicar, sabe? E tem umas palavras complicadinhas. Então, eu indicaria pra alguém da minha idade ou acima.

Entrevistador/ pesquisador: Muito bem! Vocês possuem mais algum comentário pra fazer em relação ao livro? Falar sobre alguma passagem que gostou? Do que não gostou, de alguma parte do livro que não achou interessante?

Murmúrios de não...

Marilyn: Não também.

Entrevistador/ pesquisador: Nenhum comentário?

Alissa: Já falei demais!

Entrevistador/ pesquisador: Não tendo comentário, a gente encerra aqui. Muito obrigado.

ENTREVISTA 2: conversa sobre o livro *Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo

Entrevistador/ pesquisador: Bem, nós vamos então começar o nosso debate sobre o livro *Fragosas Brenhas do Mataréu*, do escritor Ricardo Azevedo. Aí eu gostaria de saber das meninas da Pietra ou da Valentina se vocês têm comentários gerais a fazer sobre o livro. Não tendo, eu vou passar para as perguntas. Vocês querem fazer alguns comentários antes?

Pietra: Eu acho que o comentário que eu tenho a fazer é o que você vai perguntar. Que é a da linguagem do livro.

Entrevistador/ pesquisador: Então, pode fazer.

Pietra: A linguagem do livro é bem complexa até porque eu já morei lá. A história se passa em Portugal... A história se passa em Portugal e eu já morei tipo, já passei um aninho lá. Só que a linguagem tá sendo muito complexa.

Entrevistador/ pesquisador: Tem alguma coisa a dizer, Valentina?

Valentina: É porque... tipo, quando eu li o título do livro que é esse daqui, eu achei que fosse tipo uma coisa e quando eu li era realmente outra. Então, tipo...

Entrevistador/ pesquisador: O que você achou que fosse?

Valentina: Sei lá! Qualquer coisa menos o que eu li.

Entrevistador/ pesquisador: Mas, o que que é *Fragosas Brenhas do Mataréu*? O que veio à sua cabeça?

Valentina: Sei lá! É, porque tipo... no livro tem um oceano. Aí, tipo pensei: será que é um tipo de oceano? Sei lá, não sabia...

Pietra: Eu achei a capa, tipo quando eu li o livro... eu não li tipo todo ele, mas enquanto... Eu li tudo, então... eu, quando eu li tinha tudo a ver, porque tem um navio, tem um oceano, tem vários monstros que foi na época... pode dar "Spoiler"?

Entrevistador/ pesquisador: Pode falar!

Pietra: Foi quando ele conheceu a terra né que é Brasil ali, foi até lá. Então, é uma terra super... que ninguém sabia, então todo mundo achava que tinha monstro e bá, bá, bá.

Valentina: E é um livro bem diferente né, apesar do nome diferente, a linguagem.

Entrevistador/ pesquisador: Aham. A primeira pergunta que eu vou fazer pra vocês: o que mais chamou a atenção na história narrada?

Valentina: A do menino ter ficado órfão da mãe aos quinze anos. Tipo, é porque quando uma pessoa fica órfã, é... obviamente ela vai pro orfanato. E ele foi meio que trabalhar com outras pessoas num navio ainda. Eu nunca vi isso.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Pietra: Que a mãe dele fazia remédio, ela foi acusada de bruxaria por várias pessoas que não gostavam dela na população. E aí ela foi mudada de posição, foi presa e morta. Ele ficou órfão e teve que trabalhar num barco.

Entrevistador/ pesquisador: Quais são as maiores dificuldades ao ler a obra?

Juntas: a linguagem.

Valentina: Porque tem muita palavra que a gente não reconhece, que não sabe o significado. Então, é meio difícil da gente entender.

Entrevistador/ pesquisador: Certo, Valentina. É, o que você mais gostou e o que não gostou na trajetória do protagonista?

Valentina: Achei injusto na... tipo... achei injusto na parte que mataram, assassinaram a mãe dele pelo fato só dela, só de algumas pessoas não gostarem dela pelo que ela fazia. Que ela no caso fazia os remédios lá.

Pietra: Eu acho que foi quando ele teve que ser forçado a trabalhar no navio e ele teve que ir numa viagem que quase ninguém tinha ido, porque era um novo mundo, uma nova terra. Então, ele novo ter que embarcar nessa viagem tão assustadora que ninguém conhecia. Achei bem injusto.

Entrevistador/ pesquisador: É, qual é a passagem mais interessante da história e por quê?

Pietra: Como assim?

Entrevistador/ pesquisador: Uma cena que você mais achou interessante da história?

Valentina: Não sei...

Entrevistador/ pesquisador: Não lembra, né? Você, Pietra?

Pietra: Eu acho que foi quando o navio dele bateu na costa e ele foi o único sobrevivente e ele teve que entrar e desbravar aquela terra nova, sozinho.

Entrevistador/ pesquisador: Muito bem! Vocês se identificaram com algum personagem? Por quê?

Todos: Não...

Entrevistador/ pesquisador: Não. O que vocês acharam da linguagem do livro? Você conseguiu compreender o que estava sendo narrado ou precisava recorrer ao dicionário?

Valentina: Não recorri ao dicionário, às vezes... eu... é, às vezes eu pesquisava ou perguntava pra Pietra, se ela tinha entendido.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Pietra: É, tipo assim... eu acho que pelo contexto, a gente dá pra entender algumas palavras. Então, eu não recorri, não. Eu só entendi mesmo.

Entrevistador/ pesquisador: Beleza! Qual a passagem ou trecho da história que você mais gostou e aquela que não gostou?

Pietra: Meio estranho, mas eu gostei muito da... do começo do livro quando a mãe dele, porque... achei muito interessante. Eu não sei falar tipo o que eu achei, mas eu gostei muito, porque achei uma coisa interessante.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum, ok. E você?

Valentina: Eu tipo é no começo também, porque é diferente. A gente nunca imagina que um órfão, tipo ele é obrigado a trabalhar e viajar pra um lugar diferente. Um órfão, geralmente fica num orfanato, então, é muito diferente.

Entrevistador/ pesquisador: É, após a leitura da obra, você pode dizer que gostou do livro?

Valentina: Sim. Até porque a gente aprende com, com os livros. Porque ele sofreu muito depois de ter perdido a mãe dele. Então, realmente é uma lição.

Pietra: Eu não gostei muito não. Achei que o livro devia ter mais aberturas, mais coisas pra desbravar.

Entrevistador/ pesquisador: Você indicaria o livro lido para alguém? Pra quem?

Pietra: Ah, não sei. Quem quiser ler aí, gente, é muito legal, tá?

Entrevistador/ pesquisador: E você, Valentina?

Valentina: Sim é pra... que geralmente, eu tenho muito amiga que gosta de lê livros. Aí eu indico pra elas.

Entrevistador/ pesquisador: Muito bem! Então, finalizaremos, assim o nosso debate do livro *Fragosas Brenhas do Mataréu*, hoje, no dia vinte e três de abril de dois mil e dezenove.

Transcrição 3: conversa sobre o livro *A linha negra*, de Mario Teixeira

Barulho...

Murmúruos...

Entrevistador/ pesquisador: Boa tarde a todos. Boa tarde, meninas. Hoje, dia vinte e nove de janeiro de dois mil e dezenove nós vamos começar aqui a discussão sobre o livro *A linha negra*, do autor Mario Teixeira. Eu quero saber de vocês, se vocês têm algum comentário a fazer a respeito do livro.

Murmúruos de não...

Entrevistador/ pesquisador: Ninguém? Então, eu vou fazer as perguntas e vocês vão comentar, tá bom?

Vozes ao mesmo tempo...

Marilyn: Ela gostou do livro, ela quer falar. Vai Alissa.

Entrevistador/ pesquisador: tá, fala Alissa. Pode falar.

Alissa: Assim, no começo, eu achei que ele ia ser bem entediante. Porque, antes de eu ler esse livro, duas pessoas já tinham lido.

Risos paralelos de outros...

Alissa: Duas pessoas já tinham lido o livro e tinham achado ele muito... chato, tedioso.

Entrevistador/ pesquisador: Aham.

Alissa: E, no começo, ele realmente é muito tedioso, muito chato. Tem que pular lá pro final do livro pra saber o que que é tal coisa. Isso, ó, sinceramente, me enfureceu. Só, que, depois que ele sofre a primeira transformação, que ele vira lobisomem pela primeira vez, aí eu já comecei a gostar. Aí, eu já falei, não, não é possível. Mas é...

Risos...

Alissa: Não, não é possível! Aí, passa. Aí, vai passando, ele vai sofrendo as transformações. Aí, ele começa a lutar. E cara, isso... eu fiquei muito presa no livro. Quanto mais eu lia ele, mais eu queria saber o que ia acontecendo, qual seria o desenrolar da história. Se ele ia continuar lobisomem e se ia matar mais alguém. E eu gostei do livro.

Entrevistador/ pesquisador: Aham.

Alissa: Eu achei bem surpreendente, principalmente, o final. Né, que ele tinha um amigo. Ele fez um amigo nessa guerra que o nome dele era Antonio.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Alissa: Só, que, na verdade, no final mostra que o Antonio não era um homem, era uma mulher. E com isso eu tipo pirei. Eu gostei do livro.

Entrevistador/ pesquisador: Gostou, né?

Alissa: Gostei.

Entrevistador/ pesquisador: Então, alguém quer fazer algum comentário, contraponto, dizer... concordar com a Alissa ou discordar.

Marilyn: Eu discordo, tipo da questão de demorar muito pra acontecer as coisas. Tipo, eu achei que demorou bastante. E, aí, eu não fiquei com muita paciência pra continuar lendo. Eu achei que demorava muito pra acontecer aquelas coisas tipo, surpreendente mesmo, sabe?

Entrevistador/ pesquisador: Aham.

Marilyn: Porque eu costumo lê livro mais que... cada coisa acontece, cada momento acontece uma coisa diferente. E, aí, no final, acontece uma coisa maior. Só que cada partezinha tem uma emoção. Eu achei esse livro chato, porque ele demora pra acontecer as coisas e o vocabulário dele também é meio chatinho.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. Mais alguém? Então, vamos aqui. O que mais chamou sua atenção na história narrada? Quem é que quer falar?

Tiffany: Começa com a Alissa.

Alissa: Mas eu tô pensando... risos.

Tiffany: Qual é a pergunta?

Entrevistador/ pesquisador: Hã? O que mais chamou sua atenção na história narrada?

Diana: Posso?

Entrevistador/ pesquisador: Pode.

Diana: Eu gostei do começo do filme... do começo do livro...

Risos paralelos...

Diana: Quando ele é pego aos beijos pela mãe dele e direto o pai dele já meio que briga com a mãe dele e manda ele diretamente pra guerra.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Tiffany: Eu achei que podia ter meio que uma história por trás, mas... A parte que eu mais gostei foi essa que eu achei muito pahh.

Marilyn: Eu achei o pai dele malvado por ter mandado ele pra guerra.

Ao mesmo tempo: Eu também.

Diana: Mas era meio que de costume de época.

Ao mesmo tempo: É.

Entrevistador/ pesquisador: Mas, depois tem uma explicação lá no meio do livro né do por quê do pai ter mandado e a mãe né... não sabia e ele também não sabia, depois tem uma explicação lá.

Risos paralelos.

Entrevistador/ pesquisador: Pode falar!

Alissa: A parte que mais me interessou foi ele ter feito a amizade com um príncipe africano lá chamado Obá. Nisso, tipo tudo o que o pai dele tinha colocado na cabeça dele tanto que, toda vez, no livro ele fala bem assim: ah, se meu pai soubesse que o meu confidencial é um negro. Eu acho isso incrível, porque lá na guerra ele pôde perceber que os negros, naquela época, eram totalmente iguais aos brancos. Tipo, não tinham nenhuma diferença.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Alissa: Eu gostei disso.

Entrevistador/ pesquisador: Mas que a sociedade tinha esse preconceito né? Mas que, na guerra, ali...

Juntos: Na guerra todo mundo era igual.

Marilyn: E eu achei interessante, porque ele era mais novo do que os companheiros dele e ele continuava resistindo como ele. E ele tinha, tipo... as pessoas respeitavam ele da mesma forma.

Murmúrios...

Entrevistador/ pesquisador: Quais as maiores dificuldades de vocês ao ler o livro?

Diana: Eu acho que foi o vocabulário. Era um pouco mais antigo. Eu acho... a gente não ta acostumado. Acho que foi mais isso.

Tiffany: Eu não gostei muito, porque eu não entendi muito, sabe? Não tô tendo a maturidade suficiente ainda.

Entrevistador/ pesquisador: Aham.

Risos paralelos.

Marilyn: Eu achei o vocabulário, porque, de vez em quando, eu pesquisava lá pra saber o significado de certas palavras.

Alissa: Eu também.

Entrevistador/ pesquisador: O que você mais gostou ou não gostou na trajetória do protagonista?

Vozes juntas...

Diana: O que eu mais gostei foi quando ele foi pra guerra e conheceu o Antonio e o Obá. E... e o que eu menos gostei... ah, não sei. Acho que não tem um, um, um motivo de eu não ter gostado.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Alissa: Tá, eu não sou muito de gostar de romance, mas uma das coisas que eu mais gostei no livro foi o fato dele ter se apaixonado pela inimiga, por uma paraguaia. Eu achei isso muito interessante.

Risos...

Tiffany: Eu tô pensando...

Marilyn: Eu gostei, tipo, da narrativa do livro em si, o que ele conta, porque por mais que literalmente ele seja uma fera, acho que todos nós temos um tipo de fera dentro da gente que pode é... agir de modo ruim e pode agir de modo bom, depende do modo que a gente quer levar isso. Pra mim também teve esse sentido... É eu não

tenho muito de específico pra não ter gostado do livro a não ser o fato dele demorar pra desenrolar as coisas.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. Você, Tiffany.

Tiffany: Eu tô pensando aqui...

Risos...

Tiffany: Ah, eu não gostei do fato do pai dele ter, ter mandado ele pra lá, mesmo ele não querendo, entendeu? Ele foi obrigado a ir pra lá... acho que foi mais por isso.

Entrevistador/ pesquisador: Beleza. É, qual é a passagem mais interessante da história e por quê?

Diana: Eu acho que foi primeira transformação dele que ele parecia que tava meio assustado com o que tava acontecendo. Acho que foi isso, é diferente a gente vê um livro brasileiro e de uma guerra no Paraguai... uma pessoa vira uma fera. Eu gostei dessa parte.

Marilyn: Eu gostei quando ele conheceu a paraguaia né, porque eu gosto bastante de romance. E aí quando eu vi é que eles iam ter um romance, eu já falei: opa, um romance, eu to gostando mais.

Alissa: Eu tô pensando também.

Tiffany: A parte que eu mais gostei foi quando ele se apaixonou pela inimiga dele que era filha de ditador, eu fiquei tipo, Meu Deus!

Alissa: Calma! Muita pressão! Risos...

Murmúrios...

Alissa: Tá, eu gostei bastante de quando ele conheceu o Obá né, que ele ficou completamente impressionado por aquele homem. Porque era um homem grande, bonito, forte. Eu gostei dessa parte, me chamou bastante atenção, porque não era de se esperar que um filho que... de uma pessoa que tem um monte de escravos vai se impressionar por um negro, sabe? Principalmente, naquela época. Eu gostei disso.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. É... essa até vocês já responderam né?, o que vocês acharam da linguagem do livro? Você conseguiu compreender o que estava sendo narrado ou precisava recorrer ao dicionário?

Marilyn: Eu olhava no Wikipédia... é no Wikipédia que chama? Num negócio que aparece que você digita a palavra e aparece o significado.

Murmúrios...

Marilyn: Depois que eu fui notar que atrás do livro tinha, porque pra mim era só o que aconteceu com os personagens depois, ou o que fizeram... alguma coisa assim. Mas eu só fui notar mesmo que tinha significado das palavras depois. Aí, eu me liguei né...

Alissa: Eu li o... deixa eu lembrar o nome... o prólogo. Aí, eu fui vê que lá tava falando bem assim: todas as palavras que estavam em negrito tem o significado atrás. E eu achei bastante confuso ter que ficar lendo o livro e olhando lá atrás pra saber o que é tal coisa. Isso me deixou com um pé atrás. Então...

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Tiffany: Eu tive que recorrer ao meu tio, porque eu li lá na casa dele. Eu fiquei perguntando o que que é isso? e ele me explicava. Mas eu sozinha não entendi muito.

Entrevistador/ pesquisador: Beleza! Diana.

Diana: É como disse, é difícil, mas é meio que curioso. Tem palavras que eu, pelo menos, nunca tinha ouvido e aí a gente aprende palavras novas.

Marilyn: Tinha muitas palavras que eu já tinha ouvido de alguém mais velho falar.

Diana: Aham.

Murmúrios...

Marilyn: Mas a maioria das palavras eram novas pra mim.

Alissa: Eu lembrava das pessoas graças ao professor de história, porque ele ó, ficava assim martelando. Aí eu via o nome de alguém conhecido, eu falava: opa, não

precisa ir atrás, porque eu conheço a pessoa, entendeu? E eu gostava quando isso acontecia.

Risos...

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. Então, você já sabe que em saber um pouquinho né da história do Brasil poderia então.

Marilyn: foi por isso que ela gostou, percebi que ela gostou mais que a gente!

Risos...

Entrevistador/ pesquisador: Qual passagem ou trecho da história que você mais gostou e aquela que não gostou?

Alissa: Teve uma passagem que o Diabo, o nome do cara, ele... eu não lembro muito bem o que aconteceu, mas ele se deparou com uma família paraguaia e ele comprou a criança mais nova.

Murmúrios... eu ia falar disso.

Alissa: E ele comprou a menina mais nova. Isso pra vender pros outros soldados que estavam lá também. Aí veio o Casimiro né? E ajudou a criança. O Antonio também veio. Essa parte, eu achei horrível, porque como é que uma pessoa em sã consciência pega uma criança que lá no livro tava falando que ela ainda tinha menos de treze anos e coloca pra vender pros soldados, sabe? E eles dava pra perceber que eles também queriam. E tipo, lá, na cena, fala né que o Diabo levantou o vestido da menina e toda a plateia ficou impressionada com aquilo. Eu achei aquilo totalmente ridículo, muito ridículo. Apesar da ação do Casimiro e do Antonio foram, apesar de que foi boa né? Que eles ajudaram a menina, mas...

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Marilyn: Eu comecei a pensar em qual frequência as coisas aconteciam lá, porque né as pessoas... eu acho que as únicas pessoas que teve uma reação mesmo de espantadas foi esses dois, entende? O Casimiro e o outro. Mas, as outras pessoas estavam achando isso legal. Então, com que frequência essas coisas deveriam acontecer ou acontecem.

Tiffany: A minha parte também foi essa porque... gente, ai tadinha! Mas eu entendo que é assim coisas que aconteciam na época.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. É... após a leitura do livro, vocês podem dizer que gostaram ou não da história?

Alissa: Eu gostei, mas não totalmente. Mais da metade pro final que foi quando começou a ficar interessante ao meu ver.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Marilyn: Eu não gostei muito da história não. Mas teve algumas partes que eu achei interessante.

Murmúrios...

Tiffany: Eu gostei, mas tirando o romance eu teria gostado mais. Risos.

Diana: Eu gostei, porque eu não estou acostumada a lê livros de autores brasileiros. É, é uma linguagem meio que diferente que conta a história do passado. Eu achei bem legal.

Entrevistador/ pesquisador: Vocês indicariam o livro pra alguém? Pra quem?

Alissa: Eu indicaria o livro pra pessoas da nossa idade, porque eles vão conhecer outras palavras, vão conhecer outras pessoas né, que lutaram na Guerra do Paraguai e, em tantas outras guerras.

Marilyn: Eu indicaria mais pra quem gosta de uma ação nem tanto assim, é... como é que se diz... tipo mais puxada pra ação do que pra mistério, sabe? As coisas realmente acontecem são coisas realistas. Eu indicaria pra alguém que gosta de coisas mais realistas e que gosta de literatura brasileira também.

Tiffany: Eu indicaria pra uma pessoa mais velha, pra entender mais não precisa ficar pesquisando igual eu fiz e é...

Diana: Eu indicaria também pra uma pessoa da nossa idade ou que estudou ou vai estudar sobre a Guerra do Paraguai, porque mesmo sendo uma ficção, a pessoa que não entendeu muito a matéria pode meio que se aprofundar pelo livro.

Marilyn: E é uma coisa realista.

Murmúrios...

Entrevistador/ pesquisador: Vocês possuem mais um comentário a fazer? Alguma colocação pra falar do livro *A linha negra*? Este é o momento se quiser falar alguma coisa, concordar, discordar.

Juntos: Não.

Entrevistador/ pesquisador: Não? Então, a gente vai encerrar aqui o debate. Obrigado.

Transcrição 4: conversa sobre o livro *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza

Murmúrios...

Conversas paralelas...

Entrevistador/pesquisador: Boa tarde a todos. Nós vamos começar neste momento o debate sobre o livro *Aos 7 e aos 40*, do autor João Anzanello. E, aí, antes da gente começar eu gostaria de saber de vocês, se vocês querem comentar alguma coisa a respeito do livro... pode ficar à vontade.

Marilyn: Eu achei o livro interessante, porque eu já esperava uma coisa dele, do modo que é... do modo que você muda de opinião ao longo dos anos. E eu achei que isso foi bem legal.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Alissa: Eu gostei, porque o autor ele vai... ele não começa por uma fase da vida dele e no final do livro vai pra outra. Ele vai alternando as duas e eu gosto disso também. Eu acho bastante interessante, é na fase que ele tem sete anos... o narrador, ele narra a história na primeira pessoa, mas quando ele é adulto, ele... sabe, narra na terceira e eu achei isso totalmente confuso. Além do fato de ele posicionar as

palavras na página de um jeito diferente em cada fase tipo... É, quando ele tem sete anos ele escreve tudo retinho, aos quarenta ele começa escrever tudo “embaranhado” na página.

Marilyn: Nesse livro aqui ele é diferente.

Murmúrios...

Alissa: Vai gente, pode ir falando.

Entrevistador/pesquisador: É, tem algumas partes que é assim mesmo!

Alissa: Aqui é retinho e, depois, ele começa escrever tudo “embaranhado”.

Murmúrios...

Alissa: Eu fiquei muito presa a esse livro aí eu acabei notando cada detalhe, cada coisa que ele mudava, que ele fazia diferente que ele tava fazendo antes. É isso.

Entrevistador/pesquisador: **O que mais chamou a atenção de vocês na história narrada?**

Marilyn: O modo que ele... quando ele era criança, ele queria crescer né, ele era doido pra crescer, ser como adulto, olhar o mundo. E, aí, depois quando ele cresce, quando ele vira um adulto eu achei que ele se tornou uma pessoa mais triste, ele não era tão alegre quando ele era criança... ele tinha, vamos dizer mágoas sabe, de algumas coisas.

Alissa: No próprio livro, ele fala que ele se sente refém do próprio corpo. Eu acredito que seja por isso que quando ele narra sua fase de criança, ele fala na primeira pessoa e em adulto, quando ele é adulto, ele já não fala, sabe? Eu acho que por ele não gostar do que ele se tornou ou ter ficado mais triste como ela disse, acabou sabe, mudando tudo. Eu gosto disso. Como a gente pode ver que as coisas mudam ao decorrer da história. Mas ao mesmo tempo que elas mudam, sempre que tipo ele, tá... ele é criança, mas no próximo capítulo que ele já é adulto, ele faz alguma referência ao capítulo anterior. Ele lembra de alguma coisa e isso é tipo...

Marilyn: E isso deixa ele triste. Deixa ele triste.

Marilyn: No final, é como se ele percebesse que não aproveitou bastante como se fosse insuficiente aquilo que ele já tinha feito antes e deveria ter aproveitado mais, porque ele sempre queria crescer, né? Aí, quando ele cresceu ele sentiu falta, ou como se ele não aproveitasse o agora como antes.

Alissa: É, como se ele não aproveitasse o agora como antes.

Entrevistador/pesquisador: Talvez, essa é uma reflexão que as pessoas fazem na sua vida, né?

Tiffany: Eu gostei da parte quando ele tá com os quarenta e ele, igual ela falou, ele voltou, lembrou lá dos sete anos de idade. Teve uma parte que ele quis fazer diferente, mudar a vida dele. Eu gostei bastante dessa parte também.

Entrevistador/pesquisador: **Quais as maiores dificuldades ao ler a obra?**

Murmúrios de “acho que nenhuma”.

Marilyn: Eu achei ele bastante claro assim de ler, bem fácil de interpretar também.

Alissa: A escrita é fácil de compreender.

Risos.

Entrevistador/pesquisador: **É, o que vocês mais gostaram ou não gostaram na trajetória do protagonista?**

Tiffany: Eu não gostei, porque depois aos sete ele tava tipo muito alegre e, depois, aos quarenta ele já ficou triste. Eu fiquei triste junto com ele.

Diana: Eu não gostei, porque quando ele era criança, ele meio que teve uma perspectiva na cabeça dele tipo como seria a vida adulta dele. E ele tinha... podia ter aproveitado mais a infância e a adolescência dele e ele ficou tão focado nesse negócio: “ah, quero virar adulto!”, quero virar adulto que, no final, ele se tornou um adulto assim triste, solitário. Sim, porque ele teve uma expectativa diferente.

Marilyn: É, eu achei que ele criança né, ele viveria... tipo, assim, quando eu vi que ele tinha uma esposa, eu não sabia que ele tava separado dela, né? Então, eu achei que ele teria uma esposa, ia ser tipo aqueles romances de TV, sabe? Porque ele era uma pessoa muito alegre, ele era uma criança esperta. Então, achei que ele seria

uma pessoa que gostasse da vida, que aproveitaria a vida muito: viajando. Que ele fosse uma pessoa bem alegre quando ele crescesse. Mas, aí, depois, ele se tornou uma pessoa triste, né, separou da esposa. O filho dele... ele sentia muito a falta do filho dele, que ele não estava morando com o filho dele e eu acho que ele queria passar as mesmas coisas que ele aprendeu, que ele tinha feito pro filho dele. Mas ele não tinha ânimo pra fazer essas coisas. Ele era desanimado.

Alissa: É, o que eu mais gostei foi isso também de ele ter se tornado uma pessoa muito triste, muito solitária. Mas uma das coisas que eu mais gostei é o jeito que ele demonstra o amor pelo filho dele mesmo depois da separação, sabe? Ele ainda continuou querendo ver o filho, ele era presente na vida dele, sabe? E o jeito que ele escreve sobre o filho, da saudade que ele sente quando o filho tá longe... eu gosto muito disso.

Marilyn: E quando ele quer ver o filho, ele vai atrás, ele vê, ele ajuda a mãe dele.

Alissa: Eu acho que o amor que ele teve na infância dos pais dele, que é muito claro, ele passou isso pro filho. E eu gosto muito, sabe? De... do fato de mesmo depois que eles... o, ele e a mulher terem se separado, mesmo assim no início não impediu ele de continuar indo ver o filho e sabe, transbordando amor por ele.

Entrevistador/pesquisador: Uhum. **E, o que vocês acharam da linguagem do livro? Conseguiu compreender o que estava sendo narrado, apresentado?**

Murmúrios de “Pra mim foi tranquilo”, “Pra mim também”.

Entrevistador/pesquisador: **Não é um livro que apresenta dificuldades na hora de... não, né? Vocês se identificaram com algum personagem da história? Qual e por quê?**

Marilyn: Eu me identifiquei com ele criança né? Porque eu também era muito alegre sempre quis ser adulta. Agora, não quero ser mais, não. Quero ser assim. Mas, quando era da idade dele eu brincava com... de adulto, queria nossa! Eu brincava de viajar como se eu fosse adulta. Brincava de rebelde como se eu fosse adulta, né? Risos. E eu me identifiquei com ele quando criança, porque ele era bem... como que diz?

Alissa: Espontâneo!

Marilyn: Não! Ele era curioso.

Marilyn: Não... Ele deixava as coisas “meio maluco”. Ele fazia umas... como é que se diz?

Alissa: Loucuras.

Marilyn: Eu perdi a palavra. Mas ele é... ele fazia travessura. Jogando a bola na casa do vizinho. Eu fazia isso também.

Risos.

Alissa: Tá. Eu não me identifiquei com o personagem em si, mas eu me identifiquei com a história dele tipo quando ele tinha sete anos né? Que ele era uma criança, muito extrovertida, muito curiosa e eu me identifiquei mais com isso.

Entrevistador/pesquisador: **Qual passagem ou trecho da história que vocês mais gostaram e aquela que vocês não gostaram?**

Marilyn: Eu gostei de descobrir que ele tinha um filho. E eu gostei também da parte no final que ele vai na cidade dele e vê que tá tudo diferente e ele pensa “cara foram bons os tempos que eu aproveitei aqui”. E a parte que eu não gostei foi quando contou, quando ele separou da mulher dele. É, no momento em que eles foram viajar e ai eles começaram a discutir. E aí eu vi que realmente quando as pessoas se separam acontece, de repente, num momento tão inesperado. Uma briga já causa um estrago enorme.

Entrevistador/pesquisador: Ótimo! **Após a leitura da obra, vocês podem dizer que vocês gostaram ou não gostaram do livro?**

Murmúrios de: “Eu gostei”. “Eu também”. “Eu também”.

Marilyn: Foi o que eu mais gostei de ler até agora.

Risos...

Entrevistador/pesquisador: É? Então, comente mais. **Por que foi o que você mais gostou de ler?**

Marilyn: É, porque eu gosto de ver como uma pessoa muda de opinião, porque as pessoas não são assim. Algumas coisas em relação... a gente consegue ter uma opinião fixa e não mudar, mas outras a gente muda constantemente. E ele tinha essa coisa, sabe? Ele mudava de opinião com as coisas ao longo que ele crescia de mente, de...

Entrevistador/pesquisador: Amadurecendo, agregando as experiências.

Alissa: Ele via as coisas de uma forma diferente também.

Entrevistador/pesquisador: Ótimo! **Vocês indicariam esse livro pra alguém? Para quem?**

Tiffany: Eu indicaria assim pra pessoas da nossa idade, porque ele fala que ele queria ser adulto e quando ele ficou adulto ele não gostou, criou uma expectativa. Aí tem muita gente que agora se acha adulto e...

Diana: Eu também indicaria pra uma pessoa da nossa idade. Jovens de até pelo menos dezoito anos ou dezessete pra não criar uma expectativa tão grande e pra, no futuro, meio que quebrar a cara meio como ele quebrou também. Pra ter uma coisa fixa.

Marilyn: Se eu achasse uma criança de uns dez, onze anos que gostasse muito de ler, eu, com certeza, indicaria esse pra ela, porque a gente sempre tem na cabeça quando a gente é criança de querer crescer bem rápido, de querer se livrar logo dos pais, ser uma pessoa superindependente. Então, eu indicaria pra uma pessoa mais criança, mas que tivesse vontade de ler sabe? Que tivesse vontade pra ler o livro todo e refletir sobre ele.

Entrevistador/pesquisador: Ótimo!

Alissa: Eu acho que eu indicaria pra uma pessoa que vive no mundo da lua, sabe? Que gosta de sonhar alto igual ele. Aqui ele sonhava alto pelo que eu li. Então, pra ela... eu indicaria esse livro pra ela acabar sendo mais realista em relação à vida dela e aos sonhos dela. Não que eu tô falando “ah, para de acreditar que você não vai conseguir realizar!”, não. É tipo só pra ela ver que tem dois caminhos diferentes.

Marilyn: Ter um pé no chão.

Marilyn: Pra ela ser mais pé no chão. E tipo assim, é acho que deveria servir como exemplo mesmo que alguma coisa der errado, você tem que continuar com ânimo pra tentar, porque uma hora vai dar certo. Se você tentar, vai dar certo. Então, acho que serve de exemplo, o exemplo dele, por exemplo que ele cresceu e foi pra... no final ele foi pra cidade dele viu que as coisas mudaram. Então, eu acho que você tem que mudar também, você tem que se adaptar, porque não dá pra você ficar vivendo pensando no passado o tempo todo. Você tem que se adaptar às mudanças que acontecem no mundo que é impossível você é... controlar isso, porque vai mudar.

Entrevistador/pesquisador: Muito bem! Mais alguma consideração a fazer? Eu agradeço muito a participação de vocês. Obrigado.

Transcrição 5: conversa sobre o livro *Um lugar chamado aqui*, de Felipe Machado

Entrevistador/ pesquisador: É, boa tarde a todos.

Demais pessoas: Boa tarde.

Entrevistador/ pesquisador: Nós iniciaremos hoje, a primeira conversa, a primeira entrevista é... do livro que vocês escolheram para realizar a leitura do livro chamado *Um lugar chamado aqui*. Então, assim, eu quero que vocês fiquem à vontade para falar o que vocês pensam sobre a obra, mas eu preciso que falem um de cada vez. Tá certo? Na hora da transcrição das falas, se todos falarem ao mesmo tempo vai ser difícil identificar quem está falando. Então, preciso que cada um fale individualmente. Quem gostaria de começar a falar da obra; os comentários espontâneos sobre o livro *Um lugar chamado aqui*?

Murmúrios...

Alguém: faça as honras.

Percy: Bem vamos lá. Meu nome é Percy. Eu achei o livro muito interessante é... o romance e tal que o autor descreve. É, eu assim um pouco que eu senti do livro

achei muito interessante o romance que ele fala e um ponto negativo, eu acho que poderia contar mais sobre esse romance, entende? Então, esse foi o ponto negativo que eu achei do livro.

Entrevistador/ pesquisador: Aham. Quem gostaria?

Bom, o que eu gostei...

Entrevistador/ pesquisador: Nome primeiro...

Eu sou a Marilyn.

Risos...

Entrevistador/ pesquisador: Você desliga o ventilador.

(vozes falando)

Marilyn: O que eu achei mais legal assim no livro é a forma que ele é... coloca as palavras no livro sabe? Porque é uma forma legal de você ler e falar as palavras que estão nele, é como se elas combinassem...eu achei muito interessante. E, eu até... eu li mais o livro pela linguagem tipo, que esse aqui, esse lugar, não é bem o lugar no mapa, coisa assim. É tipo um sentimento. Sabe quando você fala: eu to aqui pra tudo? Não, você não vai ta lá no mesmo lugar que a pessoa. Você vai ta lá, tipo pra ajudar ela com sentimentos, sabe? É tipo o... é tipo o coração sem colo se fosse dizer. E eu achei tipo que o livro poderia dar mais informações sobre esse lugar, porque ficou, não ficou tão claro assim, pelo que eu entendi. Se for isso, não ficou tão claro que é esse lugar. É bem difícil de entender ele. E como eu tinha falado, é tipo um livro infantil pra adulto, porque ele tem características de um livro infantil, porque ele é pequenininho, as palavras facinhas, só que é pra adulto.

Entrevistador/ pesquisador: Por que você acha que é pra adulto?

Marilyn: Porque tem que interpretar mais, sabe? Problema que ela (a criança) acho que ela vai ler e, não, vai entender muito.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Marilyn: Mas eu acho que pra adulto, porque tem que interpretar mais, saber o que é esse tal *aqui*.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Aurora: Bom, eu sou a Aurora. Eu gostei muito desse livro, porque ele é um livro que descreve muito a realidade. É, digamos que o *aqui* pode ser ali na esquina, em Vitória, Vila Velha, Guarapari. Então, assim, não é toda vez que todo mundo pode se encontrar, não é uma coisa que... É uma coisa muito real que acontece com muitas pessoas. E esse livro, um ponto negativo dele ele podia ser maior, contar mais a história dos dois, do lugar, o que aconteceu no final, assim.. E sempre que você lê ele dá o gostinho de quero mais, tipo que que acaba, cadê, não tem!

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

E... acho que é só isso mesmo.

Entrevistador/ pesquisador: Tá certo. Quem vai falar agora? Você, Tiffany?

Alguém: Acho que é a Alissa.

Murmúrios...

Murmúrios...

Alguém: É uma democracia.

Alissa: Meu nome é Alissa e eu achei o livro bastante interessante. Porém, eu achei ele muito pequeno. O livro, ao decorrer que você vai lendo, você fica com vontade de ler mais. Porque querendo ou não, ele é meio confuso. Aí, você fica querendo entender, compreender mais. O que eu achei mais interessante no livro é o fato de que... *aqui* era um lugar, como ela disse, onde dois corações se encontravam. O coração da menina e dele e eles só podiam ir para aquele lugar. E, lá, naquele lugar, é as horas iam se passando, eles faziam de tudo para ficar perto um do outro. E quando estavam longe, a saudade como no próprio livro diz, a saudade era do tamanho da distância. Então, eu gosto bastante da conexão que ambos os personagens têm um com o outro. Isso é muito interessante. Porém, eu achei como a Aurora disse dá um gostinho sim de quero mais, porém ele é muito pequeno. E isso, foi um ponto negativo pra mim.

Entrevistador/ pesquisador: Certo.

Sans: Meu nome é Sans. Eu gostei do livro, apesar dele ser um pouco curto. Mas isso, eu não, necessariamente, achei que fosse um ponto negativo nele. Apesar dele não passar muitas informações, ele é um livro um tanto interpretativo. Ele te dá uma margem que é pra você criar os personagens do negócio, apesar de não me inscrever no tamanho....

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Sans: Cê pode identificar essa mesma... esse mesmo sentimento que o livro passa em vários casos e histórias. E tem um negócio... tá transmitindo ultimamente em várias mídias. Que você pegar um tipo de mídia arte ou estilo, pode ser uma arte pra criança ou pode ser outro tipo de arte que não é muito comum e colocar em um tema mais abordado. Um tema mais pesado. E eu gostei disso. O livro conseguiu fazer isso muito bem, de forma simples.

Entrevistador/ pesquisador: Certo.

Diana: Bem, meu nome é Diana e eu, particularmente, gosto muito de ler livro de romance só que eu prefiro pegar livros com mais é... conteúdo, mais é... como posso falar, com mais páginas.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Aurora: E eu achei ele bem curto. Foi uma novidade, porque eu não estou acostumada a ler esse tipo de livro é... curtinho, é com poucas descrições, com pouco conteúdo. Mas eu gostei dele. É... foi legal, porque ele misturou Geografia, Língua Portuguesa, Sociedade, Arte. É muito legal e é isso!

Entrevistador/ pesquisador: Certo!

Tiffany: Meu nome é Tiffany. Eu, particularmente, não gostei do livro. Por quê? Porque eu achei que ele parecia muito poeta e eu não gosto de poesia, não gosto de romance e ele é muito pequeno. Eu também tipo... eu também fiquei muito triste em saber que eles não conseguiam um ir pra lá e outro parar ali. Aí, eu fiquei triste em saber que a sociedade deles não deixava.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum.

Tiffany: Esse foi o meu ponto.

Entrevistador/ pesquisador: E isso tem alguma relação da pra fazer algum link com o mundo real que nós vivemos? Tem como fazer algum exemplo desse, desse, desse tipo?

Entrevistados: Bastante. Sim. Com certeza. Aham. (ao mesmo tempo)

Marilyn: Eu acho que dá, porque tipo assim a gente tem, conhece pessoas que moram longe e você tem uma proximidade muito grande delas. E mesmo você não tando junto no mesmo lugar que ela, você consegue se conectar com a pessoa. Mas aquela que esteja em outro lugar, bem longe de você.

Entrevistador/ pesquisador: Certo. Alguém tem mais alguma questão pra falar?

Em relação às ilustrações, as imagens do livro. Vocês acham que essas ilustrações, essas imagens vêm pra somar ou elas não são importantes, ou é, apenas, um desenhinho pra deixar livro um pouco mais vistoso?

Sans: Ela me lembrou um jogo chamado *Limbo*. Que ela também é um jogo muito vazio em questão de história. Não propõe desafio também, é só uma questão de contar uma história mais vazia pra você concluir com o que você mesmo quiser. E o tipo de imagem que é colocado nas duas obras é uma imagem também muito simples que te dá só o sentimento do que o cara tava escrevendo, saca? Tipo quando você vai lendo e vai vendo as imagens te dá mais ou menos uma noção do que que é o mundo do cara, sacou?

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. Muito bem! Alguém quer fazer mais algum comentário em relação ao livro? E aí, eu quero saber, pra, agora, deixar bem claro, todos vocês, se vocês indicariam, se vocês gostaram do livro ou não. A Tiffany já deixou bem claro que ela não gostou do livro. E se vocês indicariam... e se vocês gostaram ou não e se vocês indicariam o livro lido pra alguém, e se sim, pra quem. Pra que tipo de pessoa, que tipo de público vocês acham que interessaria em ler um livro assim?

Alissa: Eu acho que interessaria pra um público que não está acostumado a ler livro, porque ele é um livro pequeno. Mas eu acho ele muito interessante, porque por mais ele tenha poucas palavras, ainda assim, você gosta de lê ele. Porque, sabe é intrigante. Não, só as palavras, mas as imagens também. Eu acho que elas vêm pra

somar pelo fato dele não ter muita coisa. Aí, as imagens acabam complementando tudo isso. Eu acho que eu indicaria pra uma pessoa como eu disse, que não está acostumada a ler.

Entrevistador/ pesquisador: Uhum. Certo.

Marilyn: Eu indicaria mais pra uma pessoa que gosta de pensar algo sabe?, além das coisas, porque eu acho que interpretei uma coisa diferente do que as outras pessoas podem interpretar quando lê o livro. E é um livro divertido de lê, porque ele é pequenininho, mas você consegue tirar uma coisa grande dele, sabe? Você consegue é... pensar numa coisa maior, de como isso é real, sabe?, como isso acontece mesmo. Mesmo as palavras sendo fáceis e poucas. Aí, eu tipo indicaria esse livro pra alguém que gosta de pensar mais alto, sabe?

Entrevistador/ pesquisador: E você gostou do livro?

Marilyn: Sim... eu gostei.

Entrevistador/ pesquisador: E você, Alissa? Gostou do livro?

Alissa: Sim, gostei.

Entrevistador/ pesquisador: Aham. Aurora?

Aurora: Bom, é... eu indicaria esse livro mais pra adolescentes que não têm costume de ler, porque na nossa idade, muita gente não pega um livro de duzentas páginas e lê tipo vinte. E esse livro, ele é pequeno, tem poucas palavras em uma página. Então, a pessoa vai ler e nem vai perceber que terminou. E nisso faz com que a pessoa vai... tenha o hábito de ler. Se ela Começar a lê isso. E isso é muito interessante, pessoas que tenham imaginação fértil também gostariam, porque depois que lê o livro vai começar a pensar nisso. Eu, por exemplo, fiquei pensando um tempão pra vê como que poderia ter terminado. E eu gostei muito desse livro.

Entrevistador/ pesquisador: Certo. Você indicaria esse livro pra alguém, Tiffany? Você indicaria o livro pra alguém?

Tiffany: É... como as meninas disseram, eu indicaria também pra uma pessoa que não é acostumada a ler. Por ele ser pequeno e é interessante... pouco.

Entrevistador/ pesquisador: Tá bom.

Murmúrios... risos.

Diana: Eu indicaria pra... pra um público mais jovem, porque é claro que nesse livro, a sociedade tá impondo na vida de ambos. E pelo menos na minha visão é... os jovens hoje vivem numa bolha em que a sociedade tá impondo essa bolha. Você pode ver aquilo, ou você tem que seguir o padrão da sociedade. E esse livro é claro, é... nisso. Eu acho que é bom pra gente vê que não é... a gente não precisa seguir só o padrão que a sociedade impõe, que a gente pode ter outros tipos de pensamento tanto político, tanto social quanto qualquer outra coisa. E eu indicaria esse mais pra público jovem que tá meio que em fase de crescimento quanto de mente, de corpo, de tudo.

Entrevistador/ pesquisador: Ok.

Sans: Eu gostei do livro até certo ponto. Acho que tem outros... outras histórias, outros tipos de mídia com mesma abordagem aberta que, por isso, é melhores que eles. Eu até indicaria. Diferente do que a maioria falou, não pra alguém que tá começando a ler. Eu acho que pra você, tipo começar apreciar uma história assim, você tem que não necessariamente leitura, mas algo, tipo aprender a mergulhar na história pra poder conseguir sentir o que os personagens escrevem sabe? Acho que eu indicaria alguém pra, que já tá acostumado a ler.

Entrevistador/ pesquisador: Ok.

Percy: É... eu indicaria esse livro para um público jovem e também para aquelas pessoas que não gostam muito de ler. e, também, principalmente pra aquelas pessoas que estão convivendo em um romance, porque também é possível é... comparar esse livro na realidade.

Entrevistador/ pesquisador: Na realidade. Alguém tem mais algum comentário a fazer?

Não...

Entrevistador/ pesquisador: Sendo assim, hoje, Terminamos, então, a gravação e a entrevista com a primeira obra, *Um lugar chamado aqui*, de Felipe Machado e Daniel kondo. Obrigado, meninos.

Aplausos.